VIDA, E FEITOS

DE

FRANCISCO MANOEL GOMES

DA SILVEIRA MALHÃO,

Escrita por elle mesmo:

Com as Obras quantas compôz em prosa, e verso, até ao Anno de 1789: o solemne da sua Formatura, semeadas pelo corpo da Obra nos seus respectivos lugares, com as Rubricas mais competentes; e com as posthumas de seu Irmão, Antonio Gomes da Silveira Malhão.

TOMO III.

LISBOA. M. DCC. LXXXXVII.

NA OF. DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.

Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.

Vende-se na loja de Francisco Antonio Rodrigues, Livreiro, junto á Boa Hora do Chiado: Na mesma se vendem o I. e II. Tomo.

Ruim seja o que por ruim se tem.

Bento Pereira no Thes. da Ling. Portug. P. II. p. 237.

Taxão este Livro em papel em trezentos e vinte réis. Lisboa 26 de Julho de 1797.

Com quatro Rúbricas.

PQ
9261
G63A3
t.3

LIBRARY
MAY 23 1968
UNIVERSITY OF TORONTO

AOS LEITORES.

AMigos, a razão da demora deste III. Tomo, eu vo-la faço saber nas Cartas que recebi, e na resposta que dei.

CARTA AO AUTHOR.

Amigo Malhão.

DE ha muito a esta parte, e não sem alvoroço, esperamos a sahida de teu III. Tomo: tu não deves enganar o Público, e os teus Amigos desejão anciosos ver-te já formado, e acabadas tuas Aventuras até esse instante, na fórma que o annunciaste: eu sei que tem tido extracção grande: e assim não sei que motivo possa haver, para que tu te descuides tanto: ora não nos trates de modo que não correspondas á nossa amisade, malogrando os nossos desejos.

Teu Amigo.

J. J. B. L.

RESPOSTA DO AUTHOR.

Amigo.

REcebi a tua Carta, e a fallar-te com o coração nas mãos, aſſentei fixamente que nem tu, nem os outros terião já lembrança deſte Condiſcipulo; mas ainda bem, que morrendo para alguns, ainda vivo para muitos: Vamos ao caſo.

Eu já levava em boas alturas o meu III. Tombo, ou boleo: li porém o Jornal de Maio, e tomei tedio a ſer Eſcritor, reconhecendo haver-me enganado, pois a fraſe de que me ſirvo, e de que me pagava, como propria da Obra, he o que ahi principalmente ſe ataca: não nego que por outra parte eſte Critico me prodigaliſa louvores, mas ſempre são ſuſpeitos á viſta do menoscabo, com que os entrelaça por entre a cenſura magiſtral com que me falla; neſtes termos, aſſento ſer pezado ao Público, e devo em conſequencia alliviá-

lo

lo deſte diſpendio, bem que voluntario : em Agoſto nos veremos, e mais largamente trataremos deſta materia.

Amigo, e verdadeiro Amigo.

Franciſco Malhão.

Reſpoſta deſta Carta pelo meſmo Amigo.

Meu rico Malhão.

NÃo te ſuppunha ainda tão reſtricto a opiniões vagas, nem tão amante da tua reputação ſcientifica, que chegues ao ponto de não querer que haja quem te cenſure : enganas-te, e pelo contrario obſervarás que não ha livro com geito, de que ſe não ralhe. Tu a eſtas horas imaginas, que os Authores do Jornal tem em ſi o penſar do mundo inteiro, ou que são como huns Almotacés deſte genero ? não he aſſim, pensão como querem, e dos ſeus diſ-

cur-

curſos tambem cada hum penſa como lhe parece : elles tem alguma razão na hypotheſe , de que tu imaginaſte huma Novella , e não ſabem que tu contas factos , bem que da vida commum , com tudo , acontecidos , e preſenciados por nós outros que lhes achamos a graça , que elles não podem achar-lhes ; e com effeito o ſer a tua vida huma producção da fantaſia , então era certamente huma fantaſia pobre. Não deve a meu ver ſer eſte o motivo de nos privares de ver completa a Obra, muito principalmente , quando tu a tomaſte de empreitada , e os teus cenſores trabalhão de jornal : de maneira , que tu trabalhas para te utiliſar , e elles com o meſmo fim fórmão os ſeus juizos ſobre as Obras dos outros. Lembra-te que quem entende não preciſa da lição do Jornal , e quem por ella ſe guia , então faz pouco vulto o negar-te o teu voto , pois que hum conto que do Jornal aprendão , não tem mais pezo do que o

meſ-

meſmo Jornal: e quanto á fraſe, ſou de voto que ſigas a meſma em que começaſte, ſalvando ſempre a opinião dos Criticos; e o Diccionario que elles appetecem para a ſua intelligencia, cá ſe lhes fará. Regala-te, e continua, e para Agoſto te eſpero com elle.

Teu Amigo.

J. J. B. L.

EPO-

EPOCA VII.

CAPITULO I.

§. I.

REalisada por Ordem Régia aquella mesma ordem, e arranjamento, em que me havia illegitimamente constituido no terceiro anno de Leis da maneira, e modo que hia historiando no Tomo II. Epoca VI. Cap. III. §. XVIII. com o qual abotôa quanto agora se segue, dada assim a razão de ordem, e carencia de fugitivos; cuidei seriamente em fazer-me digno do favor, e em sustentar o posto que havia tomado, temperando os frios das manhãs com as boas esperanças de vir huma, em que acordasse vanglorioso conductor

de minhas Cartas : não fiando isto sómente de minha tenção, mas tambem do zelo, com que o Senhor Monteiro, meu Mestre daquelle anno, sollicitava o adiantamento de seus discipulos; certo por huma tradição constante, de que elle se não abalava, nem a rogos, nem a caramunhas: pelo que posso affoitamente jurar, que neste anno estudei mais, do que nos outros dois antecedentes, tomados ambos pelo grosso.

§. II.

Nunca se me fez violento, que me pedissem lição: era-me suave huma Dissertação até por Semana; e sem espanto ouvia o meu nome, resmungado pelos Bedeis, em occasiões de Sabatina: consistia o meu incómmodo, em me levantar tão cedo, com o frio com que o clima de Inverno presentêa a quem alli vive: e por isso não escapei a ser apontado em aquelles dias, nos quaes cheirava a impiedade por hum homem o corpo de porta a fóra, embrulhado em huma ba-

ti-

batina, cujos fios andavão em divorcio huns com outros, e debaixo de hum chapeo de Sol, e chuva, que á boca de cada rua, era defenfado do vento, riſo de quem paſſava, e conſumição de quem o conduzia.

§. III

Em fim com huma no cravo, outra na ferradura, hia eu levando o meu anno direitinho, ſem que já ſe eſcrupuliſaſſe ácerca de minha Doutorice; ſe bem que não houveſſe de todo apoſtatado de funções caſeiras, furias de campo, e rio, e das mais farofias, em que o meu eſtabelecimento tinha as pedras fundamentaes, e ſem que eu não podia firmar paſſo, ſem que me arriſcaſſe a deixar raſto.

§. IV.

Além dos amigos que ſempre me ajudárão, e de que tenho tratado, contei de novo a Antonio Roiz: Caldas, Joſé Pereira Caldas, Antonio de Souſa Caldas, Filippe de Souſa

Canavarro, D. Diogo, e D. Luiz de Souſa, que todos me recebêrão em protecção, aggregado pelo meu eſtimavel amigo Joſé Calheiros, Mathematico-Fyſico, homem digno de maior fortuna, e que ao preſente não ſei como della lhe vai, e nas meſmas circumſtancias o conſidero a reſpeito da minha: mas vamos andando.

§. V.

Ainda que eu de todo não tinha arrumado a guitarra, ſempre me eximia quanto era poſſivel de funções, por me haverem aviſado, de que meu Meſtre não olhava bem para Poetas, não obſtante ſerem citados no corpo do Direito, e haverem com a ſua melodia arrebanhado os primeiros homens, levando-os dos deſertos, para ſe arrancharem nas Cidades: por iſſo me lembro de fugir a eſtes ataques, e muito bem me recordo, que o primeiro gazeo, que fiz no 3.° anno, foi por ir aſſiſtir ao Noivado de certa menina, hum tanto

to bella, por nome Joaquina, aonde foi muita gente, e aonde eu depois de improvilos, encaixei, como feito alli de repente hum Soneto, o qual a hum igual aſſumpto tinha ſido Obra dos meus dias da Torre d'Aguilha: foi elle muito applaudido, e copiado, e he o que ſe ſegue:

SONETO.

No regaço de Venus reclinando
Amor o lindo roſto, ſuſpirava,
A mái no amargo pranto, que eſpalhava,
O candido ſendal hia enſopando.

Da frente as loiras tranças arredando,
Nas faces rubicundas o beijava;
A cauſa de ſeu pranto perguntava,
Ao que Amor reſpondia ſoluçando.

Choro, querida Mái, meu proprio damno,
Pois o roſto perdi mais delicado,
Com que dos coraçõẽs me fiz tyranno:

Liguei Joſina em Hymeneo ſagrado,
E por fazer feliz hum ſó humano,
Fiz o reſto dos homens deſgraçado!

§.

§. VI.

Neste anno houve Abbadeçado em Sendelgas, em que se não dispensou a minha assistencia, e ahi, além da função ordinaria, houve máquina aerostatica, ordenada por huns curiosos, e a mais feliz do que todas daquelle anno, sendo então este o frenesi, que produzio infinidade destes papagaios, a que huns davão o nome de balões, outros de manicas, e os rapazes de monicas: prégou de arraial, com o seu costumado espirito, José Pedro da Silva Nolasco, e glossou com geral applauso Joaquim Baiana, Poeta, que então appareceo naquelle outeiro, assim como os trabalhos, que facilmente surgem debaixo dos pés; e a final houve joguinho em que pela vez primeira sahi de lucro.

§. VII.

Tornado a Coimbra, e no meio de minha fervorosa applicação appareceo Henrique José de Castro com a sua primeira Tragedia intitulada

Pria-

Priamo; e como goſtei della atanazei-o, para que melhor a goſtaſſemos poſta em Scena: apparecêrão difficuldades, como v. g., veſtidos, caſa cómmoda, e perſonagens: a tudo ſe derão ſahidas; e como elle ſe não poupava a gaſtos, nem o Pai ſe lhe dava delles, mettemos mãos á obra, tirárão-ſe, e repartírão-ſe as partes, e muito em ſegredo ſe começou a agenciar a repreſentação: fiquemos aqui porque o reſto pertence a outro lugar.

§. VIII.

Tinha meu irmão ficado em mais deſcanço das Muſas, em conſequencia de moleſtia que lhe ſobreveio; e ſe bem que o eſtro lhe não tinha affracado, com tudo, os mais apaixonados dos ſeus verſos lhe quartavão os improviſos, e affaſtavão de exceſſos; e por iſſo tambem eu me eſcapolia de andar tanto na maromba: ás vezes porém era preciſo comparecer nas funçanatas, e tanto, que eſtando elle não pouco doente, aſ-

ſim meſmo nos não podémos diſpenſar do obſequio a certo Fidalgo aportado a Coimbra, e foi então, que elle parece ou advinhava que pouco tempo lhe reſtava para verſos, ou a ſua Muſa tomou eſpecial partido no feſtejo daquelle dia; porque apparecendo depois de outros aſſumptos o Verſo: *O teu roſto encantador*, depois de hum extenſo, e aſſiſado improviſo, rematou com a Decima ſeguinte:

Quiz hum dia a Natureza
Fazer huma couſa rara,
E conſta que meditára
Mais d'huma vez neſt'empreza:
Da branca neve á belleza
Juntou do çarmim a côr;
Pôz-lhe fogo abrazador;
Tudo o que he bello lhe unio,
E deſta maſſa ſahio
O teu roſto encantador.

§. IX.

Indo as couſas como tenho dito,

e

e chamando-me Anarda com choradeiras amoroſas, chegado o tempo do Natal, com anticipação de alguns dias, marchei para Obidos, levando no primeiro a marcha a Pombal, e no ſegundo a Leiria, aonde fiz a minha entrada ás quatro para as ſinco horas da tarde.

§. X.

Como eu quando alli repreſentei vim ao theatro no fim da peça armado de guitarra, e entre alguns verſos ſobre que fiz quadras, foi hum delles: *O Malhão faz a folia*, apenas os rapazes me vírão entrar, ao ſom dos eſtalos da minha retumbante manopla, começárão de ſeguir-me, poſtando-ſe huns pela frente, e outros á eſtribeira arremedando o meu tom de improviso, e invertendo o verſo, pois que na confuſa vozaria, ſómente lhes eſcutava: *O Malhão vai na folhinha.* Aſſim me acompanhárão até ao Terreiro, ſitio da caſa do meu bom amigo Miguel Luiz da Silva e Ataíde,

de, aonde fui recebido, com alvoroço, e ahi se fizerão versos á roda de hum excellente brazeiro, com que se resiste ao frio de similhante estação.

§. XI.

Nessa noite ourinárão as nuvens diabeticamente, e se eu de madrugada não abalasse sem dar palavra, certamente ficaria de morada; e tarde me chegaria a hora de fazer o meu rompante de estalo, dando assim aviso a Anarda, de que era aportado aos Paizes natalicios, a fim de gozar os saborosos, posto que acanhados prazeres de a ver ao largo, e tratar de longe pela frase subsidiaria dos acênos, na vaga de escrever, e ler escritos, saudavel pasto dos namorados.

§. XII.

Vencendo hia eu os lamaçaes que se alojão todos os Invernos, no plano que se extende entre a Galpilheira, e a Batalha; aqui esbarro, alli me atolo, influindo ao cavallinho o ani-

animo poſſivel, quando, ó Santa Virgem, entrou a zunir-me pelas orelhas a chuva mais fria, e groſſa, que o meu capote agaſalhou nos muitos annos em que me ſervio, em jornadas deſta categoría, dei de picar o potro ſem alma, nem conſciencia; mas quando cheguei á Batalha, não levava enxuto, ſenão a parte do corpo, e do fato, que aſſentava em cima da ſella, e por felicidade a mala, por ſer nova, e cahir-lhe o capote por coberta, ſem fazer dobra, e não ter buracos por aquella parte.

§. XIII.

Pertendi mudar de veſtimenta, mas achei a eſtalagem tão deſprovîda de lume, e de couſa que a elle ſe pozeſſe, que tomei por melhor partido, ir atirando comigo para S. Jorge, a cuidar da humanidade com mais cómmodo: e depois de outra igual fadiga, pela ladeira que ſe ſegue áquella Villa, dei finalmente fundo na appetecida eſtalagem,

aon-

aonde até achei para almoçar hum porco morto de freſco : dei as ordens neceſſarias , e fui cuidar da alimaria , que eſtava como ſahida de hum banho.

XIV.

Mudei de roupa , e feito iſto me aſſentei á meza , cara a cara com huma frigideira de carne de porco , recem-falecido , namorando ao meſmo tempo hum azado pichel de vinho branco ; e engolindo eſtava eu , quando de repente appareceo á porta huma patrulha de Soldados , e no meio delles hum Mocetão bem fornido , ſentado em huma egoa de albarda , porém com os pés adereçados com robuſtos grilhões ; apeárão-no , e conduzírão para dentro , e elle me ſaudou com hum ar muito deſenfaſtiado , e com baſtante pachorra ſe aſſentou , mas ſempre com dois camaradas á viſta.

§. XV.

Offereci-lhe do que taſquinhava , e por ſignal que elle nenhuma dúvi-

da

da pôz em acceitar, do que nada ſe me deo, não ſó porque nunca offereço por comprimento, mas tambem porque o almoço era grande, e me achava hum tanto nauſeado, pois ás duas por tres fui deſcobrindo mais gorduragem do que carne magra, couſa que nunca arranjou bem no meu eſtomago: e pelo contrario o meu hoſpede de meza, levava-ſe por ella com todo o deſenfaſtio, quer foſſe que lho pediſſe o ſeu paladar, quer lho rogaſſe a fome daquelle dia.

§. XVI.

Lá vai, cá corre; e entre mais a mim, e mais a ti, pedio-me elle licença para dar hum copo de vinho a hum Soldado, ao qual ſómente tratou pelo nome de Lopes: e me diſſe que daquella patrulha era o unico a quem devia obrigações, pois ſó elle o tratava com caridade no ſeu infortunio.

§. XVII.

Iſto deo aſos a que eu lhe pergun-

guntaſſe a cauſa de ir a ferros, e debaixo de huma tão eſcrupuloſa ſegurança: ao que elle me ſatisfez com huma energía, e deſenfaſtio, que nas palavras reluzia a verdade de quem as articulava: e ao paſſo que eu me entriſtecia com a narração, ſe ſurria elle, fazendo-me reflectir, que quem eſtá no mundo, ainda póde paſſar por couſas maiores, e que outros conhecêra em peior eſtado, do que elle ſe via: e o caſo he o ſeguinte, ſegundo elle contou, e os guardas não contradiſſerão; o qual eſcrevo *parum ve*, *minus ve*, para inſtrucção do que póde hum inimigo.

§. XVIII.

Naſcí de Pais honrados, me diſſe elle, e nunca fui de fazer cortezias, nem bajulações, acompanhadas de caretas, e torcicóllos, nem de peccar contra a Lei em prodigaliſar tratamentos que exigem certos fantaſmas, que amanhão Fidalgos com mais facilidade do que hum olleiro

faz

faz huma púcara na ſua roda. Por morte de meus Pais fiquei Adminiſtrador de huma pequena Capella, proveniente da parte de minha Mãi : ha perto da minha habitação, hum Cavalheiro, que he realmente o dizimo do que pertende, e como a minha lingua não lhe atinava com o poſtiço tratamento que os aduladores lhe dão, tomou-me em odio tão mortal, que manejando o ſeu dinheiro, e valimentos fez apparecer hum filho de meu Avou materno, maior em naſcimento do que minha Mãi, ao qual poſto que natural fez julgar Adminiſtrador da Capella de que eu me mantinha em fartura, e independencia, porque não excluia baſtardia, gaſtando para iſſo tanto, quanto poderia tirar-me, com o unico fim de cevar a raiva que me profeſſava : clamavão que ſeguiſſe o pleito, porque a prova da naturalidade nos era concludente : eu porém que vivia deſgoſtoſo, e me chamava hum Tio paterno, que tinha no Serro do frio,

dei-

deixei tudo, e fui para elle, a gozar da tranquillidade que sempre amei: dispuz a minha jornada, e fiz a despedida ás poucas pessoas, com quem convivia, e chegado ao Porto, embarquei-me logo, e fiz a minha passagem para a America, com vento favoravel.

§. XIX.

No dia seguinte á noite da minha retirada aconteceo achar-se morto hum rapaz, que havia sido creado do Cavalheiro: e este ainda não contente de me privar da fazenda, aproveitou o indicio de minha partida, comprou testemunhas, e me fez pronunciar author daquelle delicto, deixando-se assim ficar, com aquelle punhal, que a todo o tempo podésse desembainhar contra o meu socego.

§. XX.

Passados dezoito annos, e morto meu Tio, herdeiro de seu cabedal, e saudoso da Pátria, embarquei-me para o Reino; e quando cuidei que vinha ter em frugal descanço o resto

de

de meus dias, e achei pela prôa a Sua Senhoria, o qual apenas ſoube de minha chegada, mecheo o crime que me havia engendrado, e deo comigo prezo, na meſma noite em que tornei a recolher-me no meu albergue.

§. XXI.

Entrei a querer patentear a minha innocencia, mas ví que a empreza era difficultoſa á teſta de hum tal inimigo, cheio de valimentos por o ſer de dinheiro, e para obſtar a tantas difficuldades, eu meſmo implorei ſer removido para Lisboa, a fim de que em huma terra, aonde aquelle gigante fica ſendo hum Pigmêo, melhor, e mais azadamente faça concludente a minha defeza, não ſó pelo que reſpeita á liberdade, mas tambem para remover a ſuſpeita, de que fora capaz de perpetrar hum homicidio, pois que a honra, e boa reputação ſe fazem tão eſtimaveis ao homem de bem, como a propria vida.

§. XXII.

Veja voſſe, me dizia elle, brandindo o garfo; veja voſſe o que póde, e a quanto obriga a negação de huma Senhoria! Tenho com tudo a optima quartada, de que na noite da minha jornada, e a da morte que ſe me attribue, entrei para huma caſa ás Ave-Marias, aonde eſtive effectivamente na companhia de doze peſſoas, e della, por felicidade ſómente ſahí, para montar a cavallo, a tempo que rompia o dia, ſendo até meia legua acompanhado de quatro dellas, accreſcendo de mais a mais, que ao morto não ſe achárão, nem feridas, nem contuſão de qualidade alguma.

§. XXIII.

Com eſta hiſtoria nos entretivemos, até que o Guardião da comitiva, diſſe que era tempo de partir, e niſſo foi elle cuidando, e eu; e ouvido o *faça-lhe bom proveito* da eſtalajadeira o fui acompanhando, até onde o caminho ſe divide para Lisboa,

boa, e Alcobaça; ahi lhe disse o *vale*, e vim picando para Aljobarrota, cuja ladeirola desci com o Credo na boca, chapinhando barro, e por entre nuvens de agua.

§. XXIV.

Foi esta segunda molha de tal natureza, que precisei novamente de mudar de fateota: mas porque nunca fui de trastes superfluos, em attenção a alguns delles por alagados, foi preciso soccorro da cama, entrementes, que os dei a enxugar á fogueira; e por isso foi tambem consequencia forçosa, amalhar alli o dia, e a noite, ouvindo os effeitos da chuva que apanhei, no embate do rio com a ponte visinha, e no espalhafato do telhado por muito mistico: e como me achava com tanto vagar, lembrando-me destes fracassos, e de outros, e tambem do miseravel prezo, cuja historia tinha filada nos ouvidos; roguei hum tinteiro, e produzi o seguinte que não pude rimar, segundo o meu costu-

me, pois creio que a Muſa ſe me deſencreſpou com a chuva, aſſim como os caracoes de meu cabello.

Ao dito.

Diſcordes lutão na nublada esfera
Os rijos ventos, e rodando as Pleidas
Do alto envião o choveiro eſpeſſo
Que o monte alaga.

Rajadas frias encanadas correm
Por entre os valles, e ſoberbo o rio
Montando as moutas, derribando os troncos
A terra eſcava.

Fadigas perde, os ſuores fruſtra,
E tu, Colono, do portal eſpreitas,
Pállido o roſto, malogrado o fructo
De teus trabalhos.

Aſſim ſe afflije pela noite eſcura
Paſtor que eſcuta o oivar tremendo
Da féra brava que ciladas urde
A's rezes manſas.

Ninguem reſpira ſem temor na terra
Debalde buſco hum ſeguro aſylo
Sáo tudo tramas, e no mundo todos
Tem ſeus contrarios.

Por entre as flores de mimoſo cheiro
Nevados dedos deſcuidados achão
O dente agudo de letal ſerpente,
Que aſtuta morde.

Onde mais doce verde relva paſte
Tenro cordeiro, que ao paſtor ſe alonga,
Ahi nas garras de faminto lobo
A vida perde.

No porto amado que ancioſo buſca
Depois d'as Circes, e os eſcolhos duros
Vencer poſſante, marivago lenho
Ao fundo deſce.

Aſſim me encontro alguns outros acho,
E ſempre o tempo nos deſcobre a todos
Que he monſtro enorme, he deſgraça horrivel
Hum inimigo.

§. XXV.

No dia ſeguinte appareceo a Aurora com aſpecto mais favoravel, e feito o bico ao ſacho, por meio de maſtigar, trepei a mizela, e deſenrolando quatro eſtalos, virei prôa á veſtiaria, cavalguei a ſélla, e por eſcapar ás arêas cégas do rio Xarnais, deſcambei ſobre Alfazirão, paſſei Tornada, palrei nas Caldas, e finalmente entrei na minha Pátria, quando o Soi começava a deſcahir para a parte de ſua tumba.

CAPITULO II.

§. I.

AO paſſar pela porta de Anarda, appareceo ella, mas no encontrão das noſſas viſtas, não deſcobrí aquelle prazer, com que o ſeu roſto coſtumava apparecer-me; entrou logo a doer-me o cabello, e eſcancarou-ſe a porta á juſta deſconfiança, de que a minha retirada tinha feito abrigar em ſeu coração algum objecto mais

fi-

fixo na terra, e não sujeito aos vais, e vens, em que eu sempre andava: assim o pensei, mas não me quiz dar por achado; e me propuz a huma observação manhosa, a fim de que com acerto lhe fizesse o que já tinha feito a outras pelas mesmas culpas.

§. II.

Ainda sem eu chegar á ultima prova, já hesitava muito pouco ao cabo de tres dias, que a Senhora Anarda me havia feito gambernia, e pregado mono; até que para tirar o taibo a qualquer dúvida, me deparou a fortuna huma sahida da terra, da qual lhe dei parte: e como esta se frustrou, e ella me suppunhá ausente, teve a embatucação de acharme por testemunha do galanteio, e expresões de aceno, com que entretinha aquelle mesmo sugeito, para quem minhas suspeitas se inclinárão sempre: isto me sobejou, e logo segundo o meu costume, lhe mandei a despedida em verso; pois como

mo

mo por verſos começava os meus namoros, em verſo os devia finaliſar, em contemplação do axioma juridico *per quaſcumque res naſcitur*, e conſtava a remeſſa da ſeguinte

CANÇÃO.

Aquelle dia, ha tantos agoirado
Pelo meu coração, que he bem deſprezes,
Chegou; peito fingido, e refalſado!
Depois da fé jurada tantas vezes!
E mal ſuppunha,
Que do engano, e da affronta, Anarda injuſta,
Por mal maior eu foſſe teſtemunha!

Oh como differente me aviſtaſte
D'aquelles dias que por mim choravas!
Debalde regozijo me affectaſte,
Que eu vi logo os enganos, que occultavas:
Em vão pertende
Sentimentos traçar hum falſo geſto,
A quem do roſto humano a fraſe entende.

O riſo verdadeiro não ſe eſpalha,
Sem outras fórmas, que o ſentir lhe empreſta:
Se a pallidez a grande ſuſto falha,
A falſidade he logo manifeſta:
Trabalha em vão,
Quem quer pintar na face induſtrioſa
Aquillo, que não ſente o coração!

Pois não pódes negar-me a juſta queixa,
E offenſas não ſupporta hum peito honrado,
Na poſſe deſſe bem, por que me deixas,
Em paz reſpira, peito a enganos dado!
Eu qualquer dia
Ouvirei os queixumes, que elle fórma,
Que apoz huma vem outra aleivoſia.

Canção, dize-me a amor, que ao meſmo paſſo,
Que minha alma fez branda ás ſettas ſuas;
Me torna o deſengano o peito d'aço
No caſtigo devido a offenſas cruas,
E nem me cuſta
Huma lagrima ſó, hum ſó deſgoſto,
Para ſempre deixar huma alma injuſta.

§. III.

Impinjido aſſim o recado, e morta a paixão de tanto tempo, logo ao terceiro dia de minha chegada, veio-

veio-me á cabeça ir concluir em Lisboa, o que me reſtava de ferias, e de lá meſmo fazer a conducção para Coimbra: iſto foi aſſentado no dia da Carta, e dado á execução no que ſe lhe ſeguio: e eis-aqui, como eu me deſapegava deſtas bandoleiras, que amão por moda; gente de que no meu tempo havia muita, e creio que hoje ſerá o meſmo, porque o tempo não muda de todo as condições.

§. IV.

Chegado a Lisboa, viſitei os meus conhecidos, e camaradas, e cuidei em arranjamento para Coimbra; e foi então que eu recebi de hum favoravel amigo o producto de huma papeleta impreſſa em 1783, a qual me ſuggerio o freneſi de Satyras, contra os peraltas, e que não foi no ſeu lugar competente, por a haver perdido; e ſó me vir á mão depois de alinhavado o ſegundo Tomo; mas como mais vale tarde do que nunca, aqui a tendes, e novamente vos repito as ſúpplicas de ſeu Prologo.

SA-

SATYRA
EM LOUVOR DAS MODAS,
OU
ESCUDO DE PERALTICE:
OBRA UTIL
A Velhos, e Velhas, Meninos, e Meninas,
COMPOSTA, E OFFERECIDA
AOS SENHORES PERALTAS,
E CASQUILHOS DE LISBOA,
POR SEU AFFEIÇOADO SERVO
F. M. G. S. M.

Multa renaſcentur, quæ jam cecidere cadentque
Quæ nunc ſunt in honore... ſi volet uſus
Et juvenum ritu florent modo nata, vigentque.

Horat. in Arte.

FLORENTISSIMOS SENHORES
Peraltas, Xibantões, e Caſquilhos de Lisboa.

AQuella honra, e valor, que ſómente herdei de meus Avós, cujas façanhas ou o tempo as não reſpeitou, ou elles nunca as fizerão, forão

rão quem me animou a declarar-me da voſſa parte, no meio de tão frequentes batalhas, que as Muſas freneticas vos tem dado nos vaſtiſſimos campos de huma Satyra deſcarada. Bem vejo que o meu auxilio he muito diminuto; porém como hum pão com huma fatia accommoda mais, eſta a razão, por que alinhavei eſte papelinho, a que levantei o falſo teſtemunho de Satyra, e reverente vo-lo offereço. Se aſſentardes que niſto vos fiz algum beneficio, ou ao menos obſequio, recompenſai com as voſſas moedas de dez réis, a fim de que poſſa ſer hum decente defenſor do voſſo partido, não ſó eſcrevendo, mas imitando o voſſo aſſeio.

Valete.

Se

SE entre nos de bigode á Fernandina,
Golilha por gravata, e pequenina
Capa dos altos hombros pendurada,
A trança pelas coſtas deſatada,
Hum chapéo mui pequeno, e deſabado,
Calças grandes, çapato desbicado,
Hum varão circunſpecto apparecêra,
Que paſmo aos noſſos tempos não trouxera!
A elle a petulante rapazia
Em tropel das eſquinas correria,
Como ao calvo Eliſeu, ou *Man'el Coco*:
Que ſério ſe não ríra do deſcoco
Do tenaz Antiquario? qu' importára,
Qu' elle co' s braços grande voz alçára,
E diſſeſſe gritando: „ Deſta ſorte
„ Arremedo eſſes filhos de Mavorte,
„ Qu'o Rei, e a Pátria tant'authoriſárão;
„ Eſtes são os enfeites, que s'uſárão
„ Naquelles bellos tempos já paſſados,

„ Em

» Em que por terra, e mares não tri-
» lhados
» Os Luſos ajuntando gloria a gloria,
» Ao Templo s'elevárão da Memoria.
» Os Albuquerques, Caſtros, e Sampayos
» Terror dos Maratás, e dos Malayos,
» Trajavão deſte modo; aſſim veſtidos
» Se fizerão no mundo conhecidos! »
Mas quem lhe não tornára: he bem
verdade,
Que em tão antiga, e reſpeitoſa idade
Deſſa maneira os homens s'arreavão,
Que ſahião a campo, e triunfavão:
E devemos dizer, que aos ſeus veſtidos
Tão famoſos combates são devidos,
Quando co's meſmos com que triunfá-
rão,
Deſejadas victorias lhe eſcapárão?
Somos loucos, s'esforço attribuimos
Ao modo de trajar; que tempo ha vimos
Os noſſos Portuguezes valoroſos,
Sem jaquete, e ſem calças bellicoſos
Das ribeiras partir, que o Téjo banha,
E aſſuſtar os Leões d'altiva Heſpanha!
Nada augmenta o valor de taes guer-
reiros

O pezo de huns canhões, e d'huns peneiros,
Huma veſtia com abas deſmarcadas,
Hum chapéo ordenado ás tres pancadas,
Cantos iguaes, o forro de carneira,
De rabicho enroſcado, a cabelleira
Com ſeus anneis de arame ou ruça, ou loira,
Atteſtada por dentro da ſalmoira;
A' roda do peſcoço mui juſtinho,
Seguro co' huma chapa o peſcocinho;
Huns punhos té aos dedos alaſtrados,
Com muita roda, e todos recortados;
Calções ſem alçapão de tripe ſeda,
Que andavão limpos a poder de greda;
Suas ligas de atar, meias riſcadas,
Fivelinhas de prata peſpegadas,
Em cima de huns çapatos desbicados,
Mui largos, e co's ſaltos esbeiçados.
Não conſiſte o valor no atavío,
O deſejo da gloria, a honra, o brio
Forão quem produzio tantos Athletas,
Paſmo do mundo, aſſumpto dos Poetas.
Alguns me arguiráõ, que a noſſa idade
'Stá muito corrompida da vaidade,
E ſe o traje valor não lhe infundia,

A carencia do luxo então seria;
Mas oxalá que o luxo, e vaidade
Não reinassem no mundo em toda a idade.
Depois que os homens esquecer deixárão
Os tempos venturosos, que chamárão
Seculos d'ouro, des que a branca lã
A sua côr trocou na Assyria gã;
O luxo, e vaidade engatinhando,
Pouco a pouco se forão levantando,
E seguidos de povos numerosos,
Se fizerão no mundo poderosos:
Os saleiros nas mezas rutilá ão,
Porcelanas, e prata as adornárão;
Com ouro fino as sedas se tecêrão,
Bernes, veludos, telas se fizerão;
E a tal ponto chegou entre os Romanos,
Que em luxo forão pasmo dos humanos!
Porém volvendo a nós; que tem de mais
O vêr em uso postos os metaes,
Sedas, e bernes, chitas com fartura,
Hum fraque com mais esta cortadura,
Arrecuado a traz, ou por direito,
Gola mais larga, bandas sobre o peito,

Fivelas ou redondas, ou compridas?
Hum laço no chapéo, borlas cahidas?
Isto he luxo, assim he; porém seguido
Foi de nossos maiores: hum vestido
Com casas d'alto a baixo, estas fechadas,
Botões aos centos, pregas escusadas,
Vesteas de mais da marca, e guarnecidas,
Não são cousas por luxo produzidas?
Se hum roupão para o frio he mui bastante,
Usar outro vestido he ser farfante.
Nossas avós não tinhão seus toucados
Com papelão ao alto levantados?
Não tinhão botões d'ouro na camiza,
Fivelas de ouro aberto, ou prata liza,
Brincos de preço, laços ao pescoço?
Meus Senhores, confesso que não posso
Ouvir tanto ralhar: ha tal abuso!
Em sahindo huma cousa fóra d'uso,
Satyras logo: hum velho não consente,
Senão o que elle usou; impertinente
Mofa de quanto vê; e blasfemando
Contra nós, o seu tempo idolatrando,
Faz com sécas suar-nos o topete,
Louvando o velho, e sério minuete,
Chamando ás contradanças, dançarolas,

Proprias de loucas, e de mariolas.
Mas não perde função; e pouco a pouco
A'quelle que chamava d'antes louco,
Imita sem rebuço; lahe a campo,
Nas assembléas faz seu pé de banco,
E tenho muitas vezes reparado,
Que nunca hum jarra podre, e desdentado,
Que ralha dos enfeites, por seu par,
A mais velha, e modesta vá tirar!
Todo Adonis os braços requebrando,
Os pés hum pelo outro embaraçando,
Sua, e não larga! quantos deste lote
Cantão sua modinha, dão seu mote
Com allusão frecheira; e titubando
Da boca enregelada a voz soltando,
Finezas dizem, chorão anciados,
O não ter menos trinta nos costados;
E ha tal ralhador da nossa falta,
Que o cabello criou por ser Peralta!
Que parece melhor? vêr em Lisboa
Onde o rodar dos coches tudo atrôa,
Onde tudo he magnifico, e invejavel,
Dos Cidadãos a turba innumeravel
Em pardas saragoças embrulhada,
Ou

Ou o garbo, e figura bem tirada
De hum Peralta?a mais pobre Senhorita,
Sem outro ornato algum mais que huma fita,
A ſua capuchinha, e dous volantes,
Excede as Senhoraças mais chibantes
Deſſes tempos, que os tempos já levárão
Sempre as couſas, Senhores, ſe mudárão
Do tempo á proporção, o que algum dia
Os olhos recreava, hoje enfaſtia;
E ſe nauſea nos faz ſempre hum comer,
O trajar ſempre o meſmo ha de a fazer.
Se obſervamos do bruto a natureza,
Nós vêmos, que rolando entre a aſpereza
De ſoltas pedras, ou de agreſte mato,
A cobra ſibilando larga o fato;
Muda o paſſaro as pennas, muda o pêlo
O dourado novilho, a ovelha, o velo,
E muda a folha o boſque de anno em anno:
E ter por couſa rara que hum humano
Mude o ſeu traje, á proporção da idade,
Que tenha no veſtir-ſe variedade,
Quando o mundo he tão cheio de mudança!
Querer que exiſta agora a antiga uſança,

E não poſſa qualquer mudar de aſſeio;
Sem que ſirva de tranca ao olho alheio!
Qu'rer que em couſas do tempo haja
firmeza,
He dar novo inſtituto á Natureza.
Que importa o homem traje ao mo-
do antigo,
Se elle for do ſeu Proximo inimigo,
Soberbo, matador, e de impiedade
Armado, for damnoſo á ſociedade?
Que importa que o veſtir uſe de agora,
Que a rabuje dos velhos deſadora?
Viſta aſſim, ou aſſado; mas com tanto,
Que reſpeite do Rei o Nome Santo,
A Pátria eſtime, cuide em ſer honrado,
Siga a Religião, ſirva o Eſtado:
Que tem o ext'rior co'as intenções?
Nunca pendeo a gloria das Nações
Do veſtir dos ſeus povos; a virtude,
Ou dentro do veludo, ou borel rude,
Tem o meſmo eſplendor, o meſmo
preço;
Mas quem toma eſtas couſas do aveço,
Ralha, e torna a ralhar dos ſeus naſcidos
Embirrando no talhe dos veſtidos!
Acaſo porque tem a caſca dura

O miolo da amendoa he ſem doçura?
O veneno lançado em cryſtal fino,
Acaſo perde a eſſencia de malino?
Tambem ſabe a comida bem temp'ra-
da,
Em prata, como em barro miniſtrada.
Obſervem cada huns deſabuſados,
Que fizerão louvavel os paſſados;
Os defeitos lhes notem, maiormente
No que ao Público, e a Deos he pertencente;
Sigão o bem, deſviem-ſe do mal,
Que o trazer chapéo grande pouco val.
Mas, *Porſino*, me dizem: já 'ſtou certo
Não ſer a moda tanto deſacerto,
Como té'qui julgava; mas tambem
Por outra parte vejo muito bem,
Terem razão aquelles, que mofando
Da foſice do tempo, vão notando,
Que a filha do ſebento remendão
Faz hoje em dia quaſi o figurão,
Que a daquelle que tem baſtantes rendas;
Ao fidalgo de granjas, e commendas,
Imita o Eſcrevente, o Rabuliſta,
E o Caixeiro do pobre Capelliſta.

Reſpondo, *Filo*, eu ſou deſabuſado,
E poſto que da moda enamorado,
Não volto o roſto ao lume da verdade:
Iſſo que dizes faz-me novidade,
Mas não ſou como aquelles maldizentes,
Que apenas eſſes vem, já dentre os dentes
Lhe eſcorrega ſem ter moderação,
Não he rico, e campêa, *ergo* ladrão.
De ſorte que eu, meu *Filo*, bem diviſo
A grande differença, mas juizo
Não poſſo formar certo, quando vejo,
Que o pobre çapateiro o ſeu deſejo
He que a filha chibante, de tal ſorte,
Que á fome ſerá goſtoſa a morte,
Com tanto que ella em ſécia nunca ceda,
A' do outro, que arroja fina ſeda.
Elle na loja, e ella poſpontando
Vem o Sol d'entre as nuvens eſpirrando
E banhar-ſe nas ondas ſem largar;
Ora não podem juntos grangear
Par' hum veſtido, capa, e outras drogas,
Que vem tudo eſpremido a dar em ſogas!
Veſtido, que lhe ſerve para tudo,

E não veſte com medo pelo entrudo!
Iſto he máo? não reſpondes? *ſeja ou não*;
Porém pódeo-o fazer ſem ſer ladrão.
Aquelle que tu vês ſem ter real,
Trajando d'alto a baixo por igual,
Quem te diz lho não dá ou ſeu padrinho,
Ou a prodiga mão d'algum viſinho?
O Caixeiro aſſim he que lucra pouco,
Porém por campear bebedo, e louco,
Quanto prezo na loja ganha hum anno;
Gaſta num' hora por ſahir ufano.
O Eſcrevente linhas eſtendendo,
A' luz da véla feitos revolvendo,
Quanto acolhe, de ſi duro inimigo,
Qual outro caracol leva conſigo.
Eu meſmo, a quem ventura não concede,
No lar paterno nem matar a ſede,
Não ando gordo, nedio, e reparado
Do calor, e do Inverno congelado?
Deos ſabe que o não furto: os meus amigos,
Que me eſcudão em tão cruéis perigos,
Os papelitos mal alinhavados
Vencem a mão de meus tyrannos fados.

En-

Entra em caſa de hum deſtes, olha attento,
Se placas, e ſe eſpelhos de eſpavento
As paredes lhe adornão; ſe cortinas
De damaſco, ſe fofas bambolinas,
Lhe rematão as portas, e janéllas;
Se bordado veludo, ricas télas,
Os bofetes lhe cobrem marchetados;
Se finos canapés, entrelaçados
Com ouro, ſe alcatifas, cobertores
De exquiſitos franjões, bellos lavores,
Ornão ſeu apoſento; ſe a gaveta
De moeda, ou penhores 'ſta repleta;
Nada diſto acharás, porque o coitado
Eſtende ſobre taboas o coſtado,
Por ſahir todo ſécio, e preſumido,
E quanto havê eſtraga n'um veſtido.
Iſto he máo, aſſim he; quem diz que não?
Porém póde-o fazer, ſem ſer ladrão.
De ſorte que hum eſcravo dos herdeiros,
Tem em mais do que a moda os ſeus dinheiros;
E antes quer andar esfarrapado,
Que largar hum real: não vai do eſtado
Em que as caſas eſtão, vai das paixões;

Hum

Hum quer antes ter ſacos de dobrões
Inda que morra á fome, e viva porco:
O outro, vendo a caſa vai de borco,
Não deixa de nutrir a vaidade,
E não lhe dá paſſar pela anciedade
De viver empenhado, muito embora,
Se elle o ſeu mal conſtante nunca chora;
Hei de eu chorar-lho? *Filo*, fora bello,
Que dos humanos foſſe outro o deſvélo;
Que cada hum, á proporção dos teres,
Veſtiſſe os ſeus filhinhos, e mulheres;
Que, ſegundo as peſſoas, foſſe o eſtado;
Mas ſe o mundo de acordo eſtá mudado,
Que lhe havemos fazer? deixa-o campar.
Verdade ſeja a morte vem ſegar
A todos pelo pé, ſem differença
Do que he pobre, ao que tem riqueza immenſa:
Bate á porta do ſordido avarento,
E banhado em ſuores, macilento
Não quer largar as chaves do theſouro,
Lembrando-lhe Deos menos, que o ſeu ouro!
E a vida paſſada em porcaria,
Em ſordidez, e á fome, n'um ſó dia
Lhe

Lhe arranca para ſempre: revolvendo
Os já vidrados olhos eſtá vendo
O roto herdeiro abrir-lhe a ſepultura,
Aonde ha tanto tempo, em noite eſcura
Tinha immenſo dinheiro afferrolhado;
Não vê ſeu roſto de aguas inundado,
Que para a caſa, hum deſtes vêr de borco,
Não he menos que a morte de hum bom porco.

Eu a moda defendo: que o dinheiro
Aſſim corre; desfruta o çapateiro,
O alfaiate, lucra o mercador,
O ſirigueiro, o ſujo penteador,
Os generos ſe extrahem, e na verdade
Niſto conſiſte hum bem da ſociedade.

Gaſte, e torne a gaſtar no ſeu aſſeio
O flammante Peralta, mas no meio
Da ſua peraltice não ſe eſqueça,
Que a vida acaba, apenas que começa:
Deſvelado o Rei ſirva, ame a Nação;
E traga ſeda a montes de Verão,
Precioſo veludo pelo Inverno,
Maslembre-ſe da morte, adore o Eterno;
Porque pôr ſobre ſi novo atavîo,

Não

Não he contra a virtude, a honra, e brio
Couſas ſó, que hum mortal deve buſcar:
Aſſim ſe obſerve, e ralhe quem ralhar.

§. V.

Depois de andar em Lisboa, como de Herodes para Pilatos, em cantarolas, e feitanſas, gualdio-ſe o tempo, e não houve outro remedio, ſenão levantar ancora: mas como as minhas couſas facilmente ſe vírão do aveço, depois de grangear huma boa companhia, vim a fazer a jornada ſó, e a gaſtar parte dos vintens, que ſuppunha poupados; e foi o caſo:

§. VI.

Como Lisboa he tão vaſta, como ſabem os ſeus conhecidos, e nós moravamos diſparatados, convencionámos os arranchados em ſahir cada hum de ſua caſa, em dia certo, e que o primeiro que chegaſſe a Sacavem eſperaſſe pelo ſegundo, o ſegundo pelo terceiro, e todos pelo ultimo: eſte foi hum excellente arbitrio; porém ou eu, ou elles admittírão

hum

hum engano, que fruſtrou o projecto, e conſiſtio no erro do dia, porque ou elles differão que quinta feira, e eu entendi ſexta, ou eu entendi ſexta, e elles differão quarta, que tudo vem a dar no meſmo: o caſo he que eu tomei pelo ultimo, e elles eſtiverão pelo primeiro, e conſequentemente quando cheguei ao ſitio do ajuſte no primeiro dia da minha jornada, já elles hião de certo continuando a jornada do ſegundo.

§. VII.

Com grande mágoa do interior, e da bolſa, depois de eſtar meio dia á eſpera, divertido com os que hião, e voltavão a reboque do ſarilho, aconteceo vir em huma daquellas barcadas hum ſugeito de Coimbra meu conhecido, e de muitos dos camaradas por quem a guardava, o qual me encarou em ponto admirativo, dizendo-me: voſſê por mais hum dia deixou a companhia do ſeu amigo fuão, de ſicrão, e beltrão? penſem que tal eu ficaria! contei-lhe a ratada,

da ; mandei enfrear , e com a só companhia do meu arrieiro , entrei na barca , e comecei de picar em hum excellente macho , e com hum moço , por alcunha o Tirabaccho , que andando muito , bebia pouco.

§. VIII.

Feitas as admirações da legua da Póvoa , e demandando portelas , *tandem* finalmente chegámos á Alhandra , pela meia tarde , e visitando os meus conhecidos , trepei o machinho , e fomos pernoitar á Castanheira , onde chegámos já não muito sedo ; mas esse não he o caso ; o caso he que nesta jornada não houve cousa consideravel , á excepção da fortuna que tive , em não ir com os outros ; pois na passagem por Payalvo , tive a noticia de que por destempero de hum , hião levando todos huma destemperada cossa de páo : pelo que com licença de meus Leitores , dou comigo outra vez em Coimbra , e entro no meu trabalho de terceiro

an-

anno, em que me achava, antes deſta pequena jornada.

§. IX.

Chegado eu vierão logo os adiantados; muita feſta, e todos me dizião ſentimos muito não virmos todos; ao que eu reſpondia, e eu eſtimei muito não vir com voſſês, por conta de Payalvo, aonde hião ſendo moidos: não ha tal, tornárão elles, porque nós fizemos, e acontecemos, mortos, feridos, cotillados... em fim patranhas do coſtume; mas vamos ſempre dando graças a Deos de ficar a traz, e continuemos para diante.

§. X.

Poſto eu em Coimbra, ſolto de Anarda pelo que fica ponderado, e com a fixa tenção de não tornar-me a apaixonar por eſta caſta de animaes, entrei no freneſi de namoricar a todo o panno, e a todo o mundo, e niſto andei de envolta com o terceiro anno, e com a Tragedia de que já fallei cá para traz, e de

que

que logo darei parte, e de ſuas funeſtas conſequencias, lá para diante.

§. XI.

Como porém fazia eſte namoro muito ás janellas abertas, vim a ouvir queixas de humas, ciumes de outras, malquerenças deſta, e remoques daquella, conſtituido em hum verdadeiro jogo de empurra, e por desfechar, compuz os ſeguintes deſenganos, que copiei em tantos papeis, quantas as arrufadas, e na meſma tarde dei a cada huma o ſeu: e ei-los aqui os tendes, que talvez vos ſirvão.

Deſenganos a Felinta.

Felinta, não ſou d'aquelles
Que amando a todas que vem,
Com juramentos affirmão
Não amar a mais alguem.

Eſſes meſmos juramentos,
Que tu ſincera lhe ouviſte,
Faz á primeira, que o attende,
Mal que da caſa ſahiſte.

He

He muito raro hum amante,
Que ſans verdades profira!
Pódes crêr que nos ſeus lábios,
Pôz o ſeu throno a mentira.

Talvez me digas, Felinta,
Que ſe todo o amante mente,
Como amante, neſta conta
Devo eu entrar igualmente.

Verdade he que o meſmo faço;
Mas com eſta differença,
Que amando a quantas aviſto,
A nenhuma faço offenſa.

Amo-te a ti, porque tens
Neſſes teus olhos galantes,
Certo geito de attrahir
A teu culto mil amantes.

Amo Anarda porque traz
Sobre as faces delicadas,
As bellas roſas de Paphos,
Entre os jaſmins miſturadas.

Amo Althea, porque vejo
Em ſeus cabellos dourados,
Sem aljavas, arco, e ſettas
Os Amores maneatados.

Amo Anarda pois deſcubro
Em ſua boca mimoſa,
Indio marfim branquejando,
Entre dois vivos de roſa.

Nerina poſto não tenha
No ſeu roſto formoſura,
Faz-ſe a meus olhos amavel
Pela delgada cintura.

Mirtilla, que ſem offenſa
Podemos chamar-lhe feia,
He bem feita, e me namora
O garbo, com que paſſeia.

E tenho, Felinta bella,
Hum amor tão refinado,
Que amo a Nize, que não tem
Mais do que hum pé delicado.

Em fim poderá fazer-te
De Paſtoras conta ſumma,
A quem amo, ſem que amando-as,
Offenſa faça a nenhuma.

Porque ſe tu me diſſeras,
Que dando-lhe adoração,
A ti te excluia della,
Tinhas baſtante razão.

Mas eu que poſſo adorá-las,
E adorar-te a ti tambem,
Naſci livre, goſto diſto,
Quero, e faço muito bem.

Queres tu, minha Felinta,
Que te ame ſó neſta Aldêa?
Ajunta as faces de Filiz,
As tranças que tem Althea.

Ajunta mais de Nerina
A cintura delicada,
De Mirtilla o corpo airoſo,
De Nize a planta engraçada.

Então verás, e eu to juro
Que não amo a mais alguem!
Se queres o amor de todas,
Buſca tudo, o que ellas tem.

§. XII.

Na caſa de huma das ditas, ſe lêrão os verſos eſtando eu preſente, mas ſem ſe dizer o motivo, nem que alli tinhão pertence; e achando-ſe hum Cadete, entrou comigo em argumentos de que nem aſſim meſmo eu devia ter amor, porque era huma paixão ſó para fracos: defendia-me eu com a epidemia geral, e que eſta fraqueza vinha do coração: inſtava elle que era couſa que nunca ſentíra, principalmente depois que entrára na vida de veſtir hum peito de aço, e cingir huma eſpada, e &c. ao meſmo tempo que elle na dita caſa entrava, levado da meſma raiva manſa de que ſe dizia iſento: em fim cheguei-me para huma banca aonde eſtava tinteiro, e

papel, e fiz a Ode seguinte que lhe entreguei, e sahi pela porta fóra.

ODE

Ao dito Valentão.

POrque te forras
De bronze duro,
Se contra Amor
Nada ha seguro!

Achilles féro,
Alcides fórte,
Que aos pés calcárão
A fouce á morte,

Não lhes servio
Tanto valor;
Elles provárão
Golpes de Amor!

Se esta paixão
A alma devora,
De que aproveitão
Armas por fóra.

§.

§. XIII.

De volta em volta, e de lição em lição chegou o Entrudo, e foi quando se repreſentou a Tragedia *Priamo*, que deo geral, e ſerio deſenfadamento com aſſiſtencia dos Lentes os mais ſerios (mas deſabuſados) das peſſoas principaes da terra, e dos noſſos camaradas amigos, mas heróes manſos: por ſignal que no tempo da briga dos Eſtudantes, e lacaios, a ſom de toque de fogo no largo da Feira, que iſſo foi huma Feira de murros, encontrões, e paoletadas, a fóra eſpadalhos, e outros armamentos que trabalhando muito, e com muita algazarra, não fizerão ſangue que encheſſe dois chouriços.

§. XIV.

Saltando daqui ao fim do anno, foi então que vi quanto a Tragedia me foi tragica: porque aſſentando o meu Lente, que quem entra em Tragedias, não póde fazer mais couſa alguma, tirou por conſequencia, que

eu

eu não podia eſtar inſtruido nas materias daquelle anno; e quando quiz que me aſſignaſſe a petição, tendo tudo corrente, aſſentou tambem em não querer, e não houve quem diſſo o tiraſſe.

§. XV.

Eſperançado de alguma compaixão, por ſer conſideravel a perda de hum anno, ainda me demorei por alli, mas vendo que era malhar em ferro frio, e como quem para lá me tinha mandado ſe não havia eſcandaliſar, dei as diligencias por feitas, e metti pernas ao potro para Torres Novas, ao ſeguro aſylo de D. Rodrigo de Lencaſtre, e de ſua mulher, a quem já a eſte tempo chamava Madrinha, ſendo mais velho do que ella.

§. XVI.

Alli me demorei alguns dias, em bom, e ſocegado divertimento com a companhia, e ſociedade de amigos militares, como Rodrigo Barba, Silverio da Silva, Miguel Luiz,

Pam-

Pamplona, Cotta, e &c. Sendo a partida em caſa dos meus bemfeitores, e o preſidente inalteravel do jogo, quando ſe fazia, o Reverendo Padre Nicoláo, ajuntando ao meu divertimento, e bona vita, mais a colheita de duas prendas: primeira de tomar ſólidas lições de picaria, e ſegunda de fazer bem ſorvete, ou neve, como outros dizem: os quaes me vierão a ſer inuteis por falta de cavallo, e de neve quatal.

§. XVII.

Niſto, e em hidas, e venidas a Alcorouchel, ſe me entiárão a levantar os humores, e a creſcer o deſejo de ir vêr caras novas; com effeito deſenterrei pretextos, e facilitou-ſe-me o ir dar volta ao mundo do meu conhecimento com o proteſto de tornar por alli, na outra revoada para Coimbra.

§. XVIII.

Aſſentado niſto, como D. Rodrigo eſtava para ir á ſua Quinta do Gayo, e quiz que eu o acompanhaſ-

nhaſſe, e não foi poſſivel achar-ſe beſta de aluguer, lembrado de minhas picarias, me deo hum cavallo, que eſtava reformado na ſua companhia, por nome Azeviche, que além de ſe lhe ignorar a éra, tinha de ſeu o ſer topinho, e hum principio de ratinho algum tanto adiantado: pôz-ſe-lhe ſeu jaez á Hungara, e montado neſta faca ſahi de Torres Novas, como em hum Dormidario pelo aveço, e fomos dormir a Santarém.

§. XIX.

Ao outro dia, depois de nos apartarmos, e de me cahir o dito animal em huma valla, e outras patuſcadas, e de ſoffrer huma horroroſiſſima calma, deitar á Alhandra, e no outro a Lisboa, a caſa do meu Joſé Alberto.

§. XX.

Com alguma tenção de demora cheguei eu a Lisboa, mas as deſpezas do cavallo, e huma ſova que me quizerão dar em hum outeiro, a que eſcapei por ſer de noite, e temer

que

que de dia se informassem da minha figura, fez-me levar ancora, e partir para Obidos, sem me gozar da Corte, se quer por quinze dias.

§. XXI.

Alli observei o novo systema, fazendo cortejo a toda, e qualquer saia; atirando ás codornizes, e passeando no meu cavallo por aquelles contornos, dando entradas nas Caldas, e sahidas no Arelho; e ultimamente desauthorisando a censura dos que não só me esperavão a pé, mas de pé descalso: até que antevendo o futuro damno, como consequencia do primeiro. Cuidei em transportar-me a Coimbra, a fim de que me não arromassem a razão de ir tarde, fazendo-me ficar com a boca aberta, olhando para o gráo de meu pertendido Bacharelato.

§. XXII.

Despedi-me dos amigos, e de meu irmão Antonio, a quem deixei em huma molestia, que bem que grave, com tudo nos seus annos prometem-

mettia esperanças de remedio, ainda que a sua imaginação o fazia desconfiar dos bons annuncios que lhe davão: e trepando o meu Azeviche, fui dormir a Porto de Móz, entretendo gostosamente essa noite com Antonio Neto, em cuja casa dormi; depois de fazermos o nosso descante.

§. XXIII.

Passado outro dia de descanso, puz-me a peitos com a pedregosa Serra, que por Minde dirige o caminho a Torres Novas, aonde depois de muita esbarradella, cheguei como feito em postas, entrando em casa dos meus bemfeitores, montado na faca, que elles já suppunhão sepultada no convez dos cães da minha pátria, quando succedeo tanto pelo contrario, que sahindo do quartel com mormo, entrou sem elle: donde infiro que esta molestia tem a sua cura na pouca comida, e muito trabalho, porque eu lhe não fiz outra cousa, para sua melhora.

§.

§. XXIV.

Convalecido deſtas andadas, e recebida a ajuda de cuſto do coſtume, com o arranjamento de amigos, e dia certo, parti na veſpera para o Alfeijoal, Quinta do Almotacel-Mór, aonde elle então ſe achava, e D. Joanna Iſabel, de ſaudoſa memoria, aonde dormi, e o meu Azeviche, fazendo eu verſos, e elle a ſua obrigação de dente; até que no outro dia ás quatro da tarde, appareceo a canzoada dos Eſtudantes, que entulhárão o pateo; até que ſellado o meu negro Bucefalo, ſahimos pela porta fóra dando muitos eſtalos, e fazendo huma algazarra horrivel, mas da pauta.

§. XXV.

Tandem, picando os potros, praguejando os arrieiros, e conſumindo eſtalajadeiras de palavra, e ſendo por ellas conſumidos por obra, aviſtámos a Mãi commum, e entrámos pela portagem na maior ſatisfação, que pódem ter rapazes daquella idade, e vida!

§.

§. XVI.

Bem vindos, bem chegados, voſſê eſtá gordo, voſſê magro, e as mais prelengas do coſtume; cuidou cada hum em matricular-ſe no ſeu anno competente, e eu fui dar comigo ſegunda vez no meu terceiro pelos motivos que já diſſe, e diria agora, ſe não foſſe abuſar das voſſas paciencias.

CAPITULO III.

§. I.

POſto eu á barba ſegunda vez com o meu dito anno terceiro, de que vou tratar neſte Capitulo tambem terceiro, mas com a chaga aberta, tocante á entrincada Geometria, tomei por particular eſtudo, fazer poucos verſos cantados, e os reſados rariſſimos, e por entre os dentes, a fim de moldar-me ao ſyſtema de meu Meſtre, por conta da Formatura, em que já então havia embirrado, e tomado em pontos de hon-

honra, eſtimulo capaz de fazer hum Cezar de hum Jan-Fenandes.

§. II.

Mas como ſempre tinha meus ataques para gloſas de enamorados, as quaes ſe me davão em papelinhos, forão neſte anno tão frequentes, que coſtumando arrecadá-las em humas botas velhas á falta de gavetas, ſe enchêrão de alto cogulo; e foi pena que lhes não coubeſſe já a que me deo hum Oppoſitor em Canones que dizia aſſim:

Teu féro deſabrimento
Merece huma paulina;
Pois inquietas as almas
Deſapiedada Aulina.

§. III.

He para ſentir que ſe perdeſſe eſta gloſa, pois que ſendo igual ao mote, não ha côres com que ſe pinte energicamente a ſatisfação com que aquella alma graduada a recebeo. O certo he, que as couſas tem eſtima

pro-

proporcionada á caſta dos individuos eſtimantes : mas vamos ao meu cavallo.

§. IV.

Já eu não fallo no deſembaraço com que nelle paſſeava de tarde, nem tão pouco em huma palma que lhe foi fóra, nem em huma prisão que tive por conta delle, porque iſto he nada, depois de haver outro Oppoſitor que mo comprou por 130$500 réis com arreios e tudo, e tão infelizmente que paſſados pouco mais de oito dias, hindo paſſear pedeſtremente por de traz do Seminario, o encontrei rodeado de cães, que começavão a fazer-lhe o meſmo que eu já receava quando lho vendi.

§. V.

Eu colligindo, que a cauſa de ſeu fim ſeria pouco trato, e muita fome, não deixar de fazer alguma honra a ſeus oſſos; e pondo-lhe os olhos lhe recitei a ſeguinte

De-

Decima deploratoria.

Foſte ás armas obrigado,
Na idade mais vigoroſa:
Alcançaſte baixa honroſa
Servindo valente, e ouſado:
Depois ás Letras puxado
Serviſte hum pobre baeta:
Mas he mágoa, he dura peta,
He digno objecto ao rancor
Que te fizeſſe hum Doutor
O que não fez hum Poeta.

§. VI.

Continuava eſta minha vida no eſtudo lento de Geometria, remettendo-me ſempre de dia em dia, por mais que me gritavão os amigos, porque todo enfronhado em agradar a hum Meſtre que já me havia negado piedade, não me receava tanto de outro em quem ſuppunha ma não guardaria tanto no fundo da canaſtra; e por iſſo, chegando-ſe o Natal, em vez de occupar niſſo as

fé-

férias, vim de escaramuça a Obidos, porque tambem desejava haver noticias verdadeiras do estado em que se achava meu irmão, a quem já havião feito morto, por duas vezes.

§. VII.

Sendo meu companheiro nesta jornada, Antonio Joaquim da Franca de Torres Vedras, o qual nesse tempo ainda não tinha apostatado do Direito Civil, fomos no dia primeiro a Pombal a casa do Marquez do Couto, e no segundo a Alcobaça a casa de Antonio Baptista: mas minto, no segundo a Leiria, e no terceiro a jantar em Alcobaça na casa do dito; porque eu não quero senão o que he verdade.

§ VIII.

Como elle (o dono da casa) tambem nessa tarde hia para Obidos, mas tinha de não ir tão cedo como nós, esperámos hum pouco, e partimos muito contentes da bella sociedade picando as bestas em direitu-

tura á Veſtiaria, fazendo caminho para a Villa da Sela, e com effeito hiamos pernoitar a Obidos, o que não ſuccedeo, (couſa que muito eſtimei) e o porque ahi vai em poucas palavras.

§. IX.

He coſtume de tempo que excede a memoria dos vivos, e de que nem dão noticia os mortos, fazer-ſe logo paſſada a Veſtiaria hum grande lameirão, com ſuas ſemelhanças de golfo, ou ſorvedouro: aqui vai ella: meu companheiro como francamente fazia tudo, francamente a pezar de advertido ſe metteo a elle, por ſempre goſtar muito de caminhar pelo trilhado; e não reparou que o que ſe figurava lama cortada, era falta de cortadura, e humidade do olheiro, que alli dormia muito ſolapado.

§. X.

Em fim apenas entrou foi a inversão dos dentes de Cadmo, e ſe me não lanço ao lameiro por part

mais fólida, de donde o agarrei pelo que reſtava de ſeu pequeno corpo, teria de ſer procurado á fatêxa! trouxe-o de arrojo, fazendo huma grande eſteira pelo lameiro; e como eu nunca atei botas, lá me ficou huma, que primeiro que a achaſſe ſe deſcalſou a outra, e ſahi ſegunda vez com huma em cada mão, e tão cheias de barro, que ſem encarecimento me cuſtárão mais do que elle: primeira parte do trabalho: entra a ſegunda.

§. XI.

Poſtos nós a olhar huns para os outros, e naquelle deſamparo, ſem apparecer viva alma, e com o cavallo atolado, de modo que ſó ſe lhe via o peſcoço, o arção da ſella, e a mala, *ficamos amarellos, mudos, quedos, e juntos de hum penedo, dois penedos.*

§. XII.

Como eſtavamos daquelle feitio, e quaes dois porcos, que ſe levantão do chiqueiro, fomos cá de largo,

go, ſoltando a mala, e conſeguimos tirar-lhe a ſella: e poſtos de atalaia, deſcobrimos dois homens, que andavão cavando, dos quaes o Baptiſta foi em demanda, e os trouxe comſigo, pois a Providencia não falta, e quando dá o trabalho, tambem acode com o remedio.

§. XIII.

Lançados a dois athletas, por mais diligencias, que fizerão, apenas ſó conſeguírão pôllo em melhor carregadouro; e ſó com huma corda, que ſe foi buſcar á Veſtiaria, e outro camarada, he que lançando-lha, atada por baixo das mãos, e puxando todos, veio vindo, como barco á ſirga, e deo com os ilhaes em terra dura, donde cuſtou a levantar.

§. XIV.

Era couſa galante vêr ſeis figuras, e o cavallo ſete, barradas como huns fogareiros, ſacudindo as mãos, e tirando de ſi lama ás poſtas; levando hum a ſella, outro as botas, outro a mala, e outro o freio! eu

meſmo por quem iſto paſſava não pude deixar de rir!

§. XV.

Vendo nós as horas em que eſtavamos, conſequencia de toda eſta laſtimoſa, e enlameada tragedia, reſolvemo-nos a ir pernoitar a Alfazirão, que nos ficava mais perto, e proporcionado com o reſto do dia, para cuja continuação de viagem tirei çapatos da mala, e fui com as botas em ar de coldres, até á boca atacados de lama.

§. XVI.

Chegados á Sela bebemos aguardente, como huns deſeſperados; e dando ás gambeas deſcemos, já de noite, a ladeira de Alfazirão, aonde aportamos, fazendo riſo a quanta gente eſtava na caſa, que eſcolhemos para pouſada.

§. XVII.

Era veſpera de Natal; e eu levava fome horrendiſſima: quizemos conſoar, mas não havia mais que pão, e vinho, e carne de porco crua:

crua : torrei fatias , aboborei-as no vinho , assim chamado , pois para vinagre faltava-lhe muito pouco ; e dando providencia á frigedeirada para depois da meia noite , nos amezendamos á fogueira , esperando pela Missa do gallo , a que fomos , e voltamos a dar com a prateirada nas tripas , a beber quatro trangulas , e a descansar alguma cousa , em cima de huma cama , que sendo má , levámos nella hum somno muito bom.

§. XVIII.

Ao outro dia , calsadas as botas , na limpeza das quaes levou toda a noite hum rapaz da casa , me guindei ao meu rocim , e patinhando ora lamas , ora poças d'agua , entramos pela Villa das Caldas , dando muitos estálos de manopla , e fazendo toda a patacuada de Estudante de Coimbra : mas quão diversas , quão mudaveis , e instantaneas são as cousas do mundo ! e principalmente as glorias !

§.

§. XIX.

No meio deſte contentamento chegou á janella Caetano Joſé de Proença, Correio-Mór da dita Villa das Caldas, e gritou por mim; ſuſpendendo-me a jornada, com o pretexto de huma Carta, que pertendia eu lhe levaſſe para Obidos: retrocedi, e chegando-ſe elle a mim muito ſério, me pegou na manopla, e diſſe: que parecia muito mal ir eu dando eſtalos: tornei então, que aquella eſtalada não era nova, antes o contrario ſeria de eſpantar: aſſim he, replicou elle; porém os tempos não são todos huns; ſabido o caſo, na noite antecedente, havia-ſe dado á ſepultura o corpo daquelle irmão, cujas melhoras eu hia a preſenciar.

§. XX.

Fiquei, como podem ſuppôr os irmãos, que o são: mas o meu pranto, e a minha voz, hum ſeccou-ſe, a outra emmudeceo; e vacillando ſe havia retroceder, ou continuar, não me animei a faltar com a compa-

nh. a,

nhia, aos que reſtárão, e que ſuppuz na meſma deſconſolação: partí para Obidos, e quando me achei fóra da povoação, hum mar de lagrimas banhou as minhas faces, as quaes nem pude enxugar entrando em Obidos, nem mitigar por todo aquelle dia; antes ſe redobravão nos meus olhos, quando as via pender dos diverſos, que pouco a pouco ſe encontravão comigo, a fim de me conſolarem, e conſolar-ſe comigo.

§. XXI.

Paſſei a abraçar-me com minhas irmãs, e irmãos; e ahi foi então dobrada a minha mágoa; pois além de as achar conſternadas, via que lhe fazião companhia, humas amigas, ainda de luto por hum Pai (perda mais ſenſivel) que as havia deixado no maior deſamparo! eu não perturbo o deſcanſo dos ſeus oſſos, quando vejo antepoſta a conſciencia, e aos intereſſes deſtes dias ligeiros, e a honra, ao depravado ſyſtema da peita, e da liſonja.

§.

§. XXII.

Suave, e unica conſolação (tornando a meu irmão) me forão as noticias de ſua reſignação, e conformidade, com que ſe deſapegou de hum mundo, aonde achou eſtimação, e regalos; podendo dizer-ſe delle, que viveo como quiz, e morreo como devia, a pezar de trabalhos naſcidos da emulação.

§. XXIII.

Deixando reflexões, vamos continuando na vida, que não nos faltará huma hora de morrer; e Deos permitta que bem; porque neſta poſſe eſtamos, ſem excepção na Lei, que impôz eſta neceſſidade a todo o folgo vivo.

§. XXIV.

Eu na minha pobreza fiz-lhe ſuffragios pios, e obſequios; porque lhe mandei dizer Miſſas por ſua alma, e lhe compuz os dois ſeguintes

SO-

SONETO I.

Amigos do Malhão, o tenue fio,
Que em dias máos Lacheſis lhe fiára,
A crua irmá cortou co' a mão avara,
E na terra deſcanſa o corpo frio.

Os louros, que do Pindo o claro rio
Para a frente cingir-lhe, em vão regára,
Murchárão todos; e na pátria cara,
Para a minha enramar cypreſtes crio.

De Jove as filhas, cheias d'amargura,
As creſpas tranças d'ouro deſgrenhando,
Chorão triſtes ao pé da ſepultura!

Lamentemos o caſo miſerando,
Em quanto, d'entre as mãos da Parca dura,
Hum dia igual a nós não vem vôando!

SO-

SONETO II.

Caminhante, eſta pedra liſa encobre
Hum Vate, em tenra idade a nós roubado;
Na pátria perſeguido, ao longe amado,
Por fóra rico, mas na pátria pobre:

Guardou ſempre comſigo huma alma nobre,
A pezar de inconſtancias do ſeu fado:
Ah Paſtor perſeguido, mas honrado
Seja-te leve a terra, que te cobre!

Quiz-te mal, quem a traz de ti vôava,
Amou-te, quem teus dons pezar ſabia;
E tua Muſa as bocas vís calava!

Levou-te em fim daqui a morte fria;
Pois hum Cantor, que os Ciſnes imitava,
Em Obidos viver já mais devia!

§. XXV.

Paſſemos agora á fiel conta da ultima de minhas inclinações, e a mais ajuſtada de todas/ellas; e já diſſe que quando fui abraçar minhas irmãs, lá ſe achavão as ſuas amigas,

tam-

tambem de luto por ſeu Pai : tambem diſſe já, ahi para traz algures, o ſyſtema de namoro que havia tomado, *nempe* farfalhar, e rir, ſem dar azos á mais pequena dóſe de paixão : iſto poſto vereis agora, e ſirva-vos de exemplo, para não vos fiar no coração; porque ninguem ſabe para o que eſtá talhado, antes, quando menos o penſa, vê deſvanecidos os ſeus projectos, por terra as torres que levantára; e em huma palavra ninguem diga quero iſto, não quero aquillo; porque o determinado (por quem póde) determinado eſtá; e caſamento, e mortalha, no Ceo ſe talha.

§. XXVI.

Quando puz os olhos nas ditas tres meninas, e pela vez primeira; logo o meu coração ſentio hum movimento indizivel, que eu attribui ao dó, e compaixão; e talvez que o foſſe; mas deſconfiei ſer outra couſa, porque eſte ſentimento pertencendo a todas tres, huma dellas levava na

ſua

ſua partida hum quinhão muito deſigual: de maneira, que eu tinha dó das outras, mas daquella vinha a ſer hum dó, e mais alguma couſa.

§. XXVII.

Finalmente, foſſe dó, ou foſſe compaixão, com iſſo já eu me não metto: o certo he, que como a compaixão, e o dó, são paixões ternas, e a do Amor nada tem de riſpida, ou elle ſe foi roçando por entre eſtes dós, e compaixões, ou ellas por elle; porque a final eu achei-me namorado, e foi-ſe co' a breca o meu trabalhado ſyſtema, e ſuas ruminadas utilidades.

§. XXVIII.

Eis-me logo em huma incrivel mudança de ſentimentos! eis-me de novo brunindo todos os dias os çapatos; limpando as fivelas; puxando as meias, embarrelando os creſpos, e pondo de novo na Lyra aquella corda inventada por Amor, e temperada por Anacreonte.

§.

§. XXIX.

A noſſa converſação era facil, pela eſtreita amiſade das familias; e como por ella ſe prendem as almas, pouco a pouco tive a decisão da minha felicidade, paſſei a miſturar o verſo com a proſa, e tive a ventura de achá-la apaixonada de verſos, o que eſtimei muito; não ſó por a poder liſonjear com elles; mas tambem, por ſer evidente ſignal de que não era tola.

§. XXX.

Omittindo os que aqui não vão por ſerem de improviſo, vai a ſeguinte primeira Ode que lhe fiz, e levei, entregando-lhe com ella huma freſca roſa, que trouxe o acaſo á minha mão quaſi aberta, o que ſe fez raro pela eſtação em que eſtavamos.

ODE.

ODE.

GAlante roſa, nutrida
Co' o terno pranto da Aurora,
A quem o Zefyro beija
Entre o regaço de Flora.

Pois deves ter mais eſtima
Por ſer a melhor das flores,
Eu te livro d'entre eſpinhos,
E levo a ſitios melhores.

Sobre o peito de Joſina
Vai as folhas eſtender,
Sobre o peito, que na terra
Só aſpiro a merecer.

Amor dirá de que lado
Cobrarás mais lindo modo:
Abre-te nelle, mas olha
Não mo encubras de todo.

Vai da tua duração
Ter alli teu curto fim;
E quando ella der ſuſpiros,
Vê ſe ſuſpira por mim.

Talvez, que vendo murchar
Tão breve a tua belleza,
Das muitas que Amor lhe deo
Não tenha tanta avareza.

§. XXXI.

Tratavamos de indagar qual ſeria a razão de logo á primeira viſta ter ella goſtado de mim, e eu della: e que Amor era eſte, a que ninguem eſcapa; e porque tanto nos inquieta: huma ſemelhante prática mereceo a ſeguinte Ode.

Ode ao propoſito.

QUem he, mortaes,
Eſte menino,
Que faz amargo
Tanto deſtino?

Que

Que armas o cercão?
Que ſignaes tem?
Não poderá
Fugir-lhe alguem?

Dizem que Marte
D'elle ſe eſconde?
Aonde habita,
Dizei-me, aonde?

Aſſim fallava
Aos meus Paſtores,
Em quanto nada
Sube de amores.

Mal que, Joſina,
Teu roſto vi,
Sem vêr Cupido
O conheci.

Quanto elle pode
No coração,
Sentí-lo ſei,
Dizê-lo não.

§. XXXII.

Aſſim o bem acaba-ſe, o tempo corre, e foi preciſo auſentar-me della, o que me cuſtou infinito: e com a lagrima no olho, a pezar de querer eſconde-la, ſahi da pátria com eſta paixão de mais, e hum irmão de menos: e como meu companheiro Franca, alli aportado para eſte fim, lhe não fugio da lembrança o ſeu banho de lodo, nem a mim o receio das botas, em vez de irmos por Alcobaça, fomos pela Pederneira onde pernoitámos, e no outro dia, entrando a *afracar* o dito cavallinho, a muito cuſto o levámos ás chicotadas, até huma Venda, que chamão dos Negros.

§. XXXIII.

Ahi depois de não haver já remedio; que ſe lhe fizeſſe, o deixamos muito bem recommendado, e alugando-ſe hum burrinho, (com perdão dos meus Leitores) deitamos a Leiria, aonde ſe alugou beſta mais decente, e fomos de terra em terra

até dar entrada á Portagem na Cidade de Coimbra : e porque findou a jornada , finde tambem eſte Capitulo.

CAPITULO IV.

§. I.

AO quinto dia de noſſa chegada , chegou a noticia de que o cavallo ſe tinha deſcuidado dos queixos , e que a morte lhe entrára por onde nós lhe haviamos deitado hum ſem número de mezinhas de agua de azeitonas com alhos eſmagados , e quanto lembrou ao dono da Venda , por allegar que aſſim medicava , ou alveitava o ſeu jumento quando lhe ſobrevinha alguma dôr , aſſeverandonos que elle não tinha ſenão huma dôr fria , procedida de deſconhecer o caminho , e não poder por iſſo eſtravar.

§. II.

Continuando na noſſa vida Eſcolaſtica : como eu voltei namorado ,

do

do modo, e fórma que dito he, bem claro eſtá, que a minha applicação havia ſer mais frôxa: pois ſó o excogitar de que modo havia eſcrever á minha Joſina com o ſegredo, e recato preciſo, me levou muitos dias; não digo que ſeguidos, mas ora hum ora outro: até que amor, como induſtrioſo, fez a habilidade que ſe lhe pedia. Por tanto Direito Civil, eſtudava-ſe para a aula, e a Geometria *nem xique, nem mique*: cujo exemplo não deſejo que os outros tomem: *pois bem que o máo ſe preſuma ſempre máo, no meſmo genero de maldade*, não ſe ſegue por iſſo, que todo o máo deſeje que os outros o ſejão.

§. III.

Entre outras funções annuaes, e natalicias a que eu ſempre era chamado, veio o dia de annos de Sebaſtião Joſé de Sampayo, e como então me achava de cama, por conta de hum couce, que apanhei em huma vrilha, dado na rua das azei-

teiras, lhe mandei a seguinte em vez dos versos, que então lhe faria: vamos a ella.

ODE.

EU quiz, Sampayo,
Dar-te louvor,
Fugindo aos versos
Que inspira Amor.

Já sobre as margens
Que leva o Ganges,
Via partidos
Curvos alfanges.

Em fuga vil
Pondo os Malayos,
Cantava alegre
Outros Sampayos.

Mas quando o estrondo
Do bronze ouvia,
Ao dar nas cordas
A mão tremia.

Ven-

Vendo-me cheio
Deſte temor,
A mim contente
Chegou Amor.

Diſſe-me rindo:
Ah deſgraçado!
Cantar Heróes
Não te foi dado.

Os golpes conta
De meus farpões,
E o doce eſtrago
Dos corações.

Se he teu Amigo,
Se tem virtudes,
Seus annos brinda
Com tres ſaudes.

§. IV.

Não ſó as raparigas dão motivo aos verſos; ſe bem que os meus quaſi todos ſe lhes encaminhaſſem: porém havendo-me certa Senhora pagar huns, que

que lhe fiz, e de que me não lembro, me mandou de preſente huma boa caixa de rapé, de vidro largo, e dentro huma pintura de Venus, açoitando Cupido, com hum feixinho de roſas: louvei a invenção do Poeta dos olhos, e fiz-lhe eſta pintura em verſo, para chegar a ſeus ouvidos.

ODE.

POr ter offendido Althea,
Caſtigou Venus Amor,
E por caſtigar hum crime,
Foi fazer hum mal maior.

Althea amava Fileno;
Amor com zelo fingido
Fez que do ſeu coração
A poſſe tiveſſe Alcido.

Vendo a Mãi, que uſar hum Deos
De tão feia falſidade
Poſto foſſe hum Deos menino
Deſluſtrava a Divindade;

N'uma

N'uma cadêa dourada
Ao filhinho as mãos prendeo,
Depois co' hum molho de roſas
Nas alvas coſtas lhe deo.

Alguns agudos eſpinhos
Pelas carnes ſe mettêrão,
Correo ſangue, e deſte ſangue
Novos Cupidos naſcêrão!

Que fizeſte, ó Deoſa terna
Dos mortaes compadecida!
Oh quanto melhor nos fora
Ficar a culpa impunida.

Se elle ſóſinho fazia
Noſſas magoas, noſſos prantos,
Que ha de ſer de nós agora,
Se de hum cruel naſcem tantos?

§. V.

Entre outras Cartas, que fui tendo de Joſina, continha huma dellas, a expreſsão da grande magoa de não poder ver-me: lamentava eſta im-

impoſſibilidade, e rogava-me, que viſto eſtar chegada a Paſcoa, lhe déſſe o prazer de lá ir paſſar as férias: reſpondi, que eſſa já era a minha tenção, (e não lhe menti) e ao aſſumpto foi reſpoſta a que vai eſcrita

ODE.

DIſtante de ti, nem ſombras
Tenho da antiga alegria!
Em fatal deſaſſocego
Levo a noite, e paſſo o dia.

Se de Triptolémo o carro
Deſvanecido montaſſe,
Ou ſe os dragões de Medea
No ar vaſio enfreaſſe;

Deſte ſoccorro ajudado,
Que em vão minha alma imagina,
Tres vezes ao dia fora
As mãos beijar-te, Joſina.

§. VI.

Os meus trabalhos, ſe por hum la-

lado se adelgaçavão, por outra parte se me erguião debaixo dos pés: porém Deos que tudo faz, e ordena com Sabedoria eterna, me preservou de tudo para o que não posso comprehender de mim terá disposto; adoro a sua Providencia, e lhe agradeço o livrar-me do que vou contar agora.

§. VII.

Eu assistia na entrada da rua por alcunha a da Mathematica, quando vamos de nascente para poente: huma noite ás duas horas, me recolhia eu para casa, muito embuçado na minha capa: no largo do Hospital topei tres vultos, que nem conheci, nem pertendi conhecer, porque nunca me importárão as vidas alheias: pareceo-me, quando estava tirando a chave debaixo da porta, aonde os companheiros ma deixavão, que ouvi como disparar huma pistola, que errou fogo, e fez *xepe* (como se costuma dizer) não fiz caso porque julguei ser brincadeira, e que me havião

vião conhecido, e me querião metter medo: metti a chave na porta; mas ao tempo de entrar, ſenti hum formidavel eſtouro de bacamarte, que eſtrugio aquellas ruas, e me fez dar hum ſalto involuntario, que nem o Ferce na ſua corda; o ſangue me fugio para as aljibeiras, e eu certamente me cuſtou a atinar com a fechadura, para mudar a chave: vamos adiante.

§. VIII.

Como eu tinha ouvido dizer que ás vezes a bala, aſſim como a facada, ſe não ſentem ſenão depois de eſfriar, corrí pela eſcada a cima, abrí a porta do meu quarto, aonde ainda o candieiro durava acceſo; e como pela vez primeira tinha capa nova, lembrou-me que a entrar-me ou bala, ou quarto para o corpo havia primeiro ter furado a dita capa; tirei-a então, e paſſando-lhe reviſta á luz, me deſenganei de que ou o bacamarte ſó tinha polvora, ou me tinhão errado o corpanzil.

§.

§. IX.

A humanidade ſempre he grande couſa ! apenas me reconheci livre do incommodo , entrou logo a fazer-ſe-me penoſo o incommodo dos outros ; e imaginado , que elles na fé de terem feito emprego , ſe auſentarião da terra , corri á janella a abrir meio poſtigo , e gritei : vão deſcanſados , não ſe deſterrem que não me matárão : e logo fechei o poſtigo , diſpi-me , deitei-me na cama , e dormi , como ſe tal não tiveſſe acontecido : e talvez me eſquecêra de todo , ſe no outro dia não viſſe os quartos eſmagados na hombreira da porta , e eſtendidos pela parede adiante ; de ſorte , que foi como hum milagre , não me terem , com eſte trabalho , tirado dos outros , em que ſempre tenho andado.

§. X.

Tirou-ſe devaça , a que eu tambem fui chamado , e não ſe deo em quem foſſe : o que foi ſegunda raridade porque já mais ſe tira devaça

ça em que ao menos não fique hum pronunciado ; quando não seja para o seu castigo , se quer para que pague as custas : subé depois por carta innominada , que vivesse descansado , que tinha sido engano: e sem dúvida , porque o meu manso comportamento não merecia huma desattenção tão decisiva : e a este facto se refere a segunda quadra a pag. 131. do Tom. II.

§. XI.

Segunda prova he o seguinte de que os trabalhos , e desgraças me buscavão, e que em meu favor havia braço mais poderoso do que ellas : tinha eu hum colete de malha , de que nunca usava para brigas , e apenas por conta do frio , pois se compunha de quatorze tafetás , e quatorze pannos de linho , acolchoados , e passados com pontos de huma especie de guita , por toda sua estensão , de sorte que pela sua largura dobrava a parada na frente , reservando o peito , e a barri-

riga com vinte e oito coletes : cujo colete foi de hum meu Tio valente como huma ſerpe , por mar , e terra , e a quem eu em nada ſahi: vamos ao caſo.

§. XII.

Huma noite de frio , e por ſignal que pela Quareſma , hia eu muito embrulhado nelle , e no meu capote , quando ao deſembocar da rua de quebra coſtas , para o arco da Almedina , ſinto hum grande empurrão de hum lado: vou a olhar , e quando nada , era huma eſpera feita a outro , que hia dando comigo em vaza barriz , porque o impulſo que eu ſenti era de huma eſpada , que ſem falta me atraveſſaria de banda a banda , a não levar veſtido o dito recommendavel colete : o certo he que elle livrou-me da eſpada , e a eſpada não livrou o outro de ir em braços para caſa , por conta de huma morretada , que entre mentes lhe aſſentei no alto da bola : e talvez , que ſó ſaiba quem lha deo , ſe inda

for

for vivo, e ler eſſe paragrafo: e eis aqui a verdade da propoſição de que não ha traſte inutil, e os que mais ſe deſprezão, são os que mais aproveitão, como ſuccedeo ao viado da fabula, que ſe achou com as pernas, que tinha em menos cabo, do que a ſua ramoſa cornadura.

§. XIII.

Chegou-ſe entre tanto a Paſcoa, e eu lembrado dos rogos de Joſina, e não eſquecido de minha promeſſa, a pezar de prognoſticos ſobre a Geometria, e das reprehensões dos verdadeiros amigos, que me querião formado a todo o panno, e olhavão para mim, como para a obra das ſuas mãos, montei-me a cavallo no ſabbado, e apregoando ramos, e viſitando ferrolhos, dei comigo em caſa de minha Tia, de donde amiudadas vezes hia a conſolar-me com a viſta da minha bella, e adorada Joſina.

§. XIV.

Pelo eſpaço deſtas ferias me di-

ver-

verti muito, e lhe fiz verſos com hum contentamento indizivel: ella ſempre me pareceo melhor do que nenhuma: muito airoſa, mui bem feita, e delicada, e ſobre tudo huma candura de genio bem raro de encontrar-ſe: eu a admirava, ella ſó me eſquecia de meus infortunios: para eu lhe dizer iſto que por mim paſſava, lhe fiz a ſeguinte

ODE.

HUma fonte, que entre pedras
Sua corrente adelgaça,
Me acalantou, murmurando
N'hum boſque junto ao Regaça.

Mil ſonoros paſſarinhos
C'os gorgeos me acordárão,
E os meus eſpiritos frôxos
Ao perdido tom chamárão.

Então a Aurora, ſahindo
Das eſtrellas rodeada,
Foi ſignalando nos Ceos
De vermelha luz a eſtrada.

Por ella o Zefyro, e Flora
Hum morno bafo eſpalhando,
Hião das flores mimoſas
Freſco orvalho deſpegando.

Neſte enleio, em que me tinhão
A fonte, as aves, e Flora,
Vi de repente a meu lado,
O bem que a minha alma adora.

Não tornei a ouvir das aguas
O murmurio ſuave,
Nem dos alados Cantores
O Coro mimoſo, e grave;

Nem o Zefyro, nem Flora
Vi voltejar na Campina;
Deſde tão feliz momento,
Não vi mais, do que Joſina!

§. XV.

Perguntou-me ella em certa occaſião, em que fallavamos da inconſtancia de algumas Marcias, e curioſas de enganos, ſe viria tempo tambem, em que ella foſſe por mim deixada? ou até que tempo duraria a minha paixão: iſto foi tão energico, que lhe diviſei nos olhos eſcapadas algumas lagrimas: e neſſa noite levei a minha guitarra, e a ella cantei a ſeguinte, a que de tarde havia feito muſica competente.

ODE.

CO' a face lavada em pranto,
Que meiga a meu roſto ajunta,
Com que ternura Joſina,
Soluçando me pergunta!

Até que dia por ella
Arderei no fogo amante,
Ou ſe inda de abandoná-la,
Virá hum penoſo inſtante?

Mas que posso eu a Josina
Neste ponto responder,
Sendo o instante da morte
Tão difficil de saber!

§. XVI.

He costume pelos dias Santos da Pascoa, darem-se ramalhetes em certa Confraria, e os brindados os levão muito contentes ás pessoas da sua veneração: vi eu dar hum a certa visinha, o qual a minha Josina gabou: e correndo eu tudo por flores, para tambem a brindar, não achei cousa em termos, e por tanto recorri aos versos, dando-lhe esta

ODE.

PElas Campinas de Idalia,
Discorrendo hum dia Amor,
Quiz d'aquelles ferteis campos
Ser primeiro lavrador.

Despe as azas, larga o arco;
E n'huma araveça d'ouro
Ajuntou a Vara d'Jó,
E da bella Europa o Touro:

Em vez de setta na mão,
Vai longa vara regendo,
Ao som d'hum canto divino
A fresca terra rompendo.

A Mãi o segue risonha,
Hum cabazinho embraçando,
De que tira humas sementes,
Que vai no rego lançando.

Rírão-se os Faunos, e as Nynfas
Ao longo d'aquelle prado,
E no Olympo os Deoses rírão,
De vêr o seu desenfado!

Chega a noite; as mansas rezes;
Logo põe em liberdade:
E huma Venus, outra Amor
Deixão com pouca vontade.

Nas janellas do Oriente
A rubra Aurora aſſomou,
E na ſeara dos Deoſes
Goſtoſamente orvalhou.

Paſſárão-ſe nove dias,
E mais huma noite inteira,
Começou de produzir
A divina ſementeira.

Forão as Nynfas a vêr
De ſeu trabalho os effeitos;
E achárão que ſó naſcião
Roſas; e amores perfeitos!

Ah! colhei-me, Nynfas bellas,
Deſſa ceara divina
Hum ramalhete, que eu poſſa
Levar á minha Joſina!

§. XVII.

Huma das couſas de que ſempre goſtei, foi de fingir zelos, ainda que não tiveſſe para elles motivo, porque eſte jogo toca n'alma, e por el-

elle ſe conhece a que auge he hum homem eſtimado: a minha Joſina deſeſperava com iſto, reforçando-me provas da minha pouca razão, e já me exprobava, como de hum defeito: eu então lhe fiz vêr que os ciumes são inſeparaveis do amor, ou que poucas vezes anda hum ſem outro, virando-lhe a ponta do recado, para fazer a goſtoſa affinação de huns arrufinhos, que diſpárão em nada: he o contheúdo, e declarado na que ſe ſegue

ODE.

LAnças-me em roſto;
Vêr por coſtume
No peito arder-me
Voraz ciume.

Olha, Joſina,
Que neſte exceſſo;
Quando te aggrave,
Mais te mereço!

Vejo-te bella,
Vejo-me indi'no,
E meu rival
Tudo imagino.

Se não ter zelos
Séria m'intímas,
Pouco, Josina,
Pouco me estimas!

Esse que chamas
Monstro cruel,
He de Cupido
Socio fiel.

Quando de Venus
Amor nasceo
No mundo o zelo
Appareceo.

E tão unidos
A gente os vê,
Que amor sem zelos,
Amor não he!

§. XVIII.

Chegárão os Prazeres, e mais ſentido do que nunca, me deſpedi de Joſina, que tudo era perguntar-me quando acabaria eu deſtas hidas de Coimbra: e penſando niſto, e na Geometria, e no anno que tinha perdido, fui fazendo pelo caminho o Soneto, que ſe ſegue, o qual lhe remetti, logo que cheguei a Coimbra: aqui o tendes.

SONETO.

Ai Joſina gentil, que os duros fados
Contra nós ſe declarão! vem vôando
Huns annos apoz outros, e tardando
Do noſſo amor os dias deſejados!

Já cuidei, que dois annos acabados,
Acabaſſe o deſterro duro em que ando!
Mas inda no Mondego hei de ir levando
Tres Invernos compridos, e pezados!

E talvez ; que esta conta me desfação ;
Da ventura cruel as mãos mesquinhas,
E que d'hum mal immensos males nasção!

Não esfries porém na fé que tinhas,
Que inda espero ditoso os Ceos me fação,
Por teres parte nas venturas minhas.

§. XIX.

Appareci eu na minha aula, quando menos o esperavão os companheiros, e nella fui continuando, aturando o chasco de todos me perguntarem em que alturas hia a Geometria: sopapo este, a que eu não tinha que responder! mas encolhia-me, e hia continuando.

§. XX.

Veio o Espirito Santo, e convidou-me o Doutor Troia para ir a Miranda do Corvo, e de lá acompanhar o Sirio que vai á Senhora do Pranto, venerada em Villa d'Ornes. Fui eu a pezar da Geometria, e por lá me diverti: he porém forçoso, que dê aos meus benevolos Leitores

res huma ſuccinta idéa deſta devoção, e das circunſtancias de que ſe reveſte a marcha deſte Cirio.

§. XXI.

Sahe do lugar, onde a Bandeira pára, huma infinidade de homens, e mulheres, montados em beſtas muito enfeitadas, os quaes em duas alas ſeguem a Bandeira nos caminhos que o permittem: de legua em legua ſe achão duas bancas, huma de hum lado, outra do outro, e dois ſerventes a cada parte, hum miniſtra amendoas, outro copos de vinho; vou paſſando as alas, e cada peſſoa leva as ſuas amendoas, e eſcorropicha a dóſe, de ſorte, que o maior deſdoiro he paſſar dalli, ſem beber ao menos hum copo, e ſe lhes dá por iſſo huma grande vaia. No meio da jornada ha huma caſa ruſtica em ar de armazem, e que fórma huma eſpecie de refeitorio, aonde ſe anticipa o jantar para toda a comitiva; alli ſe faz alto, e muita frugalidade ſe come a deſancar, e ſe be-

bebe como ao desafio: acabado este se continúa com as mesmas estações de légua em legua até se chegar ao Templo da Senhora, que fica em hum sitio agradavel, pela visinhança do Zezere, que correndo precipitadamente, se espraia alli em huma especie de lago, de donde caminha a confundir-se no Téjo. Lembro-me de ver alli pescar sáveis monstruosos, dos quaes comi, e os achei sobremaneira saborosos, talvez proceda do batido das aguas. Acabada a romagem que dura hum dia de estada, se torna a voltar do mesmo modo, quanto ás referidas paragens, e jantar sobredito; e eis-aqui a festa do Pranto.

§. XXII.

Voltei daqui a Coimbra, e tratei de me apromptar para o meu Acto de 3.° anno, que com effeito não fiz; restando-me a mágoa de não me achar capaz em Geometria, e consequentemente inhabilitado para entrar no quarto, e com profe-

cias

cias formidaveis de não paſſar dalli para diante, ſe bem que quanto á parte Juridica, deixei tudo corrente, e dada conta da Geometria, nenhuma dúvida reſtava ao progreſſo de minha doutorice.

§. XXIII.

Póſtas as couſas neſta figura, caminhei para Obidos, com a fixa tenção de neſtas férias me dar todo á Senhora Geometria, para no princípio de Outubro ir deſempenhar o meu barranco, e continuar com o quarto anno, pois já me envergonhava de andar em Coimbra: e neſta ſituação acaba a materia, tocante á Epoca VII.

EPO-

EPOCA VIII.

CAPITULO I.

§. I.

NA goſtoſa companhia da minha Joſina paſſava eu ſerenos dias, mettendo de permeio algumas horas inteiramente empregadas na Geometria: mas a falta de Mentor, iſto he, de quem me explicaſſe humas couſas, e tiraſſe a dúvida em outras, era hum obſtaculo que me tornava inuteis todas as minhas diligencias: eis ſenão quando vou ás Caldas, e tópo lá com João Manoel de Abreu, de que muito folguei, e a quem convidei para me dar as preciſas lições, do que elle goſtou, porque tambem me deſejava Doutor: e não ſó iſto, mas tambem, para melhor commodidade me quiz ſeu hoſpede nas Caldas, onde com effeito o fui.

§.

§. II.

Tratava-se de Geometria a todo o panno, mas o tempo tambem se gastava em visitas a Josina, em passeios de burrinhos, e na estimavel sociedade da familia amavel de Leibisselter, Inviado de Alemanha, que ahi se achava, em razão da molestia de sua galantissima filha.

§. III.

Nós eramos alli fixos ao jantar, de tarde ao passeio, e á noite ao jogo, baile, e uso da minha guitarra; pelo que foi suavemente escorregando o tempo, e com a mesma suavidade escorregou a applicação da Geometria, a qual só tornou a lembrar com a volta de Septembro, por ser visinho de Outubro, mas isto inutilmente, e sem sombra de remedio, o que me magoava, por ver que mais se me hia affastando o tempo de concluir as minhas convenções com Josina.

§. IV.

A reflexão sobre este ponto fez

apparecer no meu roſto huma triſteza, que ſe fez reparavel a todos, e por mais que me perguntaſſem a cauſa, já mais a diſſe: até que hum dia a Inviada me inſtou para que lhe deſcobriſſe a cauſa da minha repentina melancolia: contei-lhe o que me ſuccedia, e os inconvenientes que da perda de hum anno me reſultavão: e entre remedio, e não remedio, me perguntou ſe iſto poderia ſanarſe com hum Aviſo: tornei-lhe eu que ſim, e até lho juraria, ſe ella quizeſſe.

§. V.

Eſtá feito, me diſſe ella então: eu tenho peſſoa de minha amiſade, com quem me poſſo intereſſar, para que voſſê o conſiga: porei todo o esforço, porque goſtando de fazer bem a todos que poſſo, muito em particular lho deſejo fazer a voſſê: á manhã venha pela Carta: parti eu ſaltando de contente, e cheguei a Obidos, ſem a tromba com que andava, encaixando de novo em mim

o pertendido nome de Doutor da Aldêa.

§. VI.

Sim, Senhores, mal que no outro dia maſtiguei a ſopa, vacca, e arroz do coſtume, ſubi-me a hum burrinho, e fui caminho das Caldas, e em direitura a caſa da minha Protectora: apenas me vio, diſſe-me, já eſtá feita: brincou-ſe, &c., e lá perto da noite me entregou huma Carta para D. Marianna Arriaga; e quando eu vi o ſobreſcripto, logo eu diſſe: a minha Protectora quer ſervir-me.

§. VII.

Achava-ſe S. Mageſtade então em Cintra; e como o meu intereſſe o pedia, ainda que o tempo eſtava invernoſo, lancei-me aos mares, aluguei huma mula a hum barbeiro da minha terra, por nome Joſé Leal Jorge, que dava muito couce, mas pouco temiveis; e pedindo empreſtado hum gabão a Joſé Garcia Botelho, marido da filha de minha

Tia, com toda a animoſidade, cavalguei a Serpe, e por Torres Vedras, e Mafra, viſitando amigos velhos, entrei na Villa de Cintra, aonde nunca tinha hido em dias da minha vida, e de que goſtei ſummamente, e ſe acaſo me não déra tanto no cuidado, eu lhe faria algum verſo; mas então tratava-ſe de eſcapar á Geometria, e nada de Poeſia.

§. VIII.

Fui dar a huma eſtalagem, aonde logo me tomárão a rol; e accommodando a beſtinha, ſahi para fazer a entrega da Carta: eu não ſabia nem porta, nem nada, nem me lembrava o modo de ir ao Paço pela primeira vez, e não queria fazer alguma canhola: neſte tempo, que eu me havia poſtado no meio da rua, vejo vir Domingos Caldas Barboſa, que eu conhecia muito bem, aſſim como ſuccede a muita gente boa, ao qual me cheguei, e feito o meu comprimento lhe dei parte de mi-

minha pertenção, o que elle eſcutou com todo o modo, que eu eſperava: diſſe-me que vinha da caſa da dita Senhora, e que era má occaſião de eu lhe fallar: que elle ſe encarregava da entrega da Carta, e da reſpoſta; cuja reſpoſta poderia delle haver, procurando-o em caſa de João Chryſoſtomo de Souſa. Iſto eſtimei eu muito, porque com effeito hia mais em traje de marchante, do que de homem com pertenções na Corte.

§. IX.

Tornado á eſtalagem, cuidei em cear, e depois em querer dormir; porém ſomno tinha eu, mas camanada de novo: ſubi para hum quarto, aonde eſtava huma eſpecie de enfermaria ladrilhada de camas, mas todas occupadas, e huma que reſtava vaſia, diſſerão-me logo ſer de hum ſujeito, por appelido o *Aſſa*. Com o pretexto de ſer ſeu parente, conſegui, que os outros me deixaſſem deitar na dita cama.

§. X.

No melhor do ſomno, em que logo peguei, eſtava eu, quando me ſenti interrogado pelo dito *Aſſa* da razão, por que me havia ſervido da cama, ſem ſua authoridade? reſpondi-lhe, esfregando os olhos: que eu o não ſizera antes de ouvir o ſeu nome; mas que ouvindo-o julguei por elle meu parente, por o ſer tambem do *Aſſa*, que fora Coronel dos Voluntarios; e que quando o não foſſe, os homens de bem tinhão humanidade, e que não havendo outra cama, e cabendo nós ambos naquella, não me perſuadia de que elle me não accommodaſſe comſigo, vindo eu tão molhado, e moido, e não tendo, pela graça de Deos, moleſtias que lhe communicaſſe: que eſte fora o meu juizo, e caſo que S. m. não concordaſſe, que promptamente me levantaria, com o pezar do meu engano.

§. XI.

Iſto foi dito com toda a energia, e

rindo-se os outros, acodio hum Sargento-Mór de Villa Viçosa, que lá se achava, e cujo nome me não lembra, dizendo: que as minhas razões erão racionaveis, e que a minha cara não inculcava molestias: está bom, disse então o *Assa*, accrescentando, ou vossê he muito maroto, ou muito simples; ao que respondi = Senhor, pela manhã fallaremos, que ao presente nada mais quero do que continuar no meu somno: deitei-me para baixo, e continuei na fórma que lho disse.

§. XII.

Ao outro dia procurei Domingos Caldas Barbosa, e com effeito me entregou o meu requerimento com despacho para que sobre elle informasse o Reformador Reitor: achava-se este em Lisboa, e sem appellação nem aggravo marchei nesse dia para Lisboa, e fui aportar á casa de minha Madrinha, a Excellentissima D. Maria do Carmo que já então se achava de assistencia na Cidade; e

logo cuidei de levar o Requerimento ao meu Reitor; a quem roguei muito mo quizeſſe dar na mão, para ſaber manejá-lo, ſegundo o pedia o caſo: mas o caſo he que iſto não quiz elle, e ſó me fez a mercê, de dizer-me o dia em que lá o podia procurar: e com eſta reſpoſta tornei para caſa, não muito contente, pois lhe vi ſignaes de que a minha pertenção era contraria ao ſeu ſyſtema.

§. XIII.

Chegado o dia que elle me deo, empreſtou-me a Fidalga hum cavallo, em que mais decente fui buſcar a reſpoſta, da qual deſconfiei, pois que o meu Prelado não goſtava deſtas indulgencias, as quaes por muito frequentes hião produzindo huma eſpecie de relaxação: com tudo, depois do negocio eſtar vacillante, ſempre me entregárão hum Aviſo, pelo qual S. Mageſtade foi ſervida que eu fizeſſe o meu acto de terceiro anno, podendo matricular-me no quarto, não obſtante a Geometria, da qual

ſeria obrigado a dar conta no fim do dito quarto anno: que viva!

§. XIV.

Parti tonto de alegria para a eſtalagem; e como não tinha tempo de deitar neſſe dia a Lisboa, fui viſitar o meu amigo Antonio Joaquim Btuxado, em huma quinta aonde aſſiſte perto de Cintra: e no outro dia, montei a cavallo, e fui calcorreando para a Cidade.

§. XV.

Caminhava eu nas alturas de Queluz, a paſſo largo, quando ſuccedeo paſſar hum Correio: o cavallo, que creio já o havia ſido de poſta, deo de correr tambem: deixei-o ir, até que por dó delle (que praza ao Ceo, nunca tivera) o quiz ſegurar: não eſteve por iſto o bruto, e entre pára não pára, toma o freio nos dentes, parte comigo por huma terra margeada, e cégo na carreira vai esbarrar com hum monte de pedra ſecca, onde cahio de narizes, deitando-me pelas orelhas fóra em cima de

ou-

outro, de sorte que dei com huma sobrancelha aonde fiz hum rasgão, que a dar na fonte, que perto lhe ficava, tambem alli ficaria.

§. XVI.

Ergui-me como pude, e como nunca larguei a rédea, fui de meu vagar para huma taverna que estava no caminho, escorrendo em sangue: lavei a ferida com agua-ardente, puz-lhe huma sopa de vinho, montei-me a cavallo, feito mascarado, e dahi até Lisboa dei-lhe a corrida que elle merecia, e desejava.

§. XVII.

No dia seguinte, fui a casa do meu Reitor, a pôr-lhe o cumpra-se: dei-o para dentro, e quando elle sahio para a Patriarcal, já mo trazia aviado no barrete: entregando-mo, ao beijar-lhe a mão me disse; porque não tirava logo outro para o anno: respondi-lhe, que não havia ser preciso: e lembro-me que elle me tornou: inda assim sempre he bom haver prata quebrada. Foi-se andando,

do, e eu parti logo a cuidar na minha jornada para Obidos, para de Obidos me transportar para Coimbra.

§. XVIII.

A minha Josina, a quem eu tinha communicado a difficuldade em que me achava, e o fim de minha jornada, se alegrou muito com o bom exito della: e entre este prazer, e o desgosto de nos apartarmos, veio o dia da minha partida, e eu, á falta de bestas me conduzi em hum jumento, e a mala em outro até á Cidade de Leiria, aonde achei hum macho, que me levou até á Rainha do Mondego.

§. XIX.

Mal que cheguei apresentei o meu Aviso, fiz o meu acto de terceiro anno, e matriculei-me no quarto, com segunda admiração dos que havião presenciado o primeiro milagre: e muito empanturrado, e senhor de mim tomei o meu lugar, e continuei com o olho aberto no Ba-

che-

charelato, para dahi deſcambar na Formatura.

§. XX.

Eſte foi o anno em que eu vivi mais manſo, e com effeito me appliquei á Geometria, ainda que lentamente; não deixando nunca as tafularias, e brinquedos, por ſerem indiſpenſaveis do meu eſtabelecimento, a pezar de tantos amigos quantos me ajudárão, e a quem não ſei dar as devidas graças.

§. XXI.

Se eu até aqui olhava para a minha Formatura, como huma couſa já de capricho, agora a encarava, como hum meio para poſſuir a minha Joſina; e eſte eſtimulo foi hum zaguncho, que a toda a hora me deſpertava nas minhas obrigações; e por tanto todos os dias tomava huma hora para Geometria, debaixo das inſpecções de Joſé Barboſa Nogueira, e Pedro Joaquim, heróes de igual manſidão á minha, e de hum temperamento da meſma qualidade.

§.

§. XXII.

Não houve por tanto neſte anno heroicidade palpavel, nem eſtropolia de recommendação: mas ſempre o Natal nos trouxe á pátria, e o mais he, que até pelo Entrudo fiz a meſma viajem, com notorio eſcandalo do mundo eſcolaſtico, e grande prazer, e ſatisfação da minha Joſina, que aſſim mo havia rogado, e a quem eu não quiz faltar.

§. XXIII.

Neſſa occaſião lhe fiz a ſeguinte Ode, na qual em vez de Joſina puz Nize, do que ſe não ſatisfez muito, em quanto lhe não dei diſſo as razões; e iſto porque entendeo, que eu tinha mais, com quem repartiſſe dos meus verſos, no que ſe enganou de meio a meio, e a dita he eſta

ODE

ODE.

NAs margens do Regaça,
Qual bando de pombinhos,
Aqui, e alli voavão
Seis bellos amorinhos.

Hum delles mais traveço,
A' bella companhia
Severo diſſe: he juſto
Paſſar-ſe aqui o dia?

Pois onde voaremos?
Os ſinco lhe tornárão:
A Nize diſſe: alegres
Os mais ſe levantárão.

Cortando os manſos ares,
O terno bando adeja,
Mais cedo, do que os outros
Qualquer chegar deſeja.

Aquelle, que primeiro
Chegou ao roſto ſeu,
Em ſeus galantes olhos
Ligeiro ſe eſcondeo.

O outro que apos elle
Hum nada ſe atrazou,
A ſeus roſados lábios
Contente ſe apegou.

E dois que ao meſmo tempo
O vôo aquietárão
De ſuas faces lindas
Co' as Graças ſe abraçárão.

O quinto pelas tranças
Ligeiro foi trepando,
E candidas boninas
Foi nellas concertando.

O ſexto que não pôde
Pouſar onde queria
As azas ſacudindo
Pegado aos mais carpia.

E como no caminho
Excesso havia feito,
As forças lhe faltárão,
E foi cahir no peito.

Então alçando o rosto,
Com riso mofador,
Aos outros disse: o lá
Qual he que está melhor?

§. XXIV.

Feitas muitas contradanças, comida muita carniça de porco, e o mais de enfarinhadas, e outras cousas do Carnaval, entrou a Quaresma, e com ella foi devorando bacalháo, e feijão ora nas estalagens, ora em casa dos amigos, e sempre debaixo d'agua; até me tornar a arrebanhar com os meus condiscipulos, e amigos na Cidade dos trabalhos gostosos, de quem tanto praguejámos, e que sempre nos lembra!

§. XXV.

Não póde negar-se que os trabalhos

lhos vem inopinadamente, como tambem, que ás vezes de hum trabalho se tirão avultadas consequencias: a razão do meu dito, carece de prova, e tendo outras muitas que produzisse, tirada da vida de Heróes de outra categoria, não quero mendigar exemplos estranhos quando nos meus acontecimentos, e ordinarias aventuras, entre outros apparece o seguinte que fez o meu Reitor, que até então me tinha por hum espirito inquieto me ficasse julgando tal, qual eu era, e da mansidão de que ainda me conservo.

§. XXVI.

Achava-me eu hum dia no botequim do Alves, tomando o meu copo, que elles vendem a titulo de café, a tempo que na meza que me ficava defronte, fazião o papo com ponche fumegante dois sujeitos para mim inteiramente desconhecidos, e com quem eu me interessava cousa nenhuma.

§.

§. XXVII.

Neſte tempo entrou pela porta, fazendo paſſagem para o bilhar, hum Beneficiado, chamado o Marques, o qual ſegundo ſeu coſtume me tratou pelo titulo de D. Franciſco, hum dos ponchantes levantou-ſe logo de chapeo na mão, o que imitou o outro companheiro chegando-ſe aquelle a mim a abraçar-me quaſi pelos pés, e o ſegundo poſto como de atalaia, obſervando a razão de ſua humildade, e alvoroço! elle me fez immenſas feſtas prodigaliſando o tratamento ora de Senhoria, ora de Excellencia: logo eu vi que o erro eſtava entre a minha peſſoa, e a de D. Franciſco d'Almeida: porque lá não havia outro Franciſco com Dom.

§. XXVIII.

Mais me deſenganei, quando me fallou no que D. Violante de Mello era ſua amiga, e nas traveſſuras que narrou da minha primeira idade. Ora como eu me vi Fidalgo do pé para a mão, tambem da mão para

ra o pé cuidei em reveſtir-me de hum tom grave na minha fyſionomia, e de hum negligé para com elle, *& afortiori* contando, que já lhe tinha muitas vezes mijado no collo.

§. XXIX.

Forão galantiſſimos os rodeios, e os perdões que elle pedio para offerecer-me hum copo de ponche: eu me franquiei para pagar o que elles tinhão bebido, couſa a que reſiſtio tenazmente, mas ſem deſiſtir da ſua pertenção: vendo-me perſeguido tornei-lhe em deſempate, que eu não bebia ponche quente; correo logo ao moſtrador, e fazendo miniſtrar hum ponche frio, mo apreſentou ás ventas, eu deitando-lhe a mão, o ſumi por baixo dellas.

§. XXX.

Sim Senhores, feito D. Franciſco eſtava eu, quando para vêr, que rapidamente paſsão as glorias do mundo, entrão dois eſtudantes, que tudo deitárão ás gaitas, dando-me

o tratamento de a *Deos Malhão*; o qual eu ouvi, com a meſma ſeneridade com que ouvi do Marques *criado Senhor D. Franciſco.*

§. XXXI.

Não aconteceo aſſim com o outro, porque conhecendo o engano, e vendo perdido o ſeu copo de ponche, deitou a vizeira abaixo, cobrio-ſe com arrogancia, e foi para onde dantes eſtava, ſentando-ſe logo, e o ſeu companheiro, ao ſom das riſadas do moço do botequim, e dos que acodirão do bilhar feſtejando a maganeira: elle bem teimava com ſeu companheiro, que eu não tinha cara de Fidalgo, mas eu deſeſperava-o, argumentando, que então ainda o ſeu erro tinha menos deſculpa, e niſto houve hum eſpaço de tempo muito comico, e agradavel para toda a comitiva, que veio vindo ao reclamo.

§. XXXII.

Forão-ſe em fim embora, e quando eu menos o penſava, andando a paſ-

paſſear pelo botequim, entrou hum delles de ſupito pela porta dentro, e ſe lançou ao meu braço com tanta violencia, que me vi obrigado a ſahir para a rua, aonde me eſperavão mais dois, e eu na mão de hum vi luzir huma faca com que me accommettia medroſamente: o outro deſcarregava pedras para a porta; evitando aſſim, que os de dentro podéſſem ſoccorrer-me: eu com preſença de eſpirito, enrodilhei a capa no braço, e afforſuradamente procurava na rua que a providencia me deparaſſe alguma pedra: cahio-me em fim huma fivela do çapato, deſtas de aço, e muito grande, a qual não quiz perder, e me ſervio de muito, pois vendo-ma luzir na mão, receou o inveſtidor, e foi-me largando o campo, que venci té perto da porta; e como ſe tinhão acabado as pedras, e eu o biſpei pela luz da caſa, agarrei huma boa mão cheia de lama, e felizmente lha encaixei pelos olhos, e ſobrando á

porta, ahi acudio o outro, a quem levei comigo pela caſa dentro: deparou-me a ſorte hum taco, e com elle lhe ſotei na cabeça, varando-o em terra, e ſendo ſoccorrido do companheiro, aconteceo-lhe o meſmo, ficando eu victorioſo, e ſoberbo de minha contenda.

§. XXXIII.

Appareceo o dono da caſa gritando muito contra mim, com o pretexto de eu alli fazer deſordens, ao que os mais reſpondêrão com a minha razão, quando eſtava para lhe reſponder com o meſmo taco, com que déra o lugar a ſeus intempeſtivos ralhos: alfim perguntados os derribados, veio a ſaber-ſe por ſua confiſsão, que erão criados do noſſo Reitor: iſto agoniou ainda mais ao dono da caſa, e a mim não me fez muito boa cara: partírão elles para caſa de ſeu amo, e eu parti a ter com D. Joaquim de Lima, a quem quiz dar parte, mas não o achei então em caſa.

§.

§. XXXIV.

Como os meus contendores tinhão hido buſcar cartas ao correio, e voltárão enſanguentados, tambem as cartas participárão diſſo, e fazendo eſpecie ao Prelado, quando aſſim as vio, por não o agoniarem, pois ſe achava moleſto lhe temperárão o eſpanto, dizendo-lhe, que por deſcuido as havião poſto na coſinha em cima de huma banca, onde ſe tinha matado o quer que foſſe: e deſte modo ſe cerzio o remendo, e talvez paſſaſſe a couſa em claro.

§. XXXV.

Foſſe porém, que os familiares quizeſſem vindicar a verdade, ou que o dono do botequim, receoſo de alguma ſuſpensão buſcaſſe niſto o remedio, he certo que o Prelado ſoube no outro dia a tratada tintin por tintin: aconſelhavão-me que eu foſſe tambem dar parte: reſpondia eu; *de que?.. de lhe rachar a cabeça aos criados? iſſo não: elle ha de informar-ſe, e ouvir-me;*

e niſto fiquei fixo como huma rocha.

§. XXXVI.

Meu dito meu feito : e paſſados dois dias , entrou-me pela porta dentro hum Contínuo , não me lembro ſe o Bento , ſe outro que tal , e me intimou , que o Senhor Principal ordenava , que eu lhe fallaſſe ao meio dia : e iſto então ſendo onze horas , e achando-me eu em caſa por falta de çapatos.

§. XXXVII.

Mandei pedir huns empreſtados , e á hora que ſe me deo , me apreſentei na ſala dando conta da minha obediencia : veio elle , e depois de fallar-me em outras couſas , tocou no ponto , e me encarregou de contar o que tinha havido : fiz eu fielmente a narração , ſem faltar a circunſtancia alguma , e quando delle eſperava algum varejo , foi pelo contrario , pois me achou tanta razão , que no outro dia pôz os criados na rua.

§.

§. XXXVIII.

Eu que nada mais queria, do que ficar bem, ſem que elles de mais a mais ficaſſem com outro mal novo, vim por iſſo a ſentir-me baſtante do incommodo dos pobres moços, pelos quaes tendo rogado varios, nada conſeguírão. Eu então, levado de hum impulſo, de que ſem liſonja ſou ſuſceptivel, deitei-me a caſa do Prelado, e com a energia que pude, lhe pedi que elle ſe dignaſſe a acceitá-los: diſſe-me elle depois de eu lhe inſtar muito, que o faria ſe eu lhe reſpondeſſe cabalmente a duas couſas: offereci-me para tanto, quanto podéſſe, e ſempre com verdade.

§. XXXIX.

Foi a primeira pergunta: *Porque razão me achára eu no botequim a ſemelhantes horas, ſendo mais proprias de eſtar tratando com os meus Livros?* Reſpondi-lhe eu = Senhor, ſe a fortuna de mão com a natureza, aſſim como me derão hum eſtomago ſugeito

aos

aos pezos, e indigeſtões, a que tambem o eſtá o de V. Excellencia, me derão a ſegunda parte de ter criados como V. Excellencia, e bom café como V. Excellencia, eu lhe dou a certeza de não ir a ſemelhantes caſas: mas como as noſſas amas não fazem, nem ſabem fazer café, e o eſtomago ás vezes preciſa delle, eis-aqui porque lá eſtava a eſſa hora, por ſer eſſa a hora em que preciſei de café, e não por outra couſa, que eu para paſſar o tempo, não preciſo botequins, inda deſprezando o eſtudo.

§. XL.

Como a minha reſpoſta recahia ſobre pontos de verdade não me inſtou elle, mas quiz em ſegundo lugar, que eu lhe diſſeſſe quem erão certos ſugeitos, que por eſtas caſas eſtavão todo o dia, e que até paſſavão muitas noites, até ao ponto de dormirem o reſto dellas em cima do taboleiro do jogo: bem ſabia eu quem elles erão, e até de hum que

lá

lá deixou em huma dellas o compendio, que não procurou, ſenão paſſados quinze dias, mas com a mira no amor do proximo, e proprio, lhe ſatisfiz, dizendo: = Que mal podia informá-lo no que S. Excellencia queria, porque ſe paſſavão ſemanas, que lá não entrava de dia, e de noite mezes: eſtá bom, me diſſe elle, póde ir-ſe embora: tornei a inſtar pela acceitação dos criados, e ficou em ſatisfazer a meus rogos do modo poſſivel.

§. XLI.

Com effeito elle averiguando quem fora delles o author ácerca de miſturar a hida ao botequim, com a hida ao Correio, fazendo juſtiça a eſta curioſidade, e annuindo ao meu honrado petitorio, acceitou o convidado, e novato na terra, deixando ſempre o veterano, e convidante no andar da rua.

§. XLII.

Eſta tramoia que alguns penſárão ſer-me funeſta, deo lugar a que elle me viſſe, e ouviſſe de perto, e

que

que notaſſe que em todas as grandes heroicidades que lhe precedêrão, nunca eu figurei, ſendo hum heróe attendivel; e daqui veio mudar-ſe o ſyſtema concebido, e principiar a olhar-me com olhos de compaixão, e a favorecer-me lá pelo tempo adiante no que não tocava á ſua inteireza de officio, como veremos lá para diante ácerca da Geometria: e eis-aqui provado o que eu dizia, que ás vezes dos trabalhos ſe colhem bons fructos.

§. XLIII.

Cantando o triunfo deſte acaſo, fui hindo com a minha vida por diante, e até com a fama de valente, de que nunca me quiz ſervir, ſendo aliás a maior tentação de rapazes, pois deſde pequeno, ſempre tive grande amor ao meu corpo, *ac per conſequens*, natural aversão a levar pancadas: com tudo ſempre entrei em huma briga no campo de lava rabos, por baixo de S. Silveſtre, aonde corri de eſpada na mão,

mais

mais arrogante que Oliveiros, e de onde fugi, mais leve do que hum paſſaro, mettendo eſporas á mula em que hia, adiante de duas fouces roſſadoras, a que eſcapei atráz de todos os companheiros, que ſe acordárão de o fazer mais cedo: e por tanto o meu voto he ter antes fama de fraco, e de pobre, do que de rico, e valente, já por conta de roubos, e empreſtimos, e já por eſcapar a acontecimentos funeſtos.

§. XLIV.

Lembro-me que iſto foi pelo tempo da Quareſma; e tanto aſſim que pouco depois aconteceo o que ſe ſegue, e que deo lugar ao que vai depois, e he o caſo.

Ha neſte tempo, pelos arredores varias Prociſsões, e principalmente de Paſſos, a que de ordinario não faltão os Eſtudantes; e o mais he ſer a curioſidade quem os conduz, e não a devoção! Eſtas Prociſsões quaſi ſempre acabão em deſtemperos; porque ſe ajuntão os valentões

das

das visinhanças, e assentão, que não ha dia mais proprio para se baterem, e quebrarem as cabeças, por antigas rixas, do que aquelle, e naquelle acto em que se devião perdoar; e por isso eu não gostava demasiadamente de ser companheiro em occasiões destas; pois já em Condexa hia sendo victima da bebedeira de hum, que só por ser Estudante, a pezar de quieto, e manso, me hia derribando com hum calháo, que por felicidade me passou á vista, assobiando como huma cobra.

§. XLV.

Com tudo não pude resistir a não me comprometter de ir a Condexa, e com effeito aluguei o meu cavallinho: isto foi na vespera: Deos porém permittio, que nessa noite chovesse toda a agua que foi bastante, para deixar a nado a Cidade baixa: montar por cima da ponte, e arruiná-la: desmanchar os morros da Portela; arrancar estacadas, e finalmente por toda a gente huns em

aper-

aperto, outros em paſmo, e admiração. Eſta cheia a maior de que ninguem ſe lembra, mereceo-me o ſeguinte Poema, que aqui vos offereço; lede-o com attenção, que delle vereis qual ella foi.

MONDEGUEIDA:

POEMA ESTRAMBOTICO.

CANTO I.

I.

NEm ſempre os heróes valentes
A's offenſas dão caſtigos;
Hum dia eſperão prudentes,
Em que de ſeus inimigos
Punem acções inſolentes.

II.

Rafeiro, que ao dono ſegue,
Quando de cães de regalo
Traveço bando o perſegue,
Que ſó com fim de aviſá-lo
Moſtra o dente, ſem que pegue.

III.

Mas que vendo-ſe enjoado
De aturar a gritaria,
Co' hum na boca atraveſſado
Vê a chuſma que o ſeguia
Fugir co' o rabo enroſcado.

IV.

Deſta maneira o Mondego
De vinte annos pelo eſpaço,
Vio com mágoa, e com ſocego
Acanhar-lhe o antigo paço,
Das riquezas o amor cégo!

Vio,

V.

Vio, que a força de eſtacadas
De muros, e marachões
Lhe punhão freio ás paſſadas;
E cheio d'outras razões,
Quiz as injúrias vingadas.

VI.

Encoſtando-ſe ao Tridente
Sahio pela vaſta furna,
E anciado, e impaciente
Diſſe (erguendo-ſe na Urna)
Mais raivoſo, que eloquente:

VII.

» Ao Rei das aguas da Beira
» Tanta injúria... a mim que poſſo
» Dar ordens ao Alva, e Ceira,
» E ſemear o deſtroço
» A' minha falla primeira!

VIII.

„ A mim, que tenho por Mãi
„ A' grande Serra da Eſtrella,
„ Que não preciſa d'alguem
„ Para ajudar-me, pois ella
„ Baſta co' as neves que tem!

IX.

„ Tanta injúria... aqui batendo
„ Co' pé no chão de raivoſo,
„ Se foi na cova mettendo,
„ E deſte golpe horroroſo
„ A terra ficou tremendo.

X.

E buſcando a Mãi formoſa,
Que no cume da montanha,
Sua frente gracioſa
Ornadas neves, que apanha,
E de que ſe veſte airoſa;

XI.

Foi achá-la converſando
Com Vulcano, que irritado,
Pelo delicto nefando
De Venus, tinha jurado,
Viver tambem tal quejando.

XII.

E por não ſer ſuſpeitoſo,
De ſeu monte aqui vem ter,
Por caminho tenebroſo,
Que aos Brontes mandou fazer,
Em todo o modo engenhoſo.

XIII.

Não ſómente alli deſtina
Os paſſos do Amor guiados
Mas co' a neve cryſtallina,
Conſola o corpo eſcaldado,
Da abrazadora officina.

XIV.

Tendo o rio por coſtume
Vêr diſto nas margens ſuas,
Sem ſe abrazar de ciume;
Conta a Mãi as mágoas cruas,
Dos olhos deitando lume.

XV.

A Mãi lhe ordena que deſça,
E que diſponha a vingança,
Sem que mais ſoccorros peſſa:
Ouvindo-a o filho deſcança,
E parte-ſe a toda a preſſa.

XVI.

Do coixo Deos ſe deſpede
Da vingança com deſejo;
E a vaſta diſtancia mede,
Que vai á Foz, onde ao Téjo
O mar a corrente impede.

XVII.

Sobre huma rocha empinada,
Que o mar irado carcome,
A Lua teve morada,
Deo-lhe iſto de Cynthia o nome,
De donde Cinthra he chamada.

XVIII.

Alli rogou tempeſtades
A'quella, que o tempo altera;
E ás maritimas Deidades,
E á Aquario a chuva mais fera:
Que tinhão viſto as idades.

XIX.

Ao alto de Mont'achique,
Inclina as azas ligeiras;
E por ver prompto o deſpique,
Paſſando ſerras inteiras
Se eleva da Eſtrella ao pique.

XX.

Ou foſſe a ſúpplica ſua,
Ou acaſo; a poucos paſſos
Eſcondeo-ſe o irmão da Lua;
E vio-ſe nos ares baços
Formar trovoada crua.

XXI.

Por entre o feio negrume,
Que de longe apparecia,
De huma montanha no cume;
Amiudado ſe via
Fuzilar ſubito lume.

XXII.

O trovão medonho, e rouco,
Inda diſtante eſtalava,
E chegando pouco a pouco,
O terrivel ſom dobrava
No valle concavo, e ouco.

XXIII.

Groſſas chuvas ſe lançárão
Pelos cabeços dos montes,
Donde aos campos caminhárão;
E de roda os horizontes
Co' hum deluvio ameaçárão.

XXIV.

A Serra, que o filho eſtima,
E co' deſpique ſe mette,
Quantas neves tem por cima,
Em hum momento derrete,
E a dura guerra as anima.

XXV.

Na frente deſte eſquadrão
Sahe o Mondego arrogante,
Com ſeu Tridente na mão;
Jurando, d'a mais poſſante
Muralha igualar ao chão.

XXVI.

Começa rouco eſtampído
A ſentir-ſe pelos valles;
E das aguas o zunido
Vem ſervindo de timbales
A'quelle eſquadrão luzido.

XXVII.

O Alva que a Mãi mandava
A ſoccorrer o irmão,
Já no caminho aguardava,
Com mercê de Capitão,
E a ſoldadeſca ordenava.

XXVIII.

Na reta-guarda o ſeguião
Os regatos, e os ribeiros,
Que aproveitar-ſe querião
Neſta guerra aventureiros,
E hum regimento fazião.

XXIX.

Como a guerra ſe ſuſtenta
De roubos, e crueldade;
E quanto vê, quanto attenta,
E brioſa herocidade,
Chama á furia ſanguinenta.

XXX.

Os rios poſtos em guerra;
Nas ſuas forças ſeguros,
Juntos co' as aguas da Serra,
Lagares, azenhas, muros,
Tudo vão pondo por terra.

XXXI.

Houve tal, que ao longe ouvio
O rumor da tropa horrenda;
Mas tão tarde lhe fugio,
Que lezado na fazenda,
Quaſi nadando ſahio!

XXXII.

Não ha pipa, que não ſaia
A' tona d'agua boiando,
Não ha muro que não caia;
E a amarra os bateis quebrando
Encalhão de praia em praia.

XXXIII.

O lavrador que da Aldêa
Se retira acautelado,
De deſgoſto co' alma cheia,
Chora a grade, e curvo arado,
Que lhe vai levando a cheia.

XXXIV.

Chegando a hum vaſto terreno,
Fez alto o Chéfe das aguas,
E diſſe raivoſo: ordeno,
Que ſem attender a mágoas,
Rompão tudo a hum meu aceno.

XXXV.

XXXV.

Caminha a esquadra primeira,
Que quanto encontra atropela,
E vai cortejar o Ceira,
Que de fronte da Portela
Delenrolava bandeira.

XXXVI.

Trazia grossos soccorros,
E estimava occasião
De ver seus direitos forros,
Pela muita vexação,
De hum muro, e de certos morros.

XXXVII.

Como co' Mondego tinha
Amizade muito estreita,
E servi-lo lhe convinha,
Desfilou pela direita,
Buscando a praia visinha.

XXXVIII.

XXXVIII.

Hum dos morros, que arrogante
Soffreo o primeiro embate,
Cedendo á furia conſtante,
Em terra comſigo bate,
Com ribombo mal ſoante.

XXXIX.

Vendo a Deos Marte jucundo,
Cobra brio a leve tropa;
Com impeto furibundo
Mette de eſpora, galopa,
E põe por terra o ſegundo.

XL.

No calor deſta peleja,
E co' favor da victoria,
Diz, que quanto erguido eſteja
Por ſua completa gloria,
Nunca mais em pé ſe veja.

XLI.

Mas o rancho aventureiro,
Que hia mais a saquear,
Do que a mostrar-se guerreiro,
Correo, e foi rodear
Hum visinho Taberneiro.

XLII.

Desenfreados quizerão
Provar do licor, que achárão;
Aos toneis assalto derão,
Mas foi mais o que entornárão,
Do que o vinho que bebêrão.

XLIII.

Ainda co' os beiços tintos,
E cambaleando em terra,
De mais estragos famintos,
Tornárão de novo á guerra,
Porque o vinho os fez distinctos.

XLIV.

E cerrando hum eſquadrão
Ao lado do rio Ceira,
Caminhárão de empurrão,
E na avançada terceira
Racháraõ o paredão.

XLV.

A raiva não lhe ſoffreo
Eſtar no campo hum ſó dia:
Mas pôz-ſe alli hum troféo,
E eſta letra, que dizia:
Mondego, chegou, venceo.

CANTO II.

I.

PAssando o gosto a chacota
Caminhão desenfreados
Na projectada derrota,
Destruindo encarniçados
Por huma, e por outra mota.

II.

A faia mais destemida,
Que dos ventos furiosos
Nunca até'lli foi vencida,
Co' os olhos nos Ceos piedosos,
Fica na cheia estendida.

III.

As vinhas, que o çumo dão,
Que a zombar do frio enſina,
Alaſtrão-ſe pelo chão;
E ſendo aos mais medicina,
Dão a ſi remedio vão.

IV.

Riſonho o Mondego corre;
Mas como do tempo antigo
Por huma das fontes morre,
Que neſte terreno amigo
A' viſta grata diſcorre;

V.

Que elle amante pertendeo
Na ſua pequena idade,
Mas que aos rogos não cedeo;
Quiz em pompa, e mageſtade
Ir moſtrar-lhe o que perdeo.

VI.

Era a Fonte dos Amores,
Tão celebrada na Hiſtoria,
Por tres feros matadores
De huma Nynfa, que memoria
Terá ſempre entre amadores.

VII.

Alli chegou arrogante
O ſeu deſprezado Eſpoſo:
Ella que o vê delirante,
Soberbo, e vanglorioſo,
Vai-lhe eſcondendo o ſemblante.

VIII.

E recuando a corrente
No rochedo ſe agazalha;
E como o ſeu mal não ſente,
Ouve eſtas queixas, que eſpalha
O Mondego impaciente.

IX.

He crivel, gritava o rio,
Que tu louca deſprezaſſes
Meu amor, e poderio!
E que nunca te abrandaſſes
Com me vêr ao Sol, e ao frio?

X.

Que meios não procurei
Para te ſer agradavel?
E porque errada penſei,
Que humilde te fora amavel
Quanto pude me humilhei!

XI.

Vio-me mil vezes o eſtio
Andar por aqui de arrojo
Tão falto d'aguas, e brio,
E tão coberto de nojo
Que era regato, e não rio!

XII.

Esquecido de quem era,
E com pejo de meus Pais,
Desisti, amavel féra,
Té dos poucos cabedaes,
Que me dão na Primavera.

XIII.

Nada disto te abrandou
O coração de rochedo!
Deixaste-me? vê quem sou,
Sahe fóra, não tenhas medo,
Vem vêr a pompa em que vou.

XIV.

Força não ha, que embaraſſe
O meu paſſo, aſſaz ſeguro!
E por onde quer que paſſe,
Lá para o tempo futuro
O terror, e eſpanto naſce!

XV.

Vem vêr-me, não tenhas pejo;
Em quanto aguardo, e detenho
Eſtas falanges, que rejo;
E taes, que inveja não tenho
Ao poder de Doiro, e Téjo.

XVI.

Por hum pedaço eſperou,
Penſando, que ſahiria,
Mas em fim deſconfiou;
E vendo, que perſiſtia
Em ſe eſconder, abalou.

XVII.

Veio á Ponte o rio ouſado
Co' as eſquadras, que o ſeguião,
Tendo as déz da noite dado;
Quando huns nas camas dormião,
Outros nem tinhão ceado.

XVIII.

Paſſou a eſquadra primeira,
Que na frente commandava
O temivel rio Ceira;
E a Ponte, que iſto obſervava;
Moſtrou-ſe hum tanto groſſeira.

XIX.

O Mondego, que o roaz
Deſprezo vinha maſcando,
O pé recuando atrás,
Lhe diſſe as vozes alçando,
Entre couſas de ſi más:

XX.

Ou Jove não tem na mão
Raios, que forja Vulcano,
Ou no caſo as couſas eſtão,
Que até póde do Oceano
Fazer eſcarneo hum Anão.

XXI.

Que a mal criada não veja
Quem paſſa ... aqui de enfiado
Entre as ondas gorgoleja?
E tremendo de enraivado,
Sopra, toſſe, ruge, e arqueja.

XXII.

Tu co' chapéo na cabeça
Ao vêr-me paſſar em guerra?
Inda faltava mais eſſa!
Não temes te ponha em terra
Ao rouco ſom de huma peça?

XXIII.

E depois proſegue: he juſto
Aos Grandes guardar reſpeito,
Quando não, com tenue cuſto
Recobrarei o direito
Que me nega hum timbre injuſto.

XXIV.

A Ponte que he grande em ſi,
E tem rendas abaſtadas,
Segundo o que eu ſempre ouvi,
Deo-lhe quatro gargalhadas,
E foi-lhe fallando aſſim:

XXV.

O' lá como vem pompoſo,
Reſpeitavel, e arrogante!
O quanto o inverno chuvoſo
Lhe muda a côr do ſemblante,
E o torna féro, e vaidoſo!

XXVI.

Não ha ſeis mezes inteiros,
Que por aqui nos corria,
Encoſtado aos arieiros
E tão pobre, que pedia
Agua ás fontes, e aos ribeiros.

XXVII.

Agora fofo, e chibante
Nem quem eu ſeja conhece,
Quão antiga, e quão poſſante!
Em fim de tudo ſe eſquece,
Porque ſe vê abundante.

XXVIII.

Sempre a mim me pareceo,
Que havia ſeguir a eſtrada,
Que a vileza deſcreveo,
Que he não ſe acordar de nada
Com déz réis d'agua de ſeu!

XXIX.

Foi dos ratos, e toupeiras
Ha dois dias vadeado,
E brinco das Lavadeiras!
Hoje quer ſer cortejado,
E puxa tropas guerreiras!

XXX.

Ora vá, que eu lhe prometto
Dar-lhe a reſpoſta em Agoſto,
Quando menos circunſpecto
O vir procurando encoſto
Mais magro, que hum eſqueleto.

XXXI.

Então lhe tomarei contas
Do que diz, por huma vez:
E para vingar affrontas,
Dar-lhe-hei a beijar os pés
De meus dedos pelas pontas.

XXXII.

Aqui rugio o Mondego,
E comſigo murmurou
Tres vezes no fundo pégo!
Correo-ſe, porém ficou,
De furor, e raiva cégo.

XXXIII.

Tres vezes quiz disfarçar
A ſua juſta vingança;
Mas bramindo mais que o mar,
Tres vezes raivoſo avança,
Sem ſe poder explicar!

XXXIV.

Bradando então: guerra, guerra,
A' rija ponte arremette;
E formando huma alta ſerra,
Lança-lhe as mãos ao topete,
E põe-lhe o riçado em terra!

XXXV.

Vendo-ſe ella injuriada,
(Sem que foſſe a vez primeira)
Quiz chamar agoniada
Agua-Maias, e Cidreira,
Porém ficou ſuffocada,

XXXVI.

O Mondego vantajoſo
Deſta victoria ſegunda,
Calcando-a ás plantas vaidoſo;
De tanta alegria abunda,
Que até canta, e falta airoſo.

XXXVII.

Mas como ſe não contenta
Dos eſtragos, que lhe fez,
Chamando a tropa cruenta,
Dá parte, que deſtá vez
Na Cidade hum ſaque intenta.

XXXVIII.

E mandando desfilar
Pelo ſeu direito lado,
Toda a gente quer notar;
Porque elle he rio verſado
Na ſciencia militar.

XXXIX.

Agora dize-me, ó Muſa,
As tropas quantas, e quaes
Trazia a marcha confuſa:
Ao menos os Generaes,
Que he couſa que não ſe eſcuſa.

XL.

Alli militava o Alva,
Mui poſſante, e circunſpecto
Co' a frente rugoſa, e calva;
Acompanhado de hum neto
De côr rubicunda, e alva.

XLI.

A eſte deo a vã-guarda
Por capaz, e por irmão:
Era verde a ſua farda,
Levava o Cova, e Lorvão,
E o Tobinho em ſua guarda.

XLII.

Vinha o Ceira bellicoſo,
Pela frente coroado
De ſeu ſalgueiro frondoſo;
De hum ſobrinho acompanhado
Valente, mas orgulhoſo.

XLIII.

Deſtinou-lhe as duas alas,
Pois ambos elles podião
Com coragem ſuſtentá-las:
Fardas vermelhas trazião,
E lanças como a de Pallas.

XLIV.

Seguia-o certo ribeiro,
Que tem o ſeu naſcimento
Alli n'hum viſinho oiteiro:
Traz comſigo hum regimento
De fontes ſim, mas guerreiro.

XLV.

Nem eu me eſpanto que o ſeja,
Porque a Amazona Camilla
Aos heróes ſervio de inveja;
E as femeas ſão cães de fila
Na fervença da peleja.

XLVI.

O Mondego o General
Em chéfe da expedição,
Ao Nilo em fórças igual;
A' reta-guarda na mão
Tem o Eſtendarte real.

XLVII.

Vê-ſe nelle debuxada
De Arethuſa a linda fórma
A Alfeo fugindo aſſuſtada,
E a fonte em que ſe transforma,
E o Rio de que he buſcada.

CAN-

CANTO III.

I.

Dispostos os batalhões,
Manda tocar a investir;
Huns medonhos borbotões
Das aguas se entrão a ouvir
Por bucos, e boqueirões.

II.

Lá no bairro das Amêas
A maior parte da gente,
Huns estavão já sem meias,
Outros lidando de dente,
Outros mettidos nas têas.

III.

E toda a mais maganage,
Folgos vís, que alli habitão,
Aos vicios dando paſtage,
Huns ao ſom da banza gritão,
E os outros tratão da gage.

IV.

Eis-que dando de pancada
Pelas ruas o Mondego,
A' fuga toma a paſſada;
E em fatal deſaſſocego
Deixa a gente malfadada.

V.

Que gritos não dás aos ares
O' moça roliça, e guapa,
Que entre ſuſtos, e pezares
Embrulhando-te na capa
Te queres deitar aos mares.

VI.

Outra tal que o Tio velho
Eſperava ouvir dormindo,
Lá no fetido cortelho,
E eſtava o roſto bornindo
Ante o ſeu fallaz eſpelho.

VII.

Deixa o coto da pomada;
Larga as fitas do cabello;
Entorna a branca alvaiada;
E ouve mais fria que gêlo
Bater-lhe a cheia na eſcada.

VIII.

Huma que os grelos temp'rava
Para o manſo companheiro,
E que o azeite eſpreitava,
Que o gelado Fevereiro,
Na amotolia embargava.

IX.

Largando tudo no chão,
Com dois filhos agarrada
Trepa a cima de hum caixão,
Até dalli ſer tirada
Por mais piedoſa mão.

X.

Huma na mão co' a candeia
As alturas eſpreitava,
A que hia chegando a cheia,
E nas caras que traçava
Era cem vezes mais feia.

XI.

No combate de Inglaterra
A chegada de Magriço,
Na gente que via a guerra
Não fez tanto reboliço,
Como o Mondego na terra.

XII.

Os ais que aos ares mandavão
Albanas, Nizes, Tirceas,
E os ſoluços, que eſpalhavão,
O final dia as amêas
Cá de longe annunciavão.

XIII.

Hum çapateiro que o buxo
De vinho tinha atacado,
Correo a pegar no buxo
Erguendo-ſe atrapalhado,
Da porta ao terceiro puxo.

XIV.

Mas vendo que pela greta
Entrava o rio ás golfadas,
Co' os çapatos de chanqueta,
Diſſe ao ſom de gargolhadas
Agua em minha caſa he peta.

XV.

Por Baccho que ha já trinta annos
Que nem a gaſto ao lavar !
Arrêa , fóra , maganos ,
E deixem-me ir enroupar
Que me esfrião os tutanos.

XVI.

Para a cama ſe tranſporta
Aquella alma ſocegada !
E o rio que não lhe importa
O Deos Baccho , de pancada
Lhe deo em terra co' a porta.

XVII.

Co' a alma então cheia de mágoa ,
E a pança de vinho cheia ,
Fugio entre frio , e fragoa ,
Não ſei ſe á furia da cheia ,
Ou ſómente á viſta d'agua.

XVIII.

Para hum ſoto que trepou,
De donde roſnando alegre
Porque a tempo ſe eſcapou,
Bucho, formas, e bizergre
Boiando n'agua aviſtou.

XIX.

Então com voz mui goſmenta
Que dos beiços deſprendeo,
Gritou: deixe a ferramenta
Iſto dito, adormeceo,
Co' hum torvão em cada venta.

XX.

Neſte tempo o rio Ceira
Pelo Romal, e no Cais
Levantou tanto a vizeira,
Que fez por'li as Veſtais
Velar huma noite inteira.

XXI.

Mas diz huma não ter hido
Logo da noite ao começo,
Onde tinha promettido;
Pois neſte deſaſtre aveço
Não teria padecido.

XXII.

Lembranças do que perdêra;
E a viſta do mal preſente
Lhe fazem peleja fera;
Em quanto outra mais prudente
As ſuas mágoas tempera.

XXIII.

Huma, que Venus por Bacco
Deixou contra ſeu deſejo,
Sorvendo podre tabaco
De ſecca borôa, e queijo
Vai taſquinhando o ſeu naco.

XXIV.

Ha tal que alternando o peito,
Pelos eſtragos que bella
D'Amor nos choques tem feito,
Quer ás aguas da janella
Infundir algum reſpeito!

XXV.

E porque ouvíra dizer,
Que a linda Venus fizera
As ondas adormecer,
Julgou tambem que podéra
Tanto ao Ceira merecer.

XXVI.

Mas o rio que a batalha
Tomára a peito leal,
Tratou-a de pouca valha,
E por desfeita o portal
Lhe entulhou com ciſco, e palha.

XXVII.

Seguindo ſua carnagem;
Toda a caſa neſte dia
Trata de livre eſtalagem,
E á natural porcaria
Dá nunca viſta lavagem.

XXVIII.

Por bancas, e cantareiras
Salta mais deſtro, que hum gato;
Aqui rouba ſalgadeiras,
Alli faz em dois hum prato,
Além quebra frigideiras.

XXIX.

Aſſim vai amontoando
Eſtragos de rua em rua,
Seus camaradas buſcando,
Que a meſma peleja crúa
Raivoſos vão ſemeando.

XXX.

XXX.

Vinha o Alva de Samſam
Na frente dos ſeus ribeiros,
E topando-o de empurrão
Na rua dos çapateiros
Deo co' humas caſas no chão.

XXXI.

Quaes as formigas ſentido
Sua cova esbarrondar
O tardo boi, que imprimindo
O pé lha rompe, e ſalvar
Buſcão as vidas fugindo.

XXXII.

Taes aquelles deſgraçados,
Que na morada ſe achárão,
De hum frio ſuſto paſſados
Fugindo, as vidas ſalvárão
Pelos viſinhos telhados.

XXXIII.

XXXIII.

Certo velho que já tinha
Bons noventa e ſete feito,
Vio andá-lo huma viſinha
Ao ſimo d'agua no leito
Como n'huma bateirinha.

XXXIV.

O Mondego que illuſtrado
Era de Marte, e Minerva
Por aſtuto, e acautelado
Tinha hum corpo de reſerva
Perto do caes apoſtado.

XXXV.

Por vêr-ſe de huma vez pago
Mandou-lhe no mantimento
Fazer-lhe hum tyranno eſtrago
Que deixe no eſquecimento
O de Troia, e de Carthago.

XXXVI.

A tropa deſenfreada,
Dominando na Cidade,
Em ſeu poder confiada,
Obra co' a meſma vontade,
Que lhe fora encommendada.

XXXVII.

Entrando por armazens,
E celleiros de repente
Embarria arrôz, e pães
Que aos damnos para o diante
Promettião mais vintens.

XXXVIII.

Sahe das vaſilhas de páo
De azeite corrente loura,
E dá pela barba o váo
As ſardinhas de ſalmoira,
E o tiſico bacalháo.

XXXIX.

Centimano polvo ſecco
Em cambadas enfiado
Preſunto de terras d'ecco
D'agua barrenta arrojado
Vai indo de beco em beco.

XL.

Loira enroſcada letria
O pállido macarrão
Com que eu tenho ſimpathia
Esfarelando-ſe vão
Aos empurrões d'agua fria.

XLI.

Nem da funeſta quadrilha
De ſoldados tão ladrões
Podérão fugir á pilha
Os providentes feijões
Grãos de bico, fava, e ervilha.

XLII.

Vêm-se vir encontrões dando
Pelas esquinas as pipas,
E aos saltos como arquejando
Do vinho as ultimas tripas
Vão pelas bocas lançando.

XLIII.

Ao taverneiro mesquinho
Corre o pranto até aos pés
Mas quem tem do mundo o aninho
Mandou vencer desta vez
O Deos d'agua, ao Deos do vinho.

CANTO IV.

I.

DEſpertando no Oriente
Neſte tempo a luz Phebêa,
Vai hindo rapidamente
A cataſtrofe da cheia
A' noticia da mais gente.

II.

Hum ſe levanta do leito,
E da janella lamenta
A deſpeza que tem feito
N'huma eſſacada, que augmenta
O ſeu patrimonio eſtreito.

III.

Outro vê de-erguida ſerra
(Sua ambição mal dizendo)
Altos vallados por terra!
Outro o muro, em que batendo
Irado o Mondego berra!

IV.

De hum ſó teve a cheia ingrata
Attenção aos cabedaes;
E na geral desbarata,
Com prejuizo dos mais
Ficou-lhe a função barata.

V.

Em alas pela Couraça
A gente ſe amontôava;
Huns á ponte, outros á praça
Hum vão deſejo levava
De ver a commum deſgraça.

VI.

Procurão ſer teſtemunhas
Dos ditos deſeſp'rados,
E eſcutar as caramunhas
Dos miſeros alagados,
De fóra lambendo as unhas!

VII.

Toda a gente alvoraçada
Co' remedio não atina:
Alli corre de enxurrada
A Irmandade da batina,
E aſſombra-ſe a caloirada!

VIII.

D'entre eſta chuſma houve tal;
Que diſſe, que o noſſo Gama
Não vio agua áquella igual:
Outro erudito lhe chama,
Hum diluvio parcial.

IX.

As velhas, que em dias ſeus
Não vírão tanto, a gritar,
Chamando a todos areos,
Não ceſsão de lhe prégar,
Que são caſtigos dos Ceos.

X.

Eu vi de erguidos oiteitos,
Onde a vida puz ſegura,
Boiar pipas, e madeiros,
E bateis, que a má ventura
Levou aos triſtes barqueiros.

XI.

Vi que hum monte, e outro monte
Se via ao rio de mota;
E o ſitio 'onde eſtava a ponte,
A' qual na cruel derrota,
Nem ſe via o bro-defronte!

XII.

Com ſeu barrete encarnado
Vi hum arraes, que eſcapára
N'huns ramos eſcarranchado,
E hum rapaz, que amarrára
Ao freixo, de aguas cercado!

XIII.

Mas já da terra a Nobreza
Leves barcos preparava,
Com comida a gente preza:
E ao vê-los, cuidei que eſtava
Na maritima Veneza.

XIV.

Para haver de mariſcar
O providente ſoccorro,
Huma começa a bradar:
Acuda-me ſenão morro,
Que já não poſſo piar.

XV.

Por trapeiras, e janellas
Eſtão as mãos eſtendendo
Hypotheticas donzellas,
Pranto amargo deſprendendo
Pelas faces amarellas.

XVI.

Os Argonautas villões,
Commiſſarios da comida,
Excogitando razões
Proveem a gente opprimida,
Segundo as ſuas paixões.

XVII.

Vai-ſe aos lares hum por hum,
Corando o cruel revez,
De involuntario jejum;
Dá-ſe o pão aos noſſos trez,
E a muita gente nenhum.

XVIII.

A huma ração e meia
Se entrega, por ter comſigo
Sobrinha, a quem não receia
Pôr entre as mãos do inimigo,
E apagar-lhes a candeia.

XIX.

A outra dão-ſe trez pães,
Além da ração mandada,
Porque terna aos dois vaivés
Abre a porta trancada,
Antes que ladrem os cães.

XX.

Mas nem por iſſo eſquecidos
Sereis do meu verſo rude,
O' varões compadecidos,
Que, em ſerviço da virtude,
Acodís aos deſvalidos.

XXI.

Porque a má repartição
Não tira o merecimento,
D'aquelle impulso christão,
Com que em lance tão violento
Lhe acodís á vexação.

XXII.

Nem no escuro Lethes várao
Esses quatro aventureiros,
Que as duas vidas salvárão
D'aquelles pobres barqueiros,
Nem as bolsas, que os cegárão.

XXIII.

Mas como grande rumor
Hia já pela Cidade,
O Mondego, vencedor,
Vaidoso da crueldade,
Mandou tocar o tambor.

XXIV.

E' quando o Sol deſcahia
Buſcando Thetys amada,
Toda a trópa que o ſeguia,
N'huma airoſa retirada;
Da terra ſe deſpedia.

XXV.

Principiárão de então
A fazer-ſe manifeſtos,
Com mágoa do coração,
Eſſes eſtragos funeſtos,
Que preſentes inda eſtão!

XXVI.

As caſas arruinadas,
As ruas cheias de lodo,
Revolvidas as calçadas,
Sem comida o povo todo,
Por eſtorvo das eſtradas!

XXVII.

A Ponte faz mágoa vê-la,
Sem os antigos reparos,
E té co' eſpinhaço a véla!
Aſſáz lhe ſahírão caros
Huns ditos de bagatela!

XXVIII.

Mas porque da grande cheia
Forão cauſa as eſtacadas,
O rio que ſe recreia
Na vingança, derrotadas
As deixa, e fartas de arêa.

XXIX.

Então chegando á Quebrada
Sobre a parede ſe ergueo,
E com vóz deſentôada,
Arraz os olhos volveo,
E diſſe, co' a mão alçada:

XXX.

Suſpira, povo atrevido,
Que pelo meu leito largo
Tens as terras eſtendido;
Eu acordei do lethargo,
E o crime fica punido!

XXXI.

Reforça, repara agora
As ruinas, que eu te fiz;
Eſſas paredes melhora;
Vê-la-has pela raiz
Tirar em menos d'hum hora!

XXXII.

Mette até ao centro eſcuro
Enlaçada eſtacaria;
Abrange-a de ferro duro,
Será minha zombaria
Lá para o tempo futuro.

XXXIII.

E tu, orgulhoſa Ponte,
Agradece-me em pé vêres
Inda o Pai de Phaethonte!
E baſte para temeres,
A afflicção do dia de honte!

XXXIV.

Diſſe: e movendo o Tridente
Faz ſignal; e via recta
Marcha das aguas na frente,
Ao ſom de rouca trombeta,
Que em todo o campo ſe ſente.

XXXV.

Conſumida a noite inteira,
Fazendo-ſe pelo gado
Derrota a mais carniceira,
Ao romper do Sol doirado,
Chegou vaidoſo á Figueira.

CAPITULO II.

§. I.

ESte Poemaſinho teve acceitação, e rendeo ſeus toſtões, que vierão a pedir de boca, em razão de veſtuario, e de ir comprando alguns livros, de que tinha precisão, pois nenhum Official póde trabalhar ſem ferramenta: daqui veio fazer trocas com Livreiros, de quem me perſuadido, que ainda não haveria, quem delles reportaſſe cómmodo: e com effeito fiz o meu celleirinho, que fui mandando para caſa, e com que me achei depois.

§. II.

Não obſtante a applicação em que andava, não quiz voltar de Coimbra, ſem ir vêr o Porto; e como em Cortegaça tinha o Abbade de então D. Ildefonſo, e ſeu ſobrinho Joaquim Cuſtodio Carneiro, lá hia paſſar ferias de Paſcoa, fui-me com el-

elle até a Aveiro, e dahi pela Ria, endireitámos ao Ovar, de donde nos conduzimos para Cortegaça, e fomos recebidos com muita festa, e contentamento, tanto pelo que pertencia ao sobrinho, como a mim mesmo, porque éramos amigos velhos do tempo do Collegio de Mafra, aonde elle foi Mestre, e eu discipulo.

§. III.

Alli passámos a Semana Santa, a que sempre assisti admirando o zelo do Pastor, e a devoção dos freguezes: fizerão-se optimamente os Officios competentes, e eu cantei minhas Lamentações, que foi hum primor, pois sou da terra dos Musicos, ainda que nunca usei do officio, o que igualmente fez o sobrinho: e finalmente deo elle o jantar da Quinta feira aos Clerigos da sua Parochia, com toda a grandeza, e asseio: e por signal que hum delles, que nunca tinha visto limões, lançou de hum com o seu garfo, e o trin-

trinchou, como quem trincha huma gallinhola; e o foi maſcando aos bocados com caſca, e tudo.

§. IV.

Veio Domingo da Reſurreição, e logo depois da feſta, entrou huma chuſma de homens, mulheres, e rapazes; á maneira das formigas, humas para dentro, outras para fóra, trazendo gallinhas de folar ao Senhor Abbade, que naquella occaſião ajunta certamente mais de trezentas cabeças, dando-lhes ao meſmo tempo as boas feſtas, com muitá alegria, e ſingeleza: e eu preſenciando eſte louvavel coſtume, e deſejando ſer Abbade de Cortegaça, em dia de Paſcoa.

§. V.

Indo de volta por hum pateo, vi eſtar hum moço muito ſuado, ás eſtocadas á goela de hum capado, ſem lhe ſer poſſivel dá-lo por morto; pois quando o largava perſuadido diſſo, logo o animal o deſengana-

na-

nava pondo-se nas pernas, e dando suas passadas. O Abbade ria-se, o sobrinho folgava, e eu mettia-o a bulha: estimulado o moço voltou para mim, e disse: pois venha V. m. matá-lo: cheguei-me então, agarrei nelle, deitei-o em cima de hum carro, tirei da minha navalha, e mettendo-lha por huma orelha, a poucos passos berrou, pôz os olhos em alva, abrio a boca, e ficou mortal, com riso de todos, e pasmo do moço, que ficou assentando, que eu era carniceiro.

§. VI.

Na segunda feira, deo-me o Abbade hum cavallo, e hum moço que me acompanhasse, para ensinar-me o caminho, e para o trazer, e caminhei para a Cidade do Porto, primeiro fim desta minha digressão, com cujo moço me diverti muito, porque logo o empestiquei, e por todo o caminho me servio de bom, e unico acipipe.

§.

§. VII.

Não sei explicar a impressão que me fez a Cidade do Porto, quando a vi do alto da Villa Nova! eu não esperava huma cousa tão pintoresca! enchi-me de huma cousa, que não sei dizer! o modo com que ella se encosta por aquelle monte; a posfitura em que lhe estão alguns outeiros, e enseadas; o golpe, que entre huma, e outra povoação faz o Douro; as quilhas amarradas, e communicaveis com seus muros; a Torre dos Clerigos do meu fundo, tocando quasi as nuvens, e dominando a Cidade inteira; o prospecto do Palacio Episcopal; tudo, tudo me deo não só huma idéa de Lisboa, mas huma preferencia a ella, na minha estimação grosseira! Porque não nasci eu aqui, dizia comigo, ou porque não vivirei eu aqui, com o necessario á vida?

§. VIII.

Desci finalmente por Villa Nova, atravessei o Douro, e pizei a terra

que

que me encantava: mas para que não haja roſa ſem eſpinhos, logo ao deſembarcar, dei com os olhos em huma forca, e n'huma polé: traſtes bem neceſſarios, e bem inuteis, ſe os homens amaſſem tanto aos outros, como adorão os ſeus appetites, e caprichos.

§. IX.

Caminhando para a eſtalagem, perto dos Congregados, encontrei o Doutor Franciſco Tavares, Lente de Medicina, o qual deo logo parte de minha chegada; e ainda eu me não tinha acabado de pôr em termos de ir á rua, já Sebaſtião Correia entrava pela eſtalagem, *& invito domino*, me conduzio a caſa de ſeu Pai Gonſalo Pereira, que aſſiſtia a Santo Ovidio, aonde aſſiſtí, em quanto lá eſtive.

§. X.

Canta para aqui, toca para alli; paſſeia de cá, merenda de lá, ſempre em *bona vita*, forão correndo os dias: Viſitei o meu velho amigo

go D. Duarte da Encarnação no ſeu Convento de Santo Antonio da Serra, cuja viſta, decida della quem já lá foi: e em huma debandada de brincadeiras, levei o reſto das ferias: de ſorte que em quanto me demorei no Porto, occupei-me em fazer muito verſo, comer muito, beber bem, e dormir pouco: pelo que ajuſtei beſta á ſurrelfa, e quando ninguem o eſperava, diſſe o vale á forca, ſubí Villa Nova, dei comigo em Corte Gaça, e tornei-me a Coimbra.

§. XI.

Apenas ſe pôz o ponto, encoſtei Heineccio, e arrumei-me á Arithmetica, e Geometria tão deſatinadamente, que me reſolvi a tirar ponto, e fiz hum acto digno de approvação, e do pregão *nemine diſcrepante*. Feito eſte, que era o da birra, lancei-me ao de Bacharel, que tambem fiz com a meſma fortuna; e carregado com eſte honorifico gráo, tomei o caminho de Obidos, a deſcan-

canſar de tanta fadiga, e alegrar-me com Joſina do bom pé, que as minhas couſas tinhão tomado.

§. XII.

Eſtas ferias forão-me gratas: já eu cantava á noite, ſem que me lembraſſe pela manhã a impertinente Geometria; e já eu fallava da minha formatura, ſem o reſaibo de duvidar do agourado contratempo: nas horas vagas dava-me á leitura de autos, e lia o Manual Prático; porque ſempre a minha tenção foi advogar na minha terra, como já deixei inculcado no §. VII. Epoca III. Tom. I. pag. 113., e com effeito eu tinha de mim para mim, que Miniſtro pobre, correſponde a peſſoa miſeravel, ou ao menos a náo velha em mares groſſos: por outra parte via, que o meu genio não podia moldar-ſe ao caracter ſerio de hum homem, que na terra que lhe incumbem, repreſenta o ſummo poder; e que deve trazer ſempre na memoria, o *Tros Tiriusque mihi*, *nul-*

nullo discrimine habetur, e bom era eu para largar a minha viola, e deixar de desaffogar-me? d'outra parte estava a experiencia, de que hum Ministro no fim de tres annos, fica com o termo da sua jurisdicção, metade pela prôa, metade pela poppa; porque os litigantes em hum feito, pelo menos são dois: ambos se persuadem, que tem justiça, e razão, e a sentença ha de ser huma! e della he consequencia a satisfação de hum, e a má vontade do outro, porque cada hum diz da festa, como lhe vai nella.

§. XIII.

Nem por isso eu deixava de lisonjear o meu genio, fazendo algumas composições em verso, sendo de tudo gostoso assumpto a minha Josina, que dellas se contentava, pela natural tentação, que tem com versos: pelo que nessa occasião compuz a Canção seguinte.

CANÇÃO.

JA', formoſa Paſtora,
Nos limpos horizontes
Açouta o Sol brilhante
Os fervidos Etontes,
Sem temer, que gyrando a nuvem groſſa
Occultar ſua face alegre poſſa.

Horrendas tempeſtades
Diſtantes de nós bramão;
As aves agoureiras
Alegres dias chamão
Chega Maio de flores coroado
A' Mãi de Amor, e ás Graças conſagrado.

Deſce, Paſtora amada,
Vem ver os ferteis prados,
Que ha pouco d'aguas turvas
Eſtavão inundados!
Já de novo as Campinas reverdecem,
E entre a relva que ondêa as flores creſcem.

Joſina comecemos
D'Amor a doce lida,
Que o tempo a ledos cantos
De novo nos convida;
Converſemos da faia á ſombra fria,
Em trato honeſto, em caſta companhia.

Em quanto as manſas rezes
Ao longe vão paſtando,
E os paſſaros nos boſques
D'Amor eſtão tratando,
Sobre arelva mimoſa nos ſentemos,
Se elles tratão d'Amor, d'Amor tratemos.

Aqui, onde eu ha mezes
Te diſſe mil amores,
E rócas te lavrava,
E feſtas de mil côres;
Joſina, aqui te eſpero; oh doce bem,
Não tardes hum inſtante, a ver-me vem.

Ah Joſina formoſa,
Quem he que te demora?
Negar-me acaſo intentas
De ver-te a feliz hora?
Náo me canſes d'olhar áquelle monte;
Donde fazes caminho á freſca fonte.

Náo ſejas deſſes peitos
Amigos da mudança!
D'Amor ás ſantas aras
Caminha alegre, e manſa:
A ſolta liberdade não deſejes,
As cadêas de Amor he juſto as bejes.

Já por eſta eſpeſſura
O reſto dos Paſtores,
Ao lado das Serranas
Renova ſeus amores!
Aqui perto ouço Fido a par d'Altéa,
Aqui Tisbe, e Dorindo, e tu na Aldêa!

Ingrata, dar-se-ha caso,
Que o fogo se apagasse,
Ou que por outro objecto
No peito se ateasse?
E possivel será que eu veja rotos
Tantas juras tremendas, tantos votos!

Mas quem ligeiro pensa,
Com erros sempre atina,
Fugí, crueis ciumes,
Que ao longe vem Josina.
Descansa coração, que no seu rosto
Vem brilhando a constancia, o riso, o gosto.

Vai, Canção, e dirás aos mais Pastores,
Que tambem sou feliz co' os meus amores.

§. XIV.

Tinha huma noite sido o divertimento tirarem-se retratos na sombra: tirei eu o de Josina, e com effeito sahio bom, e eu o levei, e puz na minha casa; e logo lhe assentei por baixo hum papel com as seguinte Es-

Esta que vês
Copia divina,
Cuidas ser Venus?
Pois he Josina:

Só no contorno
Do rosto seu
Mostra os poderes,
Que Amor lhe deo!

Se tu sentiras
O ardente fogo,
Em que ardo activo,
Gritáras logo:

Quem merecêra
Do seu destino,
Ou ser Josina,
Ou ser Francino!

§. XV.

Hum sugeito meu amigo, e tentado com a Poesia, vendo huma occasião a minha Josina, deo-me toda a razão de gostar della, e com effeito

lhe fez hum Soneto, encarecendo a ſua belleza, o qual eu perdí; mas lembro-me, que eu lho dei, e por baixo delle eſcreví eu eſtes verſos.

Erão ſete do mundo as maravilhas;
As Graças ſempre trez ſe fabulárão:
Erão nove d'Apollo as doutas filhas
Segundo eſcrito os Vates nos deixárão:
Manda o Ceo, que tu ſobre a terra naſças
As Muſas ficão dez, e quatro as Graças.

§. XVI.

Com eſtes brinquedos, leitura de autos, romarias, e funções de Caldas, aportou o mez de Outubro, e eu na fixa tenção de ſer Doutor fui andando para Coimbra, para me matricular no ultimo anno de minhas fadigas, e para deſmentir as minhas profecias, ao meſmo tempo acabronhando os meus receios.

§. XVII.

Matriculei-me em fim no meu quinto anno, e continuei tranquillo, vendo as minhas lições, fazendo as minhas fabbatinas, e tudo o mais concernente á minha obrigação: mas no meio

meio deſta felicidade tive o deſgoſto de ſer teſtemunha da morte ſentida do maior de meus amigos: era eſte D. Joaquim de Lima, Fidalgo o mais amavel, e que nos ſeus annos não ſe contava outro que podéſſe igualar-lhe: huma febre podre, ſobrevinda ás ſuas bexigas, me privou a mim, e a muitos de hum bemfeitor que então tinhamos, e teriamos ainda agora! Eu não pude deixar de ſer ſenſivel, e na Ecloga que apreſento, ainda que mal, ſempre indico a minha dôr, e as ſuas raras qualidades: he ſem dúvida que nos meus dias de Coimbra conhecí muitos Fidalgos, e todos me obrigárão com o ſeu agrado, e com o ſeu dinheiro, e valimento; mas D. Joaquim de Lima, até me poupava o acto de pedir: elle parece que vigiava ſobre as minhas precisões, porque elle até como que as adivinhava: o ſeu caracter eſcuſa pintar-ſe: toda Coimbra ſe conſternou com a ſua morte, porque ella correſpondeo

á ſua boa vida: ſerio, e grave, ſem ſoberba: eſmoler ſem vaidade: aſſeado ſem affectação, applicado ſem deſvanecimento, valedor ſem capricho, eſte era o caracter do amigo que eu choro, e que chorou huma Cidade inteira, pouco amiga de Eſtudantes: os ſeus condiſcipulos lhe fizerão humas decentes Exequias, e eſte he outro argumento do ſeu optimo caracter, e que entre elles, e elle havia o deſejo de ſaber, ſem entrar a rivalidade: eu a offereci a ſeu irmão D. Lourenço, e agora a offereço impreſſa a todos os meus, e ſeus amigos: tinha por Epigrafe

Occidit, & miſero ſteterat vigeſimus annus,
Tot bona tam parvo clauſit in orbe dies.

Prop. Lib. 3. Eleg. 18. v. 15.

ECLO-

ECLOGA DEPLORATORIA.

Francino, Fido, e Umbrano.

Franc.

AQui onde a triſteza me encaminha
Os mal ſeguros paſſos, tanta pena
No pranto deſaffogue a Muſa minha.
As Crôas de Cypreſte, e de verbena
Minha frente rodêem: rouca lyra,
Cedamos ao que o noſſo fado ordena.
A mão tremula, e fria as cordas fira,
E canto melancolico pregôe
O deſgoſto mortal, que a alma reſpira.
Deſuſadas cantigas hoje entôe
Hum ditoſo Cantor mudado em triſte;
E a Muſa triſte em ſeu auxilio vôe.
Eis o boſque divino! entre elle exiſte
O ſepulcro medonho, que eu procuro,
E a que tu, morte, horrenda o conduziſte!
Mas lá naquelle ſitio mais eſcuro
Deſcubro hum Mauſoléo, cuja eſcritura
Se abrio de novo ſobre o jaſpe duro.
Aqui jaz certamente, ó mágoa dura!

He

He eſte o lugar triſte: ah não me engano!
Afflicto o coração batendo o augura.
Ah pedra, ah dura pedra! hum tigre hircano
As lagrimas que eu verto, aqui daria,
Soletrando eſte Nome de Limano.
Saudoſo nome, em quanto a luz do dia
Eſtes olhos ferir, ſerás motivo
Da minha mais cruel melancolia.
Ah Limano gentil, ſe em quanto vivo
Foſte a cauſa do meu deſcanſo, e gloria,
Morto és cauſa do meu tormento activo.
Farei, cantando a tua amarga hiſtoria,
Vôar além do túmulo medonho,
De tão raras virtudes a memoria.
Mas que penſo? que digo? em fim que ſonho?
Cuido que ouves meus ais, que me reſpondes,
Que vês os ſacrificios que eu diſponho:
Quando agora talvez que a Eſtygie ſondes,
Aportando aos Elyſios venturoſos,
Aonde para ſempre a nós te eſcondes!
Ah Limano, meus fados rigoroſos
Me darão neſta pedra, que te occulta,

Magoado assumpto aos cantos maviosos.
Doze dias cad'anno a Musa inculta
Virá chorar-te aqui, onde descansas,
Despojo da cruel, que tudo insulta!
Tu, Morte, monstro horrivel, que não cansas
Nos estragos, consola-te de hum corte:
Derribastes immensas esperanças.
A rogos dura, vês da mesma sorte
Cahir da curva foice ao rijo aceno
O descrepito velho, o moço forte.
Por isso foste bronze ao ar sereno,
Que brilhava no rosto do Limano
Com Grandes Grande, humilde co' pequeno.
Ah monstro injusto, barbaro, tyranno,
Como deixas as mãos vingar na terra,
Levando o Bemfeitor de todo o humano?
Pastores deste monte, e da alta serra,
O nosso companheiro, o nosso amigo
Para sempre esta dura campa encerra.
Das verdes faias nunca ao fresco abrigo
A dar-nos tornará lições prudentes

Mais

Mais que nós cuidadoso em nosso prigo.
De seus lábios já mais aqui pendentes
Ouviremos conselhos, que ditava,
Com pasmo, e confusão de idosas gentes.
Aquelle que benigno nos tratava,
Que a par de nós no bosque, e na campina
Leves danças á Lyra acompanhava,
Limano, cuja vida era bem di'na
De estender-se por seculos compridos,
Já pagou seu direito á Libitina!
Ai amigo fiel, e sem gemidos,
Hirei por esses campos, que pizámos,
Em práticas gostosas entretidos?
No bosque em que do Sol nos abrigamos
Sem lagrimas lerei tantos letreiros,
Que pelas faias lizas entalhamos?
Verei passar ao longe os teus cordeiros
Não te vendo após elles, sem que ao rosto
D'agua mandem aos olhos dois ribeiros?
Oh martyrio cruel, mortal desgosto!
Quem poderá já mais de ti lembrado

Dor-

Dormir em doce paz, comer com gosto.
Mas eu não choro só, todo este prado,
Na melhor estação dos verdes annos,
Te suspira de nós arrebatado.
O desgosto he geral, que os mais Serranos
Conhecem muito bem, que a nossa idade
Não he muito abundante de Limanos.
Sensiveis a mil provas de amisade,
Aqui vierão tristes levantar-te
Monumentos sinceros de saudade.
Aqui venho tambem afflicto dar-te
Huns signaes, de que existe no meu peito
Aquella dor, que reina em toda a parte.
Teu sepulchro, Limano, he campo estreito
Para em si recolher o amargo pranto,
Que tão justa saudade nos tem feito.
Que horror, que mágoa, confusão, e espanto
Sentírão velhos, moços, e meninos
Ouvindo a nova! que mortal quebranto!
Quando o fim de teus dias roucos sinos
D'altas torres á gente annunciárão,
Occupada em tornar-te os Ceos beni'nos,

Que

Que lúgubres gemidos não ſoárão!
Quaes os roſtos ferírão, quaes as tranças,
Na dor exaſperadas arrancárão!
Ao ſitio caminhando, em que deſcanſas,
Na pompa funeral, em tropel triſte
Te ſeguírão chorando, até crianças!
Ah Limano, memoria não exiſte
De Paſtor, que em teus annos deſte mundo
Partiſſe mais chorado, que partiſte.
Eu vi tudo tornar-ſe em dó profundo;
Vi as gentes paſmadas neſtes dias,
Quaes feridas de raio furibundo.
Mas lamentos fiéis, lagrimas frias,
Semblantes enfiados, tudo he prova
Das virtudes que pródigo exercias.
Mas ai que minha dor ſe me renova!
Quem ha de afflicta Mãi, quem Pai magoado,
Dar-vos deſte ſucceſſo a infauſta nova?
Com que roſto vereis aos pés lançado
As mãos pedir-vos Lauro afflicto, e triſte,
Sem ir já de Limano acompanhado?
Vós, que unidos entrar em caſa os viſte,

Com

Com que dor não vereis, que alli vos
falta
Hum dos fructos de amor, que produ-
ziſte?
Providencia maior, razão mais alta
Noutra parte deixou ſeu corpo frio,
Levando-lhe a alma, onde ella ſó ſe ex-
alta.
Ah Lauro, tu de Irmãos a honra, o
brio,
Tu lhe conta o ſucceſſo, inda que o
pranto
Por teu pállido roſto deſça em fio.
Conſola-os tu, tu meſmo dize quanto
Venturoſo trepou o ſeu Limano,
Deſta vida mortal ao Reino Santo.
Tu lho pinta cedendo a tudo o hu-
mano,
Abraçado de Chriſto á Santa Imagem,
Deteſtando do mundo o falſo engano.
Aſſevera-lhe o eſpirito, a coragem
A conſtancia Chriſtã, a confiança
Com que a Morte encarou neſta paſſa-
gem
Não duvides, meu Lauro, a mais te
avança,

Se-

Segura-lhes que o filho, que gerárão,
A' viſta do ſeu Deos em paz de[illegible]ança.
Mas, Limano, ſe todos te chorárão,
Inda os que te não vírão, que deſgoſto
Terão os que em ſeus braços te criárão!
Ah ditoſo de ti, que roſto a roſto
Os louvores a Deos no Empyreo cantas,
Ditoſa habitação de eterno goſto.
Triſtes nós, que rompendo redes tantas
Quantas arma eſte mundo, que deixaſte
Não entramos comtigo as portas ſantas.
Ah, Limano feliz, que lá vôaſte,
Ah miſeros de nós, que inda gememos
Nos laços, que valente eſpedaçaſte!
De Deos a Providencia em fim louvemos,
Que ſó aſſim no noſſo deſamparo
Algum allivio á magoa encontraremos.
Mas d'alli donde o boſque faz hum claro
Vejo vir dois Paſtores, hum he Fido,
Umbrino o ſegue, ſe he que bem reparo.
Como pelo ſeu roſto entriſtecido
Apparece a cruel melancolia,
Que as entranhas de todos tem ruido!
Aqui de traz deſta arvore ſombria

O seu pranto ouvirei que todo o humano
No seu mal appetece companhia.

Fido.

Vem, Umbrino, comigo, aqui desata
O pranto que reservas nesse peito,
Lamentemos o mal que a sorte ingrata,
Quer a mim quer a ti, cruel tem feito.
Aqui tens o lugar medonho, e triste,
Onde o nosso Limano sombra existe.

Umbrino.

O' pedra venturosa, que em teu seio
Escondes hum Pastor, que dar ao mundo
Exemplos de virtudes raras veio!
Nunca sejas de raio furibundo
Desatado das nuvens offendida,
Té que os ossos te peça em melhor vida.

Fido.

Ai amigo Limano, e quem diria,
Que tão sedo a ventura te roubára,
O que o sangue, e sabor te promettia!
Quem de fim tão funesto se lembrára,
De teus annos viçosos na carreira,
E na estação da idade lisongeira!

Um-

Umbrino.

O mundo he terra vil, terra mofina;
Creſce nelle o que he máo, o bom ſe extingue;
Toda a planta de caſta peregrina
He difficil que neſta terra vingue:
Os máos produzem nella d'anno em anno,
Mas era bom, finou-ſe o bom Limano.

Fido.

Infeliz de quem perde o que a ventura
Me fez nelle perder! melhor me fora
Deſcer no meſmo inſtante á ſepultura,
Pois não ſentíra o mal que ſinto agora!
Theſouro d'entre as minhas mãos roubado,
Sem ti que ha de fazer hum deſgraçado?

Umbrino.

O cordeiro perdido da manada
Afflicto bala, porém delle póde
A cara Mãi no boſque ſer achada,
E faltando hum Paſtor outro lhe acode.
Mas na falta do Amigo, que perdemos,
Onde, ó Fido, outro igual encontraremos?

Fi-

Fido.

Cuidava agora vêllo meigo, e brando,
Mais humilde que nós, a noſſo lado
Em couſas proveitoſas converſando,
Riſonho ſempre, ſempre ſocegado!
Mas foi louco ſonhar da fantaſia,
Porque elle já não vive, he ſombra fria!

Umbrino.

Tambem na minha idéa afigurava,
Que da lira tomando, em ar riſonho
A cantar novos verſos me chamava!
Mas tudo he puro engano, tudo he ſonho
He fraqueza d'huma alma ſem conforto,
Como póde chamar-me, ſe he já morto?

Fido.

Sim he morto, e morreo tambem com elle
Todo o noſſo prazer: onde acharemos,
Quem tal candura no ſeu peito a zele?
Nem nós ſabemos inda o que perdemos!
O tempo moſtrará, que nos ſeus gyros
Dará nova materia a mais ſuſpiros.

Umbrino.

Entorna, Fido, a taça desgraçada,
E esse leite espumante regue a terra;
Enrama de verbena amargurada
O mausoléo, que o nosso Amigo encerra.
Com lagrimas depois seu nome escreve,
E roga que lhe seja a terra leve.

Fido.

Tu de roda do túmulo semêa
Ramos crespos de Cedro: arroja, Umbrino,
Essa taça, que tens de azeite cheia,
Junto á pedra, em que o guarda o seu destino,
E o seu nome tambem co'pranto escrévé,
E roga que lhe seja a terra leve.

Umbrino.

Em quanto, amado Fido, as claras fontes
Correrem para o mar; em quanto as flores
Nos tornarem vistosos estes montes;
Em quanto vir aquelles resplandores,

Com

Com que o Sol marca as horas d'anno em anno
Me lembrarei do nome de Limano.

Fido.

Ai Umbrino, só quando a noite escura
Vencer em luz ao claro, e alegre dia;
E os cordeiros fugirem da verdura,
Dos lobos procurando a companhia;
Só então (pódes crer-me, oh meu serrano)
Então me esquecerei do meu Limano.

Umbrino.

Sim pastor, já que sempre activo, e forte
Por nosso bem olhou, quando era vivo,
Em quanto vivos formos, sua morte
Será das nossas lagrimas motivo.
Aqui ternos suspiros lhe traremos,
E puros sacrificios lhe faremos.

Fido.

Pois eu prometto, em quanto pelas veias
O quente sangue meu sentir pular-me,
Vir dar-lhe aqui cyprestes ás mãos cheias.

Umbrino.

E eu em quanto poder aqui guiar-me,
Virei ſempre o ſepulcro guarnecer-lhe
Das rôxas flores, que poder colher-lhe.

Fido.

Mas não vês hum paſtor, que alli ſósinho
Co' aquella faia pállido, e aſſuſtado,
Nos olha de ar ſombrio, e entriſtecido.

Umbrino.

Sim bem vejo, he Francino deſgraçado,
Que tambem deſditoſo cá viria
Ao que nos trouxe o noſſo duro fado.

Fido.

De quantos vivem neſta margem fria,
Ninguem com mais razão perdida chora
Do bom Limano a amavel companhia.
Converſava com elle a toda a hora;
Na ſua choça tinha franca entrada
N'alta noite, e ao naſcer da rôxa Aurora.
Roſto a roſto na lyra marchetada
Os cantos lhe dizia, que ordenava,

El-

Eſpreitando nos montes a manada.
Alli comia alegre, alli brincava,
E valía rogando a muita gente,
Que tanto em ſeus favores abundava!
Mas elle ahi vem, e o roſto deſcontente
He leal teſtemunha do tormento,
Que ſem remedio algum ſeu peito ſente.

Umbrino.

Vem, Francino, de tanto ſentimento
Companheiro infeliz, e ao caro Amigo
Levantemos ſaudoſo monumento.
Deſte boſque ſagrado ao triſte abrigo
Hum ſepulcro já tem; mas nós queremos
Em noſſos corações dar-lhe hum jazigo.
Se tu queres tambem, fiéis votemos,
Que em quanto reſpirarmos, neſte dia
O ſepulcro enramar-lhe aqui viremos.
Em tom fúnebre, em rouca ſymphonia
Faremos, com que os Ceos vão tornando
Choroſa, e lamentavel melodia,

Francino.

O teu voto me apraz: aqui chamando
O ſeu nome adoravel, a memoria
Das virtudes lhe iremos dilatando.

De

De nós a netos paſſe a larga hiſtoria
Da ſua vida, e morte precioſa,
Reſpeitavel padrão da ſua gloria.
E eſta vida, que trago duvidoſa
De alongar-ſe, gaſtalla em fim deſejo
Co' hum'alma, que de mim foi tão cuidoſa.
Mal ſabes tu, paſtor, que males vejo
Preparar-me a ventura ſem Limano
Nas minhas dependencias junto ao Téjo.
Com todos vós foi terno, meigo, e humano,
Mas comigo, ſe tudo vos diſſeſſe,
Dirieis tinha hum Deos n'hum tal ſerrano.
Em fim neſte Limano, que merece
Tanto pranto, perdí conſelhos puros,
Venturas altas, ſólido intereſſe.
Perdí os fundamentos mais ſeguros
De algum dia poder quebrar triunfante
Da ſorte, que me opprime, os laços duros.
Perdí quem me dictava a todo o inſtante
O que eu fazer devia, e quem me tinha
Neſta orfandade miſera abundante.
Ah Limano, que barbara, meſquinha

Deſ-

Desventura, já forte, e confiada
Por ver me faltas, para mim caminha.
Desditoso de mim, que a bem fundada
Esperança, que tinha em ti, Limano
Esta campa comtigo tem cerrada.

Fido.

A tua dor he justa; mas, ferrano,
Se o pranto nada faz á nossa queixa,
Aos queixumes não soltes mais o panno.

Umbrino.

Sim Francino, as lembranças tristes deixa,
Que o destino inflexivel, e implacavel
Os ouvidos a nossos prantos feixa.
Debalde o companheiro mais amavel,
O mais fiel Amigo, aqui choramos,
Depois de entrar na campa formidavel!
Pois por mais terno pranto que espalhamos
A'quelle, que huma vez a urna encerra,
Com súpplicas á vida não tornamos.

Francino.

Ao menos neste pranto dado á terra

Al-

Allivío gram parte do tormento,
Que no peito me faz contínua guerra.
Nem dos annos o tardo movimento
Meu roſto enxugará; antes veremos
Novas cauſas a novo ſentimento!
Nos revezes contínuos acharemos
As provas evidentes da ventura,
E das grandes vantagens, que perdemos!
Era muito hum paſtor daquella altura
Ter ao lado dos Reis paſſados annos,
Olhando-nos com riſo, e com ternura.
Mas em fim noſſos fados inhumanos
Aſſim o decretárão, 'ſtão primeiro
Os decretos dos Deoſes Soberanos.

Fido.

Mas o Sol já de traz daquelle outeiro
Vai o roſto eſcondendo; vem, Francino,
Buſcar algum deſcanço liſongeiro.

Franc.

Vamos ſim, caro Fido, amado Umbrino
Deixemos neſtes ſitios de ſaudade
Os oſſos deſcançar daquelle di'no
Paſtor, que adorno foi da noſſa idade.

§.

§. XVIII.

Feſta para aqui, paſſeio para acolá: hida a Obidos, verſos a Joſina, cantigas para hum, gloſas para outro, aſſim cheguei ao fim do meu quinto anno; e como eſtava em lugar muito remoto, apromptei todos os meus papeis, e com licença de fazer a formatura no anno ſeguinte, montei a cavallo, e fui para Obidos deſcançar, e divertir-me: e aqui finda eſte Capitulo.

CAPITULO III.

§. I.

ENtregue á felicidade de ver-me quaſi Doutor da Aldêa, e na poſſe dos agrados, e amizade da minha Joſina, paſſava eu dias ſerenos: mas como os trabalhos ſe ſuccedem huns a outros, vierão ſubſtituir aos antigos as ponderações do meu pequeno eſtabelecimento, ſuppoſta a renitencia, em que meu Pai eſteve ſempre, de dar-me qualquer couſa que

foſſe: tudo iſto eu adoçava, confiado na Providencia, e em lhe pôr os meios, lembrado, de que quem me havia ſuſtentado até então ſem meio, tambem o continuaria a fazer, medeando a minha banca. A eſte meu eſtado, e confiança compuz neſſa occaſião os verſos, que vos apreſento, contemplando-me feliz na minha pobreza.

Aqui da rocha mais alta,
Em que remata eſte outeiro,
E onde eu paſſo contemplando
Toda a noite, e o dia inteiro,

Entre as immenſas manadas
Deſtas Aldêas viſinhas,
Nem duas rezes ao menos,
Deſcubro que ſejão minhas.

Nem huma arvore ſómente,
Que pertencer-me ſe diga,
Nem de tão longas ceáras
Me toca huma ſó eſpiga.

Mas

Mas tenho neſta montanha
Huma lapa funda, e côva,
Aonde poſſo abrigar-me
Quando calme, ou quando chova.

Tenho os boſques providentes
Por todas eſtas montanhas,
Que me dão rubros medronhos
As bolotas, e as caſtanhas.

Tenho huma fonte perenne
Lá naquelle vale umbroſo,
Onde me lavo, e onde bebo;
Em me achando ſequioſo.

Sem recear ou dos homens,
Ou das féras a violencia
Corro os boſques, ſem mais armas,
Que a minha meſma innocencia.

Aqui livre de embaraços,
Ganho o veſtido preciſo
Das flautas que aos outros faço,
Dando tratos ao juizo.

De tudo, quanto ha no mundo,
Com natural deſapego,
Levo o dia, e paſſo a noite
Sempre no meſmo ſocego.

A' ventura dos mais homens
Não tenho a menor inveja
Pois ſe o ſeu muito lhes he pouco,
O meu pouco me ſobeja.

Só me affijo, quando vejo,
Que ſe affije o meu igual,
E ſe não poſſo valer-lhe,
Tambem lhe não faço mal.

Obſervo a Aurora riſonha,
E as luzes do firmamento,
E adoro eſſa mão Divina,
Que a tudo deo movimento.

Neſte tal, ou qual eſtado,
Em que ella meſma me tem,
Amo os homens, temo a Deos
O meu Rei, e mais ninguem.

§.

§. II.

Veio o tempo lectivo, e Joſé Pereira Caldas, meu bom amigo, quiz que eu foſſe ſeu companheiro para Coimbra: com effeito dado o dia certo, fui eu eſperallo a Santarem, de donde marchamos em boa companhia, e finalmente entrei pela ultima vez naquella Cidade, a fim de voltar com o honorifico ſello de minhas cartas, que ſervindo a todos de honra, a mim foi a coroa de tantos trabalhos, porque formar-ſe hum rapaz a deſpezas, e rogos de ſeus Pais, iſſo he velho: formar-me eu á cuſta dos amigos, e ſem inſtancias dos meus, iſto he novo.

§. III.

Penſei, que em chegando era logo aviado: mas ignorava que outros muitos havião ficado para ſe formarem em Outubro: pelo que eſtive empachado por hum mez: e como durante eſte tempo ſe brincou muito, vamos á ultima de minhas aventuras, e á bomba, com que acabou

bou o meu traque da Universidade.

§. IV.

Appareceo neste anno hum novato célebre no seu genero, e cujo nome não me lembra: este como recommendado a alguns Lentes, enthosiasmou-se de valido não só em Coimbra, mas na mesma Corte: dava com toda a facilidade cartas de empenho para os maiores figurões, com huma filaucia incrivel, chegando por esta fraqueza a fazer conhecida, e recommendavel a sua pessoa.

§. V.

Eu, que andava desoccupado, e me deo no goto a bisborria do tal amigo, perguntei a sua habitação, e nome, e com faculdade do seu Veterano lhe dispuz a mangação seguinte: armei hum par de quadrilheiros, cujos moldes escolhi, e forão entre outros Fortunato Amado, e Bartholomeo Montano: e munido de huma ordem, sem constar de Juiz,

e

e dos preciſos cordeis, lhe bati á porta, pelas nove horas da noite, enroſcado no meu traquete, e com eſpada ameaçadora debaixo do braço.

§. VI.

Dizia a ordem, que qualquer prendeſſe a Fuão, e conduziſſe á Cadêa da Univerſidade, por haver inſultado os Religioſos de Santa Clara: matava-ſe elle eſconjurando-ſe, que taes Religioſos não conhecia; e eu reſpondia-lhe com a ordem, e com os deveres de minha obrigação: como elle ſe não reſolvia a deſcer, fiz ſubir a patrulha carregada de eſpadalhos, e mandei que lhe deitaſſem cordão: aqui he que elle ficou paſſado, e pedindo que o levaſſem ao Miniſtro, e como homem de bem: eu franqueava-lhe iſto tudo: mas hum dos Officiaes, que era o Padre Joſé Pedro, formou ſólidos argumentos, e convenceo, que levallo ao Miniſtro ſim, mas que ſempre debaixo de cordão; e para que ſe verificaſſe a ſua tenção, deitou-lho lo-

logo, e lhe amarrou as mãos atraz das coſtas.

§. VII.

Sahimos nós com eſte embrexado da rua do Correio, paſſamos ao Collegio Novo, deſcemos pela rua das Figueirinhas, e fomos com elle em procura do Miniſtro, que andava de ronda no Bairro das Olarias: a lama por alli he em demaſia, e nós affaſtando-nos della o mettemos por quantos chafordeiros havia, e o Miniſtro ſem apparecer: até que para desfecho, pactuei com elle dar hum tanto para os Officiaes, e que ſe foſſe fugindo: cahio na corriola, e eu deſatando-lhe as mãos me deixei ficar atraz com elle, e mal partio, gritei logo, fugio o prezo.

§. VIII.

A eſta voz voou atraz delle hum ſem número de calháos, de maneira que elle como hoſpede na terra, não ſabendo conduzir-ſe a ſua caſa, metteo-ſe em huma taverna, aonde tomou piloto, a quem pagou para o conduzir.

§.

§. IX.

Quando nos doeo nas noſſas conſciencias de o havermos deixado naquelle deſarranjo, e já depois de havermos convertido a multa em ſequilhos, e ponche, fomos huns por hum lado, outros por outro, e não foi poſſivel achar novas do dito potro: caminhamos a ſua caſa: bati á porta, e perguntei por elle, a tempo que eſtava ceando; ouvio a minha voz, e apenas a ouvio, lançouſe por huma janella para hum telhado, aonde eſteve á chuva, todo o tempo que foi baſtante, para eu lhe comer a cêa.

§. X.

O tal Novatinho, paſſando por huma rua ouvio fallar, que o Malhão tinha naquella noite prezo hum Novato, que lhe tinha feito, e acontecido: tira-ſe de mais cuidados, e na ſua aula perguntou a hum viſinho já mais antigo, de que Juizo era Meirinho o Malhão: o outro entendendo, que era mangação futura,

reſpondeo-lhe que era da Univerſidade, e mais do Corregedor: foiſe logo o Novato queixar da innocencia da prizão, e o ſeu protector paſſou a ſaber diſto em caſa do Vice-Reitor, que lhe reſpondeo, que elle não mandára prender ſemelhante Eſtudante: paſſou a caſa do Corregedor, o qual lhe diſſe o meſmo. Eis ſenão quando declara o Novato, que quem o havia prezo, fora o Meirinho Malhão: logo o ſeu Protector lhe diſſe que então era peta, e inveſtida, porque o Malhão era hum Eſtudante, e não Meirinho: cuſtou elle a perſuadir-ſe diſſo, porém affiou a funçanata, e com effeito, com o pretexto de ter havido ordem, e extorquição da Patente, ou mais talvez por liſongear a peſſoa que o havia recommendado, ſuccedeo o ſeguinte.

§. XI.

Paſſou o Vice-Reitor ordem para eu ſer prezo, e recommandou iſto muito ao Meirinho; e quando eu

ás oito horas da manhã hia tomar ponto para a Formatura, chegou-se a mim o Meirinho, e deo-me a parte de prezo: respondi-lhe que hia tirar ponto, e que bem prezo ficava com elle: neste tempo chegou o Lente que mo hia dar, que era o douto, e amavel Senhor Barrozo, a quem contei a historia: voltou elle a casa do Prelado, e só concluio, que se quizesse tirasse o ponto, mas que havia ir para a cadêa.

§. XII.

Não tive eu dúvida nisso, e com effeito, visto que havia estar aquelles dias encerrado em casa, fui com o meu ponto, estudar para os ferros da Universidade, de donde com toda a pompa sahi a fazer a minha Formatura, que com effeito foi lustrosa, e merecí naquelle dia a ultima approvação de meus Mestres.

§. XIII.

Eu pensei, que dalli hiria para casa, mas succedeo pelo contrario, pois tornei para a cadêa, porque o

Vice-Reitor havia dado conta da minha prizão, e crime ao Reformador Reitor, e só por ordem sua he que eu podia ser solto: fui com effeito, e como fui eu? em duas alas de Estudantes com os pretos na dianteira tocando *os maravia* nos seus clarins, e eu atraz com os Lentes, e Oppositores, que me assistírão, honrando-me não só até á Formatura, mas até á porta da cadêa, aonde estive os meus oito dias: mal que sahi, cuidei nas minhas Cartas, alluguei besta, e partí para a minha casa.

§. XIV.

Eis-aqui, meus Leitores amigos, e inimigos, os meus acasos, contados sem affectação de estilo: tudo são verdades, e huns sabem de humas, os outros das outras: bem alcanso que o Público podia escusar huma semelhante Obra, mas eu não podia escusar-me della; e o que não faz mal aos outros, e a mim me aproveita, he licito que eu o faça.

§.

§. XV.

Agora para inteiro complemento da minha palavra, aqui vos offereço a terceira, e quarta Parte do Paſſarinho, gandaiada no borrão que appareceo, mas com ſuas faltas: e logo depois as Poſthumas de meu irmão, tambem annunciadas; e não lhes ponho rubricas, porque ignoro as razões dellas. Regalai-vos, e cuidai de completar a boa extracção, que aſſim animareis a minha penna, o que algum dia vos dê fructos mais bem ſaſonados.

O PASSARINHO.

PARTE III.

I.

SE não me engana o deſejo,
Alli d'aquelle raminho
Parece-me ouvir cantando
O meu terno paſſarinho.

II.

He elle; e apenas me vio,
Posto nos pés adejando,
No movimento das pennas
Parece estar-me chamando.

III.

Meu Passarinho, as saudades
Disfarçá-las mal podemos,
No mal, e no bem nos lembra
Sempre a terra em que nascemos.

IV.

Eu te desculpo voltares
A' tua pátria. porém
Já que tive esta ventura,
Dá-me novas do meu Bem.

V.

Que faz, em que pensa Nize?
Inda permitte o destino;
Que occupem sua alma terna
Lembranças do seu Francino?

VI.

Inda quando do Regaça
A margem fulva paſſêa,
De Francino eſcreve o nome
Co' dedo branco na arêa?

VII.

Ainda, quando ſuſpira
Nos inſtantes d'amargura,
O nome do ſeu Francino
Com ſeus ſuſpiros miſtura?

VIII.

Mas tu ſoltas pios triſtes
Virando-me o bico eſquivo?
Da novidade que inculcas
Não me occultes o motivo.

IX.

Se Nize me foi perjura,
Como eu de teu geſto infiro,
Dize-o; que o meſmo fez Marcia,
Cuſtou-me, porém reſpiro.

X.

Conta, ſem dó de minh'alma,
Quanto ſe ha por lá paſſado:
Os infortunios não matão,
Quem foi com elles creado!

Paſſarinho.

Quanto me cuſta, Francino,
Expreſſar a traição crua;
Nize, porque'inda ſuſpiras,
Nize cruel, não he tua.

XII.

Já d'outro Paſtor eſcuta
As finezas mavioſas,
Já ſem rebuço lhe beja
Os dedos, e as mãos mimoſas.

Francino.

Foi poſſivel? poſſo crê-lo?
Que me dizes? ah perjura!
Onde eſtão votos tão fortes?
Aonde eſtá tanta jura?

XIV.

Dize, amavel paſſarinho,
O meu mal do ſeu começo,
Por eſtas lagrimas triſtes,
Tão triſte hiſtoria te peço.

XV.

Mas como te póde ouvir
Teſtemunha deſta affronta,
Pouſa-te aqui no meu braço,
E tudo á riſca me conta.

Paſſar.

Triſte Paſtor, não quizera
Magoar-te o coração;
Mas como teu pranto empenhas,
Ouve a fatal narração:

XVII.

„ Depois que te vim trazer
„ Noticias de Nize bella,
„ E deixei os pátrios campos
„ Pela ventura de vê-la.

XVIII.

XVIII.

» Junto da fonte, onde a ingrata
» As tardes hia paſſar,
» De pranto orvalhando as flores,
» De ais triſtes enchendo o ar.

XIX.

» Entre os loureiros viçoſos,
» Que a rodeão, me aſſentei;
» E os paſſos de Nize bella
» Por longo tempo obſervei.

XX.

» Ainda em ſua alma pura
» Francino ſó reſidia,
» E quando em ti ſe fallava
» Seu pranto ao roſto deſcia.

XXI.

» Mas... ó tyranno momento!
» N'huma tarde, que aſſentada
» Eſtava á ſombra d'hum freixo,
» Co' a face na mão nevada.

XXII.

» Chegou-se hum Paſtor riſonho,
» Com todo o garbo veſtido;
» E nella fitando os olhos,
» Lhe diſſe dando hum gemido.

XXIII.

Nize bella, quanto he juſto
Proves o fel do deſtino;
Já que indiſcreta te déſte
Toda ao amor de Francino!

XXIV.

Que eſperas tu infeliz
Deſſe Paſtor deſgraçado?
Ah ſe tem lições d'Amor,
Não tem lavras, nem tem gado!

XXV.

Não o vês mendigo, pobre
Expulſo do lar paterno,
Sem ter, que lhe creſte a calma,
Nem leve a chuva do inverno?

XXVI.

A iſto reſpondeo Nize:
Menalca, a ti te parece,
» Que não póde haver Amor,
» Sem ſer filho do intereſſe?

XXVII.

» Pois eu d'outra ſorte penſo:
» E o Amor que he verdadeiro,
» Deixa bizarro hum rebanho,
» Pelo valor de hum Cordeiro.

XXVIII.

» Aſſim meſmo abandonado,
» Perſeguido como o vejo,
» Não deſcubro ſobre a terra
» Outro mais do meu deſejo.

XXIX.

Ah Nize (diſſe Menalca
Deſcendo-lhe ao roſto o pranto)
Se como a Francino adoras,
A mim me adoráras tanto.

XXX.

XXX.

Então... e a falla tremente
Na garganta ficou muda,
Vendo que afflicta a Paſtora,
Para o lado os olhos muda.

XXXI.

E depois de eſtar penſando,
Immovel por hum bocado,
Chegando-ſe mais de perto,
Lhe diſſe em tom confiado.

XXXII.

Trezentas ovelhas minhas,
Encalvecem eſtes montes;
Com quarenta bois de canga
Seco os rios, ſeco as fontes.

XXXIII.

Tenho cabana ſubida,
Por maiores habitada;
Serás de tudo Senhora,
Dando-me eſſa mão nevada.

XXXIV.

Decide a tua ventura,
Que Francino aſtuto calca,
E por huma vez eſcolhe,
Ou a Francino, ou Menalca.

Franc.

Que lance, em que póde Nize,
Fazer grande o nome ſeu!
Não me demores mais, dize
A qual de nós eſcolheo!

Paſſar.

A Menalca, com horror
Das aves que iſto eſcutárão:
E tremi; e as claras aguas,
Da fonte hum pouco parárão!

Franc.

Que importa ter Jove os raios,
Que na rubra mão ſe accendem,
Se impunes ſe fazem velhos,
Os ímpios que os Ceos offendem.

XXXVIII.

Não digas mais, que debalde
Co' valor huma alma conta,
Eſcutando, ou vendo lances,
Que cedem em ſua affronta.

XXXIX.

Aconſelha-me, aveſinha;
Em tanta dor me diviſo,
Que tendo razão mais alta
De teus conſelhos preciſo.

XL.

Sim cruel, ſim aleivoſa,
Succumba Amor á razão;
Ella moſtra, que inda ganha,
Quem perde o teu coração.

XLI.

Eu antevejo, eu te juro,
Que mais dia menos dia
Hão de os Deoſes juſticeiros,
Caſtigar-lhe a aleivoſia.

XLII.

Augure a cruel, augure
O ſeu futuro deſtino;
E veja, como inda Marcia
Chora o perdido Francino.

XLIII.

Mas de que ſerve queixar-me
No mal, em que o peito luta,
Se não ſe farta o deſejo!
Ah que a falſa não me eſcuta.

XLIV.

Quero, aveſinha, eſcrever-lhe,
Quero-a de tudo accuſar;
Eſta Carta, a derradeira,
Has de lha tu entregar.

XLV.

Foſte fiel menſageira
Das ternuras; eu te rogo,
Queiras ſer a teſtemunha
Do meu juſto deſaffogo.

Paſſar.

Não, Francino, quando eu vi
O premio dos teus pezares,
Jurei pela Aguia de Jove
Não voltar a taes lugares.

XLVII.

Já quaſi que enamorado
Naquelle paiz me tinha,
Já huma ave, por ouvir-me,
Junto áquella fonte vinha.

XLVIII.

Vendo porém, que as Paſtoras
Alli tão mudaveis são,
Diſſe comigo mil vezes,
As aves, que taes ſerão.

XLIX.

E vendo chegar-ſe o tempo
Do meu ninho fabricar,
Vim procurando o Mondego,
E jurei de não tornar.

Franc.

Fazes bem, e moſtra ao mundo,
Que inda ſendo huma ave rude,
Faz em ti mais impreſsão,
Que fez em Nize a virtude.

LI.

Mas já que aos rogos de hum triſte,
Tens ſido tão favoravel,
Não queiras deſamparar-me
No lance mais ponderavel.

LII.

E certo de que te moves,
Aos ternos ſuſpiros meus,
Eu vou eſcrever á falſa,
Até nos vermos, a Deos.

PARTE IV.

I.

JÁ' do Sol os raios dourão
Esses remotos outeiros,
Já pela relva mimosa
Saltão balando os cordeiros.

II.

Em cantilena alternada,
Vão de raminho em raminho
As aves mansas; mas'inda
Não vejo o meu passarinho.

III.

Dar-se-ha caso que não queira...
Mas enganei-me, e pulsando
As leves pintadas pennas
Vem este sitio buscando.

IV.

Aqui te aguarda, avesinha,
Esta alma de penas farta,
Que velou a noite inteira
Ordenando a triste Carta.

V.

De ti sómente a confio,
E peço por compaixão,
Que só a largues do bico
Dessa perjura na mão.

VI.

Mas porque póde talvez
Zombar de novo comigo,
E o meu justo desaffogo
Guardar astuta comsigo.

VII.

Sê tu fiel testemunha
Das expressões, com que a trato;
Vê como ensina a razão,
Tratemos hum peito ingrato.

VIII.

Em muita pauſa ta leio;
Vê ſe a concebes na idéa,
Para que poſſas cantá-la
A's gentes da minha Aldêa.

IX.

Preſenciaſte qual foi
Deſte amor a recompenſa?
Preſencêa de que modo
Sei vingar a minha offenſa.

X.

Mal que ao Regaça aportares,
Quanto ſabes manifeſta,
Expõe o meu deſaggravo,
E a letra da Carta he eſta:

XI.

Se o novo Amor que domina
Em teu coração ferino,
To permitte, lê, traidora,
Letras do triſte Francino.

XII.

Vê, ſe as conheces no talhe,
Pois deſmentem do que tratão;
Se antes tratavão de amores,
Agora offenſas relatão.

XIII.

Então no liſo papel,
Me enſaiava amor tyranno,
Agora a penna me rege
O candido deſengano.

XIV.

Quem eras tu, quando Amor,
Urdindo a minha deſgraça,
Te apreſentou a meus olhos
Nas campinas do Regaça?

XV.

Huma ſingela Paſtora,
Que nada mais poſſuias;
Que meia duzia de ovelhas,
Que pelos montes regias.

XVI.

XVI.

Nada mais te conheci,
Por tua, ou minha deſgraça,
Do que o fatinho do corpo,
E a cabana pobre, e eſcaça.

XVII.

He verdade que eu tambem
Mui pouco tenho de meu,
Mas o ſer rico, ou ſer pobre
São providencias do Ceo.

XVIII.

Neſte eſtado te agradei,
Neſte eſtado me agradaſte,
E ſe eu não mudei de eſtrella,
Para que me abandonaſte?

XIX.

Não me diſſeſte mil vezes,
Em terno pranto banhada,
Que ſó na minha choupana
Serias affortunada?

XX.

E que de quantos Paſtores
Na noſſa Aldêa vivião,
Além de Francino, os outros
Em geral te aborrecião?

XXI.

Pois porque pode Menalca
Merecer-te amor tamanho?
Porque tem ſubida choça,
E rege hum vaſto rebanho?

XXII.

Tudo iſſo são bens da ſorte,
Ella que os dá, ella os tira,
E a Fortuna liſongeira
De modos diverſos gyra.

XXIII.

Tu não viſtes, que Fabricio
Era o mais rico da Aldêa,
E que hoje, nem hum ſó grão
Em terra ſua ſemêa?

XXIV.

Não viſte o meſmo Menalca,
Paſtorando o gado alheio,
E por mudança do tempo
Ter de bois o curral cheio?

XXV.

Daqui devias penſar,
Que ſe Menalca tem mais,
Eu com fortuna podia
Contar rebanhos iguaes.

XXVI.

Ah que da feia mudança
Eſta não foi a razão,
Fizeſte niſſo o que fazem
As da tua condição!

XXVII.

Que eſſe tempo em que as mulheres
A fé ſabião guardar,
Era bom, mas foi-ſe embora,
E já não ha de tornar.

XXVIII.

Não penſes que o teu deſprezo
Me fez em raiva accender,
Cuſtou-me, não ſei negá-lo,
Porque eu ſube-te querer.

XXIX.

Eu não te amava zombando,
Morri por ti, podes crêr-me,
Mas hoje, vê quanto poſſo,
Cheguei de tudo a eſquecer-me!

XXX.

A couſa mais deſprezivel,
Da mais baixa eſtimação,
E a Nize, que terno amava,
Devem-me a meſma paixão.

XXXI.

Se d'antes de conhecer-te,
Te víra d'outro nos braços,
O coração no meu peito
Se me faria em pedaços.

XXXII.

Agora, quando Menalca
Foſſe hum meu grande inimigo,
Que mais queria, que vê-lo
Paſſar a vida comtigo!

XXXIII.

Mas faz-me tamanho horror,
Hum perjuro coração,
Que delle, e qualquer que te ame,
Tenho juſta compaixão.

XXXIV.

Se acaſo, Nize, preſumes,
Que eu fallo de ſentimento,
Bem como tu me enganaſte,
Te engana o teu penſamento.

XXXV.

Mais ditoſo eſtar não póde
O ditoſo naufragante,
Que toca a praia ſeguro
Do bravo mar inconſtante,

XXXVI.

Do que eu me vejo, perjura,
Levantando as mãos ao Ceo,
Por conhecer-te, inda a tempo
De me livrar de ser teu!

XXXVII.

Tomára topar-te já,
Onde choroso te vi,
Para a veres a frescura,
Com que me rio de ti.

XXXVIII.

Outro fora, que indiscreto
Me entregasse á minha dor;
Mas eu no meu sangue frio
Tomo despique melhor.

XXXIX.

Pois sem me affligir a mim,
Póde ser que te consuma,
Reflectindo, que o perder-te
Me não causa pena alguma.

XL.

Não porque eu deseje ver-te
De agudas penas cortada,
Pois inda que hoje me deixas,
Tu já foste a minha amada.

XLI.

He de justiça com tudo,
Que arranques do peito os ais,
Não por gloria de Francino,
Mas para exemplo das mais!

XLII.

Ah Nize! e quando tu vires
Quantas prendas me tens dado,
Postas no peito, em trofeo
De hum peito desenganado?

XLIII.

Não te has de lembrar das juras
Que tão sisuda fizeste?
E dos votos, que inflammada,
Firmastes, quando m'as déste?

XLIV.

He forçoso, porém faze
De conta, que tudo he nada;
Que forão lances de Amor,
Mas em hora desgraçada.

XLV.

Que eu tambem de mim Senhor,
Lhe faço essa mesma conta,
Sem ter o menor remorso,
Que isto ceda em minha affronta.

XLVI.

A Deos, Nize, e fica certa,
Que do teu genio traidor,
Não só te não peço contas,
Mas dou as graças a Amor.

XLVII.

Pois basta para despique,
Ver, cruel, teu coração,
Nessa Aldêa a quem mais der,
Como fazenda em leilão.

XLVIII.

Terno te amei, duro fujo
Enganos que encontro em ti;
E ſe para mim morreſtes,
Suppõe que tambem morri.

XLIX.

Aveſinha, vai ligeira,
E depois me contarás
O caſo que eſta perjura
Do meu deſengano faz.

Paſſar.

A Deos, Francino; eu prometto,
Mal que o papel lhe entregar,
Dizer aos teus patriotas,
Quanto delle me lembrar.

LI.

E as azas equilibrando,
Verei meu ninho querido,
Trazendo a fiel noticia
De quanto houver ſuccedido.

OBRAS POSTHUMAS
DE
ANTONIO GOMES
DA SILVEIRA MALHÃO.

SONETO I.

NUm ſitio, que ornáo, variadas flores,
Que ſem arte puzera a Natureza,
Tentando á força huma arriſcada empreza,
Amor punha por orde' os ſeus Amores:

Marilia, a quem huns olhos matadores
Eſcudáo ſua indomita fereza,
Entrou no campo, e em vez de ficar preza
Triunfou de Cupido, e ſeus furores!

Deſgraçada da fraca humanidade,
Porque fica ſugeita á deſventura
De ſoffrer mais tyranna Divindade!

Amor tinha alguns dias de brandura,
Porém Marilia, que ama a crueldade,
Não tem inſtante, em que não ſeja dura.

SO-

SONETO II.

COa minha Lilia Amor brincando hum dia,
Ora os olhos formoſos lhe beijava,
Ora as tranças de roſas lhe ennaſtrava,
Ora o ſeu roſto com ſeu roſto unia:

Humas vezes finezas lhe dizia,
Outras preza em ſeus braços a apertava,
Porém Lilia em reſpoſta lhe tornava,
Eſtas palavras, que eu de longe ouvia:

„ Não te canſes, Amor, o meu Alcino;
„ He quem domina hum coração amante,
„ Que me deo felizmente o meu deſtino:

Amor paſma! por ver não he baſtante
O throno, o ſceptro, e ſeu poder divino
Para hum peito mudar terno, e conſtante!

SONETO III.

TEm Armenia huns cabellos ondeados,
Com q̃ os ventos brincando as vistas prendẽ;
Com teus olhos gentis as almas rendem
Os Amores entre elles disfarçados:

Os jasmins com as rosas misturados
As bellas Graças por seu rosto estendem;
Dos rubros beiços os desejos pendem,
Por seu halito doce sustentados.

No alvo collo, na cintura airosa,
Mostrou quanto podia a Natureza,
Que depois de os formar ficou vaidosa!

O Ceo que a vio, por completar a empreza,
Fez que viesse huma alma virtuosa,
Animar inda mais tanta belleza.

SONETO IV.

ENtre vivas esperanças, e temores
Junto aos olhos formosos de Tircéa,
Quaes abelhas em roda da colmêa
Vi hum dia os terniſſimos Amores:

Huns tremendo lhe ennastrão d'alvas flores
A trança, que no eburneo collo ondêa,
Ardendo outros em chamma, que ella atêa,
Bafejando lhe accendem mais as cores.

Quiz cantá-la, corri a mão na Lyra;
Mal ouve as cordas, e conhece o canto,
Deixa os Amores, para mim se vira:

Os ternos moços o sentírão tanto,
Que o sitio, onde Tircéa alegre os vira,
Indá hoje banhão de saudoso pranto.

SONETO V.

A Caſo julgas, que hão de ſer conſtantes
Eſtes dias gentís, que vês raiando?
Cuidas que as Graças com Amor brincando
Sempre hão de rodear noſſos ſemblantes?

Vê, Tireéa, que os rapidos inſtantes
Huns ſobre os outros, ſem ceſſar gyrando,
Vão prezos a ſeus ferros arrojando
Os apreſſados annos inconſtantes!

Antes que chegue a macilenta idade,
Que ſevéra desfolha as freſcas flores,
Naſcidas na riſonha mocidade;

Quebremos as cadêas dos temores,
Deſſe a noſſos deſejos liberdade,
Nutrão-ſe em nós terniſſimos Amores.

SO-

SONETO VI.

VEndo morto o prazer, o Amor perdido,
E do frio Sicheo a fé manchada,
De accuſadores erros inſultada,
Tremendo vâga a furioſa Dido!

Ora quer arrojar de amor ferido
O tenro peito ſobre a Teucra eſpada;
Ora acode á Cidade incendiada,
Pelos zelos de Jarbas deſabrido.

Té q̃ vendo de hum lado o amor mal pago,
E do outro lado a indomita vingança,
Frenetica temendo hum novo eſtrago;

Raſgando as veſtes, deſgrenhando a trança,
Por entre as chammas da infeliz Carthago,
Chamando Eneas com furor ſe lança.

SONETO VII.

EM quanto ſobre o leito deſditoſo,
O froxo corpo Alcino revolvia,
E da ſua Marilis repetia
O dulciſſimo nome ſaudoſo:

Amor ante os ſeus olhos cuidadoſo
Hum a ſcena brilhante offerecia,
E no largo theatro apparecia
De Nynfas hum exercito luſtroſo.

Alcino, lhe dizia o Deos de Amores: =
„ Eſcolhe d'eſtas, que Marilis bella
„ Repartio já comigo os ſeus favores?

Diz-lhe Alcino: o prazer feliz de obtê-la,
„ Talvez poſsão roubar-me os teus rigores,
„ Mas não a gloria de morrer por ella!

SO-

SONETO VIII.

Por entre as pardas nuvens do futuro
Já Marilis gentil, scintilla o dia,
Que ha de trazer na sua companhia
Os verdugos crueis deste Amor puro!

Já divisо com passo mal seguro
Os olhos baixos cheia de agonia
A lugubre saudade, que me envia
O decreto fatal do tempo duro!

Qual bruta penha, aonde o mar rebenta,
Resistamos ao bando dos cuidados,
Que em nosso pranto o seu rancor sustenta:

Sulquemos estes mares empolados,
Póde ser, que do seio da tormenta,
Amor nos salve, contra a mão dos Fados!

SONETO IX.

AInda vivo abri hum bravo toiro,
Arranquei-lhe as entranhas fumegantes,
Lancei-as ſobre chammas crepitantes,
Fiz Amor Sacerdote deſte agoiro:

Compridas veſtes, recamadas de oiro,
Cingio co' hum cinto cheio de brilhantes,
Largou primeiro os ferros penetrantes,
Depois ornou-ſe de virente loiro.

Vê Amor, lhe diſſe eu: ſe a rês queimada
„ Algum preſagio venturoſo augura,
„ Na diſtancia cruel da minha amada!

Marilis reſpondeo: ſerá tão pura,
„ Que ha de amante guardar a fé jurada,
Até que chegue á fria ſepultura!

SONETO X.

AI minha Amada, que já vão murchando
As Capellas, que as frentes nos ornavão!
As goſtoſas prisões, que nos ligavão,
Já ſe vão por ſi meſmas deſatando!

Já ſe vem para nós encaminhando
Os dias, que os Amores agoiravão;
Quando ſobre o teu peito s'encoſtavão;
Suas loiras madeixas deſgrenhando!

Que remedio, meu bem, o tempo chega,
O triſte Amor, tremendo vacillante,
Aos ferros da ſaudade as mãos entrega!

Ao menos ſê-me tu ſempre conſtante,
Em quanto a auſencia á minha viſta nega,
A preſença feliz do teu ſemblante.

SO-

SONETO XI.

AMor nem sempre nega os seus ouvidos
A voz afflicta de hum fiel amante,
Que junto d'elle vôa a cada instante
Nas azas de ternissimos gemidos:

Nem sempre os Ceos, de negro horror vestidos,
Negão ao mundo a luz do Sol brilhante;
Muitas vezes escapa hum doce instante
A's máos de imigos fados desabridos!

Sim caros moradores de Cythéra,
O meu tormento, que eu julgava eterno,
Cede á constancia, que em minha alma impera

Se Marcia foi perjura, hoje governo
Tircéa, a quem o Ceo benigno déra
Mais bello rosto, coração mais terno!

ODE I.

A Antonio Caetano de Freitas.

CAro Freitas, pedaço da minha alma,
Meu doce amigo, reſto precioſo,
Que eu apenas ſalvei d'entre as ruinas
Do contrario deſtino!
Com que ſocego hum throno perderia!
Porém perder-te, ó Ceo! tu bem conheces,
Que na minha balança peza menos.
O mundo, que hum amigo!
Tu inda ha pouco viſte a mão do Fado
Arrancar-me pedaços das entranhas!
Mas tua reflexão, tua preſença
As chagas me curarão!
Se ſe apaga o farol, que me guiava
Nos empolados mares da fortuna,
Acabarei, qual lenho eſpedaçado
Dos ventos ſibilantes!
O bem da humanidade te convida;
Tu não és ſurdo á voz da Natureza,
Mas olha, que a amiſade he mui zeloſa
Da viſta de ſeus filhos!

As

As nuvens vomitando acceſos raios,
Tremendo a terra nos antigos eixos,
Não abalão minha alma, quanto a abala
O ſuſto de perder-te!
Mal ſabe o avarento, quando a ſorte
Lhe furta d'entre os braços os theſouros,
Que inda ha no mundo mais terriveis ſcenas,
Perdas mais lamentaveis!
Quem neſte boſque emmaranhado, e eſcuro,
Habitado por ſordidos abuſos,
Me ha de pôr no caminho embaraçado
Da candida verdade?
Tu no meio da noite tenebroſa,
Eras a tocha da razão brilhante,
Que na borda dos ingremes penhaſcos
Me evitava os perigos!
Eu tremo, ó Ceos, o coração ſe gela
Erriça-ſe o cabello, o ſangue pára!
Eſtes são nuncios da terrivel morte,
Sim a morte não tarda!
Mas ah que a voz do caro Freitas ſôa!
» Nos revoltoſos mares da ventura,
» O conſtante Varão arroſta firme
» Os viſinhos cachopos.

Sim

Sim eu ſou homem; ſe he dos homens todos
Herança certa a morte trabalhoſa,
Como eſtranho a partilha, que tem feito
Comigo a Natureza?
Doce amigo, conſerva na lembrança
Amar a Pátria, ſer o bem dos homens,
Morrer pelos amigos, deixar pura
A poſthuma memoria!

ODE SAFICA.

NÃo tenho lavras, nem poſſuo quintas,
Aonde colha, na ſazão doirada,
Loiras eſpigas, rubicundos pômos
Para brindar-te.
Ricas alfaias, mageſtoſos tectos
Não teve Homero, nem Virgilio os teve!
As ſacras Muſas habitar coſtumão
Toſcos alvergues.
Mas, ſe tu queres amoroſos verſos,
Puros deſejos, eſperanças vivas,
De mim vôando, nas pintadas aſas
Amor tas leva.

Ah não lhe moſtres carregado o roſto
Aperta-os meiga no nevado peito,
Suſtenta-os terna, com ſurriſos doces
Amante os beija.
Em troco delles hum ſuſpiro brando,
Ainda quente de teu vivo fogo,
Derreta o gelo, que em minha alma prendem
Frios temores!
Magros receios, que piando agoirão
Nublados dias, huma vez, batendo
As negras azas, reſpirar me deixem
Hum ar mais puro
Mortal não vejo, que ao ſôar teu Nome
O não reſpeite, como lei dos Fados!
Se tu mandares, choveráõ prazeres
Sobre meu peito!
Ah não deſprezes inceſſantes rogos,
Que aos teus ouvidos, como verdes heras
Se enrolão juntos, a pedir-te o premio
Dos meus amores.
Não julgues, Marcia, que a belleza perdes,
Por não torrares com traveſſos olhos,
Nas crueis aras do mortal deſprezo,
Puras finezas!

Ve-

Venus formoſa nada alcança irada!
Porém ſe o pranto ſua face orvalha,
Amaina as iras, que excitára Juno
No ſacro Jove.

ODE III.

ENtre os braços da languida preguiça,
Coroado de verdes dormideiras,
Elgoto ſequioſo o nectar doce
Do placido ſocego.
Ternos Amores, brincadoras Graças,
Em roda de mim, ſoltão brandos hymnos,
Que entre hum bando de idéas amoroſas
Me prendem os ſentidos!
Ligada com prizões de rubras flores,
Tircéa no meu peito a face encoſta,
Receando acordá-la, me palpita
O coração com ſuſto!
Em quanto dorme, fervidos deſejos
Apinhados nos ares, ſe conſpirão
Contra o reſpeito, que acordado a zela,
Qual Argos vigilante!

Os

Os molles ſonhos, levemente poſtos
Sobre a teſta nevada, o véo deſdobrão
Em que a ſcena goſtoſa lhe apreſentão
De futuros prazeres.
Em vivas eſperanças engolfada,
Dando credito aos ſonhos, ſe eſpreguiça
E ao deſpertar, prendendo-me nos braços,
Bem diz a fantaſia.

ODE IV.

EM quanto envolto
No meu tormento,
Entrego queixas
Ao ſurdo vento;

Tu ſobre o leito
De molles flores,
Que em torno cercão
Brandos Amores;

Pois que Erycina
Te enrama a frente,
E Amor te inflamma
N'hum eſtro ardente;

Pin-

Pinta huma Nynfa
D'olhos tão bellos
Que a meſma Venus
Paſme de vêllos.

Pinta-lhe as faces
De lacar vivo,
Raiando entre ellas
Hum riſo eſquivo.

Finge que aos beiços,
De eſtranha graça,
Branda ternura
Rindo ſe abraça.

Põe-lhe no collo,
De Amor theſouro,
Sem ordem ſoltas
As tranças d'ouro.

Mas não, não pintes
A minha Amada,
Que Amor ma furta,
Se a vir pintada!

ODE V.

GUião-te as Muſas
Ao Sacro Monte,
E dão-te a Lyra
D'Anacreonte.

No ar ſuſpenſos
Brandos Amores,
Em quanto a affinas,
Derramão flores.

Em roda as Graças
De ti vôando,
Com meigos riſos
Vão-te inſpirando.

De Chypre a Deoſa,
Co' as mãos mimoſas
Te cinge a frente
De myrto, e roſas.

Antes que toques,
N'hum breve eſpaço
Amor te enſaia
Na Lyra o braço:

Em quanto cantas,
Eſtão ſahindo
D'entre teus beiços
As Graças rindo.

Tudo te moſtra,
Doce Cantor,
Quanto he ditoſo,
Quem louva Amor!

ODE VI.

TOdos os dotes
De mais belleza,
Que tinha occultos
A Natureza,

Dos aureos cofres
Amor furtou,
E unindo-os todos
Marcia formou.

Sahio-lhe a obra
Tão rara, e bella,
Que Amor, formando-a,
Paſmou de vêlla!

Depois contente
Por lhe ter feito,
Tão lindo o roſto,
Tão alvo o peito,

Deo neſte dia,
Geral perdão
Aos que gemião
No ſeu grilhão.

Mas s'Amor terno
Todos ſoltou,
De novo Marcia
Os captivou!

ODE VII.

CAra Josina,
Teu lindo rosto,
Inspira n'alma
Suave gosto.

O Deos de Samo
Não he mais bello,
Nem tem mais loiro
O seu cabello.

Raia em teus olhos
Luz soberana,
Venus comtigo,
E Amor s'engana.

Rosto de neve,
Beiços rosados,
Faces de lácar,
Dentes nevados,

Mi-

Mimo das Graças,
D'Amor rival,
Não tens no mundo
Nenhuma igual!

EPISTOLA

Ao Illuſtriſſimo Senhor Sebaſtião Joſé de Sam-Payo Mello e Caſtro.

MUitos, caro Sam-Payo, me perſeguem,
Que ao ſom da Lyra nos meus verſos cante
Varões, que de Mavorte os paſſos ſeguem:
Porque Lyſia de novo o mundo eſpante,
Querem, que d'entre as ſombras do paſſado,
Hum terrivel Pereira ſe levante!
Mas não poſſo, Senhor, não me foi dado
O eſtro deſſes dois, que eternizárão
O Teucro piedoſo, o Grego ouſado!
Inda as ſábias Camenas não formárão
Pa-

Para mim huma crôa, inda com ella
Minha frente groſſeira não ornárão.
Horacio, vigilante ſentinéla
D'aquelles, que o conſultão noite e dia,
De graves precipicios m'acautéla!
Se eu ſeguiſſe o furor, ſem outra guia
Mais, que o cégo deſejo, que m'inflamma,
Que enormes producções, que abortaria!
Camões, quando cantou o forte Gama,
Já tinha a calva fronte encanecida,
Já devia comprar vindoira fama.
Será Muſa infeliz, a que inſoffrida
Seus vôos eſtender, por longos ares,
Sem que eſteja de pennas reveſtida.
Rodeado de ſuſtos, e pezares
Mil vezes ſe verá, o que atrevido
Sulcar aventureiro alheios mares.
Eſſe Monte, de loiros guarnecido,
Aonde as Filhas de Helicon habitão,
He por duros eſpinhos defendido.
Eu o vejo de cá, ellas me gritão,
E tendo-me moſtrado a longa eſtrada,
De lá me chamão, a ſubir me incitão.
Mas eu meço a diſtancia, e comparada
Com a minha fraqueza, paſmo, e tremo,

E ſeu doce convite não me agrada.
Os riſcos já conheço, os riſcos temo,
E de ver tanta gente arrebatada,
Sentido do ſeu mal comigo gemo.
Se huma arte cauteloſa ſopeada
Não tiver a fogoſa Natureza,
Em erros cahirá precipitada!
Ha verſos, que já naſcem com belleza,
Mas vem taes, que he preciſo torneá-los,
E limá-los dë falhas, e dureza.
Outros vem, que o melhor ſera quebrá-los,
Ou fundi-los de novo, ou ir com geito
Sobre a dura bigorna exprimentá-los.
Quem trabalha nas Artes ſem preceito,
Depois de muitas lidas, e ſuores,
Quanto fructo lhe naſce he com defeito.
Mas eu não dou preceitos; mil Authores
Deſde os Gregos 'té nós, já tem preſcripto
Sobre eſta Arte divina as leis melhores.
Eu confeſſo, Senhor, que aſſáz m'irrito,
Quando vejo perder na tenra idade,
Hum bem naſcido, delicado eſprito!

En-

Este fogo voraz da mocidade
Deve ser moderado, mal rebenta,
Com as sérias lições da sã verdade.
Em vista deve ter todo o que inventa,
Que ás vezes a abrazada fantasia
Com disformes abortos nos contenta!
O Escritor prudente até vigia,
Para emendar nas horas socegadas,
O que fez nos momentos de alegria.
Tanto custão no campo a ser obradas
Acções grandes, ao lado de Mavorte,
Quanto custão na Lyra a ser cantadas!
Aquelle, que levar além da morte,
Por armas, ou por versos sua gloria,
Nada tem que invejar d'humana sorte.
Hum bom Poema, huma gentil victoria,
São os Numes só dignos de occuparem
As santas Aras d'immortal memoria!
Se das suas venturas se lembrarem
Achilles, e Homero juntamente,
Tem a mesma razão de se jactarem!
O Poeta, que erguer no mundo a frente,
Coroado dos loiros com a rama,
Iguala ao Rei no solio reluzente.

De-

Desejoso, Senhor, desta alta fama,
já sobre os livros tenho ao Ceo rogado,
Que talhando-me em vós hum novo Gama,
Seja hum novo Camões de mim formado.

SEXTINAS.

I.

A Vós, saudosas margens do Mondego,
Costumadas a ouvir de Ignez as queixas,
A vós afflicto o meu queixume entrego,
Que as minhas chagas são das mesmas flexas!
E tu, Marilis, se he que tanto pódes,
Ouve o meu pranto, já que não me acodes!

II.

Depois que Amor, usurpador tyranno
Deste reino feliz da liberdade,
Vestido com as roupas do engano,
Sobre as aras corruptas da amisade,
Jurou fingidos votos de ternura,
Nunca mais vi o rosto da ventura!

III.

Não me queixo de ti, alma divina,
Pois que tu dos meus erros não tens culpa!
De Amor me queixo, porque a errar m'ensina,
E depois os meus erros não desculpa!
Mas agradeça o ímpio á Natureza
O throno, que lhe deo sobre a fraqueza!

IV.

IV.

Eſta bruta fraqueza, que fundando
Nos molles coraçõēs ſeu reino auſtero,
Unida das paixõēs ao torpe bando,
Maneata a razão ao carro fero;
Terrivel mal, inſupportavel damno,
A que tem condemnado o peito humano!

V.

Sim, Marilis gentil, depois que amante,
Mas amante infeliz, amei teu roſto,
Não cahe ſobre os meus dias hum inſtante,
Que não venha coberto de deſgoſto!
A lugubre carreira de meus dias,
Vai tropeçando em novas agonias!

VI.

Cada vez que me lembra eſſe momento,
Em que vi os teus olhos matadores,
Entre gẽſtos de brando ſentimento,
Promettendo terniſſimos amores,
O peito ſinto repaſſar de mágoa,
O triſte roſto ſe me arraza d'agoa.

VII.

VII.

Ah Marilis, Marilis! quem diria,
Que hum amor ſó nutrido com brandura,
Tendo apenas naſcido morreria,
Entre os braços cruentos d'amargura!
Infelices de nós, ſomos forçados
A ſervir mais ao mundo, do que aos Fados!

VIII.

Entrava a renovar em noſſos peitos
Eſta doce paixão, que nos mantinha;
Já entre groſſa chuva de reſpeitos
Correndo para nós o medo vinha,
Semeando, entre candidos amores,
Suſpeitas vivas, infiéis temores.

IX.

Amor, que n'outro tempo apparecia,
Entre eſquadrões de riſos amoroſos,
Hoje tem por amavel companhia,
Receios triſtes, ſuſtos pavoroſos!
Todo o prazer, que lhe animava o roſto,
Tornou-ſe em ſombra de mortal deſgoſto!

X.

Aquella doce voz, com que entretidos,
Largas horas nos tinha conversando,
Transformou-se nos lugubres gemidos,
Que vão dispersos pelo ar vôando!
Té que opprimidos de mortal tormento,
As azas fechão, exhalando o alento!

XI.

Os clarissimos dias de ventura,
Coroados de flores graciosas,
Vierão terminar sua doçura
Em noites de tristezas pavorosas!
Nas quaes, por entre o seio do negrume,
Fuzila ás vezes rabido ciume!

XII.

Aquella doce fonte de ternura,
Onde a sede de amor mal se fartava,
Que vertia huma lymfa doce, e pura,
Que mais sede nas almas dispertava,
De todo se seccou, morrendo á sede,
Em vão este alimento o peito pede.

XIII.

Eſta Scena feliz eſtá cercando
Hum groſſo véo de intoleraveis dores;
Noſſo ingrato deſtino vigiando,
Sendo chéfe cruel de impios rigores,
Promette aos Deoſes, de ſe unir aos Fados,
E fazer noſſos dias deſgraçados!

XIV.

Conſtancia, minha Amada, huma alma terna
As iras dos deſtinos põe de parte,
Hum coração conſtante até governa
De Jove os raios, o furor de Marte!
A longa experiencia tem moſtrado,
Que póde mais Amor, que o duro Fado!

FIM.

Fim do 3 tomo